

***A Vida de DEUS
na Alma do Homem***

OU

**A Natureza e a Excelência
da Religião Cristã**

REV. HENRY SCOUGAL

Professor de Teologia na Universidade de Aberdeen

ACRESCIDO DE
Regras para uma Vida Santa
Formuladas pelo arcebispo Leighton



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287 – 01059-970 – São Paulo, SP
www.editorapes.com.br

Título Original:

The Life of God in the Soul of Man

Primeira edição em inglês:

1739

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Capa:

Sergio Luiz Menga

Primeira edição em português:

2007

Impressão:

Imprensa da Fé

APRESENTAÇÃO DA PRESENTE EDIÇÃO

A edição de Scougal, da qual esta é uma transcrição, foi a única que chegou ao nosso conhecimento. Impressa desde 1739, tem o prefácio original completo do bispo Burnet e as *Regras para uma Vida Santa*, de autoria do arcebispo Leighton. Acredita-se que é uma cópia da primeira edição, a qual foi impressa sob as vistas do autor.¹ A recomendação de dois nomes como Burnet e Leighton é suficiente quanto a qualquer livro; mas este recebeu a recomendação dos mais eminentes cristãos durante quase duzentos anos. O Rev. Dr. Gairden, em seu sermão pregado nos funerais do Sr. Scougal, diz: “Quem quer que considere a importância do assunto deste livro – sua clara representação da vida e do

¹ Há mais de cem anos, Maria Stuart, que, com muitos outros que tinham esse mal-fadado nome de família, foi exilada da sua terra natal, a Escócia, trouxe para a Virgínia um exemplar da obra de Scougal, o qual caiu nas mãos da sua filha, a Sra. Alexander, do condado de Príncipe William. O famoso “Pároco Weems” tomou emprestado esse exemplar com o propósito de imprimi-lo na América. Isso foi feito na Filadélfia, em 1795. Tendo sido queimado o exemplar original no escritório, o Sr. Weems o substituiu por um exemplar da nova edição, tendo-se dito à Sra. Alexander que se tratava de um fac-simile do exemplar trazido por sua mãe, Maria Stuart, e é desse exemplar que se fez a presente reimpressão.

espírito da religião verdadeira e suas graças, a exposição dos motivos mais eficazes para alcançá-la e, juntando-se a isso, a eloquência natural do estilo – quem quer que o considere importante não pode deixar de ser sensível à sua grande utilidade”. O Dr. Wishart, diretor do King’s College, de Edimburgo, publicou uma edição deste livro em 1739 com um prefácio no qual diz: “Desde quando eu tive a felicidade de tomar conhecimento deste livro, venho bendizendo a Deus de coração pelo benefício que trouxe à minha alma, e tenho desejado ardorosamente que tão precioso livro tenha um lugar em todas as famílias”. Depois de falar longamente sobre suas excelentes qualidades, ele conclui recomendando-o a todos aqueles sobre os quais ele tem alguma influência, à florescente geração de moços e aos seus mais jovens colegas de ministério, “com a esperança de que o minucioso exame do livro melhore as suas noções do que seja a real bondade e piedade da qual eles devem ser exemplos para os seus rebanhos. E, imagine, meus irmãos, quão ruborizados havemos de ficar ao sabermos que o digno autor deste livro o compôs antes dos vinte e sete anos de idade! Que vibrante estímulo à nossa religião lhe veio como sua recompensa antes de completar vinte e oito anos!”

Em 1805, foi publicada outra edição na Filadélfia, com o registro de alta recomendação assinado por James Pilmore, Ashbell Green, William Rogers, William Staughton e muitos outros de diferentes corporações religiosas.

ÍNDICE

PREFÁCIO	11
Breve nota sobre a vida do Rev. Henry Scougal, M.A.	23

PRIMEIRA PARTE

A ocasião deste discurso	25
Erros sobre a religião	36
O que é religião	37
Sua permanência e estabilidade	38
Sua liberdade e seu caráter não obrigatório	39
A religião é um princípio divino	42
A vida natural – o que é	43
As diferentes tendências da vida natural	44
A vida divina – em que consiste	47
A religião é melhor entendida pelos atos do que pelas palavras	51
O amor divino exemplificado em nosso bendito Salvador	51
Sua maneira diligente de executar a vontade de Deus	52
Sua paciência em suportá-la nas aflições	52
Sua devoção constante	54

Seu amor para com os homens	54
Sua pureza	56
Sua humildade	58
Oração	60

SEGUNDA PARTE

A excelência e a vantagem da religião	63
A excelência do amor divino	64
As vantagens do amor divino	64
O valor do objeto a considerar	67
O amor requer retorno recíproco	69
O amor divino requer que o seu objeto esteja presente ...	70
O amor divino faz-nos participantes de uma felicidade infinita	71
Para quem ama a Deus, todas as Suas dispensações são agradáveis	72
Os deveres da religião lhe são deleitosos	73
A excelência da caridade e do amor universais	74
O prazer que há neles	75
A excelência da pureza	77
O deleite que ela propicia	77
A excelência da humildade	78
O prazer e o encanto do temperamento humilde	80
Oração	82

TERCEIRA PARTE

Sentimentos de desânimo que podem surgir naqueles que são despertados para uma correta percepção do sentido da religião	85
O caráter irracional desses temores	87
Devemos empregar nossos máximos esforços e então confiar na assistência de Deus.....	94
Devemos evitar toda espécie de pecado	94
Devemos aprender quais são as coisas e práticas pecaminosas	95
Devemos considerar os males do pecado e resistir às tentações para pecar	95
Devemos vigiar constantemente a nós mesmos	100
Devemos examinar freqüentemente as nossas ações	102
Devemos refrear-nos mesmo na prática de muitas coisas lícitas	103
Devemos reforçar-nos para não amarmos o mundo	105
Devemos praticar conscienciosamente ações inspiradas pela religião e ordenadas a nós.....	108
Devemos esforçar-nos para conceber atos internos de devoção, caridade e outros semelhantes	110
Ponderada consideração é um grande instrumento da religião	111
Devemos considerar a excelência da natureza divina, para que nasça em nós o amor divino	114
Devemos meditar freqüentemente na bondade e no amor de Deus.....	117

Para que nasça a caridade, devemos lembrar que todos os homens têm estreita relação com Deus	120
Devemos reconhecer que eles têm a imagem de Deus ..	121
Para nascer a pureza em nós, devemos considerar a dignidade da nossa natureza	122
Devemos meditar muitas vezes nos gozos do céu.....	123
A humildade surge da consideração das nossas fraquezas	124
Pensar em Deus faz com que tenhamos o mais humilde conceito de nós mesmos	125
Oração: outro instrumento da religião – A oração mental é muito proveitosa	126
A religião progride pelos mesmos meios pelos quais começa – O uso freqüente do santo sacramento	128
Oração	129

PREFÁCIO

Esta época geme sob a sobrecarga de tantos novos livros que, embora os numerosos bons livros recentemente publicados estabeleçam equilíbrio, compensando o grande enxame de livros ruins, ou ao menos desnecessários. Contudo, em geral os homens se queixam do cargo e da inquietação desnecessárias sob as quais o excesso de novos livros os colocam. A verdade sobre isso é que a imprensa se tornou um comércio, e as prensas têm que ser mantidas em ação, de modo que, se houvesse um só livro mau a descartar, o responsável poderia ser tentado a mantê-las operando.

E, quanto a livros de devoção e piedade, temos visto ultimamente tantos excelentes volumes em nossa língua que, talvez, nenhuma época ou língua possa mostrar algo igual. Nesses a religião cristã é apresentada em suas cores verdadeiras e naturais e é libertada daquelas falsas representações que muitos são capazes de fazer dela, como se a religião cristã consistisse de realizações externas, ou de corações maquinalmente voltados para a fantasia, ou em abraçar algumas opiniões ou interesses. “É seu propósito fazer-nos semelhantes a Deus, tanto no temperamento

interior das nossas mentes como em toda a conduta e em todo o procedimento – e outra coisa não pode ser!”. Com esse fim em vista, Cristo viveu e morreu; essa maneira de ser e de proceder Ele ensinou por Suas palavras e demonstrou em Sua vida. Ele morreu para expiar o pecado, e não somente nem principalmente para obter o nosso perdão, algo que Ele fez visando um fim mais amplo, isto é, que, sendo oferecida mediante a Sua morte uma isenção universal, toda a humanidade fosse incentivada por esse meio a entrar num curso de santa obediência com todas as possíveis vantagens decorrentes disso, tendo diante de si as esperanças da felicidade imorredoura e os temores das misérias eternas; sendo-lhe proposto a mais clara regra e o exemplo mais inculpável, e estando também seguro de suprimentos internos constantes para apoio e fortalecimento dos seus esforços, seguro também de uma inerrante providência para dirigir todas as coisas concernentes a ela.

Tampouco há preceito algum, em toda esta doutrina, cuja aptidão e real excelência, ao lado da autoridade do Legislador, que não nos faça bem, desde que seja cumprido completamente. Ora, desde quando cessaram os milagres, a veracidade dos princípios da religião natural e da revelação do conselho de Deus nas Escrituras nunca foi demonstrada com evidência mais completa e mais clara do que em nossa época. Isso ocorre, tanto para tapar a boca de todos os atrevidos como também para silenciar as dúvidas secretas das mentes mais inquisitivas. E embora tão sério assunto tenha sido mais prejudicado do que adornado pelos oradores de estilos forçados e caracterizados por fina

argúcia e por notável eloquência, a nossa linguagem nunca foi mais casta do que agora, sendo que estes assuntos têm sido manejados com todas as formas próprias e decentes de fácil destreza e de bom linguajar.

Mas, tendo dito isso, em que torrentes de pesar e de lamentação temos que irromper ao considerarmos a época em que vivemos! Sim, pois são poucos os que crêem nestas coisas grandiosas, ou nelas refletem. E, como se houvesse uma conspiração geral contra Deus e contra a religião, como pode ser que a maioria de nós rompe todos os laços e amarras desse jugo, que é suave e leve, e se deixa escravizar por tantas cobiças e paixões vis e nocivas? Eles não se contentam em ser maus quanto podem, porém desejam que o mundo os estime como sendo sadios, e se gloriam em sua ignomínia. Ocorre ainda que eles aumentam a culpa deles fazendo-se agentes do inferno e tramando para corromper todos os que estão ao seu redor. Essa triste visão das coisas só tem que afetar profundamente todos aqueles que amam verdadeiramente a Deus, ou sentem terna compaixão pelas almas dos homens; e certamente os move a lamentações secretas e a lutas com Deus, para afastar os pesados juízos que parecem pendurados sobre as nossas cabeças, e para que Ele, por Sua grande misericórdia, converta os corações dos arrogantes e desobedientes, fazendo-os voltar-se para a sabedoria dos justos.

Pois bem, enquanto Deus não Se levantar e não conceder ao Seu evangelho a bênção de maior sucesso, nada poderá ser tão eficaz para convencer o mundo da veracidade e da excelência da nossa fé santíssima como o

testemunho daqueles que a professam e a abraçam: andando em todo o rigor de uma vida realmente santa, inculpável e exemplar; mantendo o devido termo médio entre a exibição de rabugice e hipocrisia, e as leviandades da irreligiosidade e da insensatez. Este é o único argumento que está faltando para convencer o mundo da veracidade da nossa religião: todas as pessoas são mais influenciadas pelos exemplos vivos postos diante dos seus olhos do que por discursos ou arrazoados, por mais fortes e persuasivos que sejam. Um é apreendido mais facilmente do que outro, o que não prevalece sobre nós, só nos satisfazendo com eles depois de freqüentes e sérias reflexões. E quando ouvimos alguém falar bem, não temos certeza se ele pensa como diz, mas muitas vezes suspeitamos que ele está tão-somente exibindo a sua inteligência ou a sua eloquência à nossa custa, para persuadir-nos de algumas opiniões que talvez se provem lucrativas para ele. Todavia, quando vemos um homem seguir um constante curso de santidade nas situações mais penosas, que causam grande prejuízo aos seus interesses palpáveis, temos todos os motivos para acreditar que ele está real e zelosamente convicto dessas verdades – verdades que o envolvem nessa santa forma de proceder.

Passadas as épocas dos milagres, nada prevaleceu tanto no mundo como as vidas exemplares e os dolorosos martírios dos cristãos. Tais exemplos fizeram todo tipo de gente olhar com maravilhada admiração para a doutrina que operou tão poderosamente em todos os níveis sociais e que levantou pessoas dos mais rudimentares níveis de educação e de aptidão, do sexo mais fraco, e de tenra idade, para

agirem e sofrerem muito mais que os seus maiores heróis e os seus mais célebres filósofos jamais sofreram. E naquele tempo os apologistas, propugnando a religião cristã, recorriam às biografias dos cristãos para provar que a sua doutrina era santa, concluindo que não podia haver nada que não fosse bom na doutrina que fazia dos seus seguidores as pessoas que eles foram. Mas, infelizmente, quando escrevemos justificativas, temos que recorrer das vidas de muitos que fingem ser religiosos para os preceitos e regras da nossa fé santíssima, e temos que declinar da colocação da prova do cristianismo sobre esse ponto, e, embora, graças a Deus, existam belos e brilhantes casos que demonstram o poder da religião entre nós, lamentavelmente são muito poucos, e estes ficam ocultos na imensa mescla dos outros, que são muitos.

Os dois grandes preconceitos que podem ser chamados males dos Libertinos e dos Rufiões, e que se mostram duros contra a religião, são: primeiro, o preconceito daqueles que não vêem se os que professam crer nas verdades da religião vivem como homens que praticam a religião com santo zelo. No entanto, eu sei daqueles que diziam que criam que o grande Deus governa todas as atividades humanas e que tem conhecimento de tudo quanto fazemos, que Ele nos vai chamar a contas e compensará ou punirá os homens em conformidade com este ou aquele caso, colocando-os num estado interminável e imutável. Para eles não era possível viver como vive a maior parte dos cristãos, mas realmente renunciaram a todas as vaidades e extravagâncias deste mundo, dedicando-se

totalmente a uma carreira santa e íntegra em sua vida.

Segundo, o outro preconceito, o outro mal avesso à religião cristã, é que, quanto àqueles em cujo comportamento os tais Rufiões vêem pouca coisa que acusar, encontram, porém, grande causa de suspeita de que há algum propósito oculto sob sua vida religiosa e que esse mal oculto irromperá e virá à luz quando surgir boa oportunidade para isso. Então concluem que tais cristãos na verdade são em segredo tão maus como os demais pecadores, só disfarçando sua maldade com um comportamento mau, porém decente, ou que todos eles se esforçam como cristãos, visando esta ou aquela finalidade secreta. E se houver alguns aos quais eles não conseguem ligar nenhum dos dois tipos de mal acima descritos, sendo tal caso dificilmente possível, a não ser alguns que tenham resolvido dar razão a tais preconceitos, eles verão neles ou lhes atribuirão certas cores, e acabarão julgando tais pessoas como insociáveis e intratáveis. E esses preconceituosos acrescentam que vêem na postura física dos cristãos visados, ou na educação deles, tanta satisfação maligna como a dos que se entregam a loucuras desenfreadas e extravagantes.

Os preconceitos acima considerados, principalmente o primeiro, devem ser discutidos com reais refutações. A estrita conduta das nossas vidas, como também as nossas sérias e solenes devoções, deveria mostrar, mas nem sempre mostra, que somos soberanamente governados por uma vigorosa fé na autoridade daquela lei que rege todas as nossas ações. E também a nossa abstenção das imoralidades grosseiras não é argumento suficiente, visto que até

mesmo nelas a decência pode prevalecer. Não obstante, lamentavelmente, nunca houve tão poucos destes como agora, quando os insensatos generalizadamente zombam do pudor e do sentimento de pecado, como se isso não passasse da rabugice de uma educação rigorosa e desinteressada, mas que deveríamos abster-nos de todas aquelas coisas que estão por baixo da seriedade do cristão e que fortalecem uma geração corrupta em seus vícios.

Que é que significa o jogo que se vê o tempo todo, especialmente quando ligado a tanta avareza e paixão, como se dá geralmente, senão que as pessoas não sabem como dispor do seu tempo e, por isso, na melhor das hipóteses, são levadas a passá-lo na ociosidade? Que se dirá das multidões que vão aos jogos, “especialmente quando o estágio em que se encontram acha-se tão contaminado pelo ateísmo e por toda espécie de imoralidades”, senão que muitíssimas pessoas não sabem como preencher tantas horas do dia? Então esses artifícios servem para que elas desperdicem as horas, e elas sentem necessidade de encher seus olhos e ouvidos de objetos imorais que corromperão suas mentes, ou ao menos encherão sua imaginação de representações lamentáveis e odiosas. Como se não bastasse o desenvolvimento de maus pensamentos prontos a jorrar dentro de nós, isso precisa ser cultivado e melhorado com empenho e astúcia!

Que são aquelas perpétuas visitas, no dar ou receber das quais é gasta a melhor parte do tempo em que estamos despertos? E até que ponto são fúteis, no melhor dos casos, porém geralmente até que ponto as conversas mantidas

nessas visitas são nocivas, deixo com os que vivem nelas que verifiquem e o declarem.

Quanto tempo se gasta com vestuário supérfluo, para não mencionar aquelas indecentes artes de pintura e de outras invenções que corrompem o mundo, e tudo isso para alimentar a vaidade ou para acender a cobiça? E, depois disso tudo, muitos dos que vivem nessas coisas desejam ser considerados bons cristãos, são assíduos freqüentadores de igreja e participam do sacramento. Por que espantar-nos, então, se os nossos libertinos, ao verem tais coisas em pessoas que passam por muito religiosas, sendo tais libertinos dotados de argúcia suficiente para discernir que esse comportamento não se coaduna com a fé que deve ser avaliada por tudo o que praticamos – por que espantar-nos, se eles concluem que tais cristãos não crêem em sua religião, porque, se cressem, não se comportariam como se comportam? Algumas falhas, de vez em quando, não poderiam justificar essa dura inferência; mas o hábito e a prática corrente dessas coisas constituem um argumento contra a realidade dessa fé – argumento que, confesso, não posso contestar.

Mas, quando conseguimos escapar daquelas coisas que nos fariam culpáveis, isso longe está de ser tudo quanto nos é proposto que façamos. Não basta estar doente, é preciso estar bem, e expressar isto em todos os casos em que a nossa posição na vida e as circunstâncias o exigirem. Como? Fazendo o bem, perdando as ofensas, confortando todos os que padecem aflições, suprimindo as necessidades dos pobres, mas principalmente fazendo tudo o que pudermos para

promover o bem da alma de todos, intensificando o interesse que acaso tenhamos pelas pessoas, no sentido de despertar nelas a consciência de Deus e da outra vida. O motivo principal que oferecemos para isso tudo é um comportamento rigoroso e não fingido. Isso dará aos nossos discursos maior peso e força.

E quanto a outros preconceitos, certo é que não há barreira ou segurança contra a inveja e o ciúme. Não obstante, devemos evitar cuidadosamente tudo aquilo que lhes possa dar ocasião, como, por exemplo: toda conversa ou companheirismo secreto com pessoas suspeitas; fazer qualquer coisa que não possamos tolerar sem pecar, algo singular, ou que possa causar má fama a outros ou fazer que sejamos observados ou que falem mal de nós; e, numa palavra, evitar todos os gestos forçados ou modos de falar, e tudo quanto não seja natural e genuíno. Sim, pois, penssem os homens o que quizerem, nada que seja obrigatório pode se tornar natural assim, mas parecerá repulsivo ou falso aos outros, e isso fornece matéria para inveja ou para aversão, especialmente aos observadores curiosos e críticos.

Se houvesse muitos que vivessem da forma que recomendamos, os ateus ficariam mais convencidos dos fatos, ou ao menos mais envergonhados, e mais confusos – mais do que os escritos perspicazes ou os sermões mais bem elaborados os deixariam. Principalmente se o espírito de amor e bondade universal aparecesse mais visivelmente entre os cristãos, e as facções e as animosidades fossem postas de lado, visto que ambas enfraquecem os centros vitais da santidade e expõem os cristãos ao escárnio dos

seus adversários e os tornam presa fácil de todo e qualquer agressor.

Difícilmente haverá coisa mais inimaginável do que ver um grupo de homens que professam uma religião cujo grande e principal preceito é o amor mútuo aliado à tolerância, à mansidão de espírito, à compaixão por toda espécie de pessoas, e à harmonia em todas as coisas essenciais da sua doutrina, só divergindo em coisas menos importantes e mais discutíveis, e, todavia, mantendo essas divergências com zelo muito desproporcional ao valor delas, e perseguindo com toda a violência possível os que deles discordam, ou, se optam pelo uso da força externa com todo o amargor de espírito. Estes só podem causar assombro a todos os observadores imparciais e provocar grandes preconceitos contra a religião dessas pessoas, julgando-a caracterizada por contradições – professando amor, entretanto irrompendo em todos os atos de ódio.

Mas o que sinto profundamente sobre estas coisas me levou longe demais, sendo que o meu objetivo neste prefácio é apenas apresentar a dissertação que mais adiante se lerá e que foi escrita por um meu piedoso patrício. Foi escrito para uso de um nobre amigo dele, sem o menor propósito de torná-lo mais público. Outros que o viram foram fortemente tocados, tanto pelos excelentes propósitos nele contidos, como por sua clareza e delícia de estilo, seu método natural e sua brevidade, e desejaram que lhe fosse dado tornar-se um bem mais público. Sábedores então do meu interesse pelo autor, fui incumbido de decidir se o livro deveria ficar numa estante particular

ou se deveria ser divulgado amplamente.

Não fiquei muito tempo em dúvida, tendo-o lido e relido. E mais, sabendo tão bem quanto eu sabia que o autor não escrevera nada aqui senão o que ele sentia e conhecia bem, e conseqüentemente, sendo o texto uma transcrição daquelas divinas impressões que estavam em seu coração, espero que a narrativa, com sua real genuinidade, regozije e edifique o leitor. Sei que estas coisas têm sido apresentadas muitas vezes com superioridade de argumentação, sutileza e eloqüência, mas, quanto mais testemunhas concorram para selar estas verdades divinas com os seus testemunhos, mais provas serão dadas por tais meios.

Estou falando do relato de que o autor, tendo visto uma carta escrita por um amigo dele de grande honra, mas de maior dignidade, carta que falava da *Elevação e Progresso da Vida Espiritual*, como muitas coisas não foram tocadas nela, viu ele que, nas coisas que ambos diziam, havia uma harmonia tão grande que ele acreditou que os dois poderiam fortalecer-se mutuamente, e insistiu com o seu amigo em que ambos saíssem a público juntos. Como o outro o pressionou para que permitisse a publicação do seu discurso, ele não cedeu enquanto não assegurou o mesmo consentimento quanto ao discurso dele.

E assim o leitor tem os dois, um após o outro, e se espera que os examine com boa parte da mesma seriedade com a qual ambos foram escritos. E presumimos que, depois, o leitor não se arrependerá dos esforços que fez.

– G. BURNET

BREVE NOTA SOBRE A VIDA DO REV. HENRY SCOUGAL, M. A.

PROFESSOR DE FILOSOFIA E DE TEOLOGIA NA
UNIVERSIDADE DE ABERDEEN

O Rev. Scougal foi o segundo filho do Rev. Patrick Scougal e de Margaret Wemys. Seu pai foi bispo de Aberdeen durante mais de vinte anos, após a Restauração.² Sua irmã mais velha, Catharine, desposou Alexander Scrogie, bispo de Argyle, e Jane, a mais nova, foi a esposa de Patrick Sibbald, um ministro de Aberdeen. Henry Scougal, objeto desta nota, nasceu em junho de 1650. Foi um filho digno de um digno senhor. Seu pai é recomendado pelo bispo Burnet por sua pureza, humildade e brandura. “Ele era o pai comum de toda a sua diocese”, diz o bispo, “e era estimado pelos Dissidentes não menos que pelos Conformistas. Desenvolveu-se sobre os seus labores uma plêiade de homens que ainda trazem sobre si claras características

² Restabelecimento da monarquia na Inglaterra e Escócia, em 29 de maio de 1660, na pessoa de Carlos (Charles) II – pouco tempo depois da morte de Cromwell, ocorrida em 1658. Nota do tradutor.

do seu espírito e do seu temperamento”.

Ao que parece, as memórias prefixadas à apresentação das *Works of Henry Scougal* (Obras de Henry Scougal), foram compiladas de um sermão pregado em seus funerais pelo Rev. George Gairden, D. D., baseado no texto (de Filipenses 1:21): “Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro”. O referido sermão foi publicado pela primeira vez pelo Rev. Sr. Cockburn, ministro da Igreja de São Paulo, em Aberdeen, com a utilização dos originais autênticos. Esse sermão é um dos panegíricos mais artisticamente elaborados que já li. Evidencia-se que o pregador laborava com emoção e parecia considerar-se representante do pesar da Escócia por uma calamidade nacional. Apesar da sua longa extensão, deveríamos incluí-lo neste volume; na presente circunstância, devemos contentar-nos em extrair dele e de outras fontes alguns incidentes da vida do nosso autor que satisfaçam a curiosidade natural dos que foram ou são edificadas por seus escritos.

Seu pai o dedicou desde a sua infância ao serviço de Deus no santuário e o instruiu diligentemente no caminho que desejava que ele seguisse. Concordemente, o filho, que era de temperamento muito brando e sereno, empregava as horas de lazer em ler, meditar e orar – horas que em geral as crianças passavam brincando ou jogando. Como Timóteo, ele conheceu as Escrituras Sagradas desde a sua meninice, e podia fazer um bom sumário dos sermões que ouvia. Ele preferia a conversa de pessoas sérias às fúteis histórias que davam tanto prazer às crianças.

Seu progresso no conhecimento humano deu-se na

mesma proporção das suas outras conquistas. Adquiriu singular elegância no manejo da língua latina e louvável proficiência no grego, no hebraico e noutros idiomas orientais, sendo também bastante versado em história e em matemática. Tal era a rapidez com que apreendia o que lia ou ouvia que, ouvindo casualmente ocasionais discursos de alguns estudantes, aprendeu a natureza do silogismo e podia formular silogismos sobre qualquer assunto. Qualificou-se, então, para níveis superiores do conhecimento e, aos quinze anos de idade, entrou na Universidade de Aberdeen.

Seu curso na faculdade foi tão brilhante como evidenciava em seus anos mais tenros. Ele não somente passou logo pelo aprendizado então em voga, mas também antecipou o futuro período das suas pesquisas filosóficas.

Ao mesmo tempo, sua vida era um modelo de dignidade religiosa, e o seu espírito devocional assumiu a forma de elegantes e engenhosos ensaios morais e de piedosas meditações. Tão alta era a sua reputação entre os colegas de estudos, que ele foi escolhido para presidir às suas reuniões, e os seus “discursos eram tão sérios e próprios, que eles se sentiam saboreando a sabedoria de um senador”. Tão logo saiu da universidade, foi considerado apto para ser mestre, onde até bem pouco antes fora aluno.

Após breve período de experiência, Scougal foi nomeado Professor de Filosofia, quando tinha dezenove anos de idade. Jovem como era, correspondeu perfeitamente aos deveres da responsabilidade a ele confiada. Ele foi o primeiro a introduzir na Escócia, e talvez na nação,³ a filosofia que tem

³ Que incluía a Inglaterra. Nota do tradutor.

sido ensinada com tão brilhante sucesso nas universidades escocesas e que tem sido recebida com tão geral favor por homens de ciência em toda parte.

Scougal aplicou-se diligentemente a instruir os seus alunos sobre os princípios da moralidade e a protegê-los das sutilezas da infidelidade. A humildade e o saber fundiam-se tão belamente nele que tornavam evidente que a filosofia e a religião não são inimigas uma da outra, mas que o sóbrio uso da razão nos torna mais aptos para as graças do evangelho. Ele reunia os alunos todos os domingos à noite lhes fazia “piedosos discursos”, expondo a loucura e a iniquidade do mau proceder, e as belezas e excelências da virtude. Também procurava entrevistá-los privadamente, empenhando-se em corrigir erros e em salientar e apreciar todo e qualquer sinal da graça.

Durante quatro anos ele ocupou essa cátedra com honra para si e bênçãos para a universidade. Mas Deus o designou para prestar serviço mais imediato à Sua Igreja, sendo que a esse serviço ele havia sido consagrado desde o ventre materno. Então, a conselho do pai e de outros amigos respeitáveis, foi ordenado e foi encarregado da paróquia de Auchterless, uma pequena vila situada a trinta e poucos quilômetros de Aberdeen. Durante o seu breve ministério nessa paróquia, ele deu provas singulares da sua aptidão para a sua nova carreira vocacional e do seu zelo em seu desempenho. Pode-se formar uma idéia dos seus conceitos sobre as temíveis responsabilidades deste alto ofício com base nos seguintes extratos de um sermão que ele pregou

perante o sínodo⁴ (Ver pág. 27) de Aberdeen, cujo tema foi, “Importância e Dificuldade da Função Ministerial”. “Como o povo, assim os sacerdotes, é um provérbio que em geral é verdadeiro. *Causa sunt ruina populi, mali sacerdotes.*”⁵ Mas, se a negligência de um ministro causa perigo às almas de outros, certamente arruína a sua própria, o que levou Crisóstomo a dizer: “*Equidem ex ecclesiis ministris non arbitror multos servari*”;⁶ palavras tão terríveis que tremo à idéia de vertê-las para o vernáculo.⁷ E, todavia, se um homem falasse fogo, sangue e fumo, se de sua boca saíssem chamas e não palavras, se ele tivesse voz de trovão e olhos de relâmpago, não conseguiria representar suficientemente a terrível dívida que o pastor infiel faz. ...Ademais, a pregação é um exercício que muitos ambicionam, e ninguém mais do que os menos qualificados para dele ocupar-se. Mas não é fácil realizar bem essa tarefa. Levantar-se na presença de Deus e falar a Seu povo em Seu nome com a seriedade, a sublimidade, a simplicidade, o zelo e o interesse que esse cargo exige; acomodar-nos à capacidade das pessoas comuns sem enfadar as mais doutas; despertar as almas adormecidas sem aterrorizar as consciências ternas; expor com clara franqueza a culpa do pecado, sem dar a impressão de estar fazendo mera reflexão pessoal; numa palavra, mostrar-nos

⁴ (Ver. pág. 26) No sentido de corpo de governo da Igreja. Nota do tradutor.

⁵ Os maus sacerdotes são a causa da ruína dos povos. Nota do tradutor.

⁶ Certamente não muitos ministros servem para atuar como árbitros das igrejas. (Nota do tradutor; tradução livre).

⁷ No caso, “para o inglês”. Nota do tradutor.

aprovados por Deus como obreiros que não têm do que se envergonhar, que manejam bem a palavra da verdade. “Vejam, senhores”, a que tremendo e importante ofício os senhores aspiram. Considerem, rogo-lhes, quão grandes esforços são necessários para que se tornem aptos para essa obra. Não é conhecimento de controvérsia nem dom de eloquência que os prepararão para este ofício, muito menos questão de voz forte e de ousada autoconfiança. *O seu maior trabalho está em seu ser interior*, e consiste em se purificarem e em aprenderem a sabedoria necessária para a conquista de almas para Cristo.

Rogo-lhes que comecem pregando para as suas próprias paixões e que procurem fazer todo o bem que puderem a seus *amigos* e a seus *vizinhos*. Não avancem às pressas para o público; é melhor ser *arrastado* do que correr. E também não queiram distrair a nossa gente com perguntas sutis e com filigranas metafísicas, etc. Planejemos familiarizar os nossos ouvintes com o conteúdo da *aliança do evangelho* e com o que *eles precisam fazer para serem salvos*; e ensinemos a eles os seus deveres para com Deus e para com os homens.

Mas não basta *falar estas coisas, dizer* aos homens qual é o dever deles; temos que *esforçar-nos* para incitá-los, empregando os meios de persuasão mais poderosos e eficazes. A faculdade do juízo tendo sido informada, devemos concentrar-nos nos afetos, e esta é *a maneira própria de fazer a nossa pregação*. “As pessoas que comumente se assentam bem perto do púlpito (como observa o excelente Herbert) geralmente são tão duras e mortas como os bancos nos quais se assentam, e precisam de montanhas de fogo para

que acendam. O melhor jeito é pregar para nós mesmos primeiro, e recordar freqüentemente em Cuja presença estamos e Cujo trabalho estamos fazendo”. Ele via isso como uma ajuda muito útil para a composição de sermões, para fazer com que o sermão do domingo fosse o assunto de meditação e de oração para a semana entrante, penetrasse fundo no espírito e afetasse o coração, e ao mesmo tempo nos fizesse os pregadores mais capazes de ensinar outros. Ele achava também que a pregação é um expediente adequado para impelir-nos a desejar puramente a glória de Deus e o bem espiritual dos homens. Também ela deve trazer freqüentemente à nossa memória a presença de Deus e levar-nos a fazer exclamações de júbilo, mantendo-nos, com isso, naquela humilde e séria disposição de ânimo que convém aos embaixadores de Cristo na presença de Deus. Ele tinha um profundo senso do valor da verdadeira eloquência e achava que havia dois defeitos essenciais em nossos melhores tipos de oratória. O primeiro era que, ao meditar planejando discursos, os ministros consideravam mais as questões da razão e da natureza das coisas do que as da disposição e das circunstâncias das pessoas às quais iam falar. Nem tampouco consideravam que tipos de palavras e argumentos lhes causariam a melhor impressão. Por isso, dizia ele, “Palavras que voam ao acaso raramente atingiam o alvo”.

O outro defeito era que os nossos corações muito raramente eram dotados daquelas disposições que agiriam nos outros por meio das nossas palavras; por isso não é de admirar que tudo o que dizíamos fazia tão pouca

impressão neles. A prática pessoal de Scougal (de acordo com o testemunho dos seus contemporâneos) era um belo exemplo da sua teoria.

A opinião geral era que os seus discursos eram tão cheios de idéias, produtos de reflexão, e que o seu estilo era tão claro e o seu modo de comunicar-se verbalmente e de gesticular era tão suave e expressava tão bem o seu interesse pelas almas, que encantavam o espírito dos ouvintes. “E tudo era tão cheio de luz e calor”, diz o Dr. Gairden, “que, fazendo uso das palavras do evangelho do nosso Salvador, posso dizer: “Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?” (Lucas 24:32). No culto público e, especialmente, na celebração da Ceia do Senhor, toda a sua alma parecia absorta na contemplação de Jesus Cristo. Durante o seu encargo pastoral, as durezas que ele suportou eram o tema comum das conversas de todos os que o conheciam; sua alimentação frugal e seu rústico alojamento, o frio extremo da estação e o seu abrigo nada confortável, inspiravam a compaixão alheia, mas nunca nublavam a serenidade e a jovialidade do seu espírito.

Ele tinha em alta estima o trabalho de catequizar, e o praticava diligentemente. Dava igualmente grande importância à firme, embora branda, administração da disciplina, e dizia: “A disciplina é um instrumento cortante e só podem ser tolos os que se metem com ela”. Ele achava que os ministros não deviam passar um só dia sem falar *pessoalmente e em particular* com alguns membros do seu povo sobre os interesses das suas almas. Seus

conselhos sobre o caráter e os modos dos ministros eram extraordinariamente judiciosos numa pessoa tão jovem. Os ministros, dizia ele, devem ter todo o cuidado de evitar a mínima imputação de cobiça, pois seriam mais gravemente acusados por reclamarem o que lhes pertence do que outros por usurparem bens dos seus vizinhos. Em consonância com esse pensamento, ele era muito liberal em todos os seus negócios, separando por princípio as primícias de todos os seus rendimentos para o serviço de Deus. Parecia que, literalmente, ele nem pensava no que comer ou beber, e com que se vestir.

Scougal achava estranho ver cristãos que, devendo ser exemplos de temperança ou de domínio próprio, sentiam voluptuoso prazer em comer, fazendo disso o assunto das suas conversas de mesa e declarando amar de todo o coração tais ou quais pratos, como se tivessem seus ventres como o seu Deus. Ele cita, com sua aprovação pessoal, o que Jerônimo disse a Nepociano: “*Facile contemnitur clericus si ad prandium invitatus sæpius veniat*”.⁸ Depois de permanecer nesse cargo cerca de um ano, tendo sido objeto do amor do seu rebanho, amor que era pouco menos que adoração, foi chamado por voto unânime do clero da diocese de Aberdeen para a cadeira de teologia da universidade local. Graças a seu gênio, saber e caráter, ele era eminentemente apto para essa posição. O zelo com que cuidava dos estudantes que estavam a seu cargo foi mais estrito que o que

⁸ Certamente se torna desprezível o clérigo que aceita avidamente muitos convites para almoçar. Nota do tradutor.

exercera em seu anterior trabalho como professor. Atendia aos deveres do seu ofício com igual assiduidade. De todos os ramos da ciência que ele ensinava, os que lhe causavam maior prazer eram o do *Cuidado Pastoral* e o da *Teologia Casuística* – esta com o objetivo de preparar os teólogos protestantes para refutarem as sutilezas dos jesuítas. Ele era sempre afetuoso e amável para com os seus alunos, e estava sempre pronto a ajudá-los com livros e instruções. Ele lhes ensinava fielmente, em períodos estabelecidos, a natureza e os requisitos do ofício sagrado e os admoestava sobre os deveres a eles impostos.

Justamente quando os seus amigos esperavam confiantes que, com a bênção de Deus, os seus labores dariam “outro rosto à Igreja”, ele foi vitimado pela tuberculose, e esta deu cabo da sua vida no dia 13 de junho de 1678, antes de completar vinte e oito anos de idade. Ele passou o período da sua enfermidade tão alegremente *sofrendo* a vontade de Deus como passara o período da sua boa saúde *servindo-a*. “Ele não usou a mínima expressão dura, quer aos que velavam por ele, quer com relação à presente Providência.” Envolto em admiração pela bondade de Deus para com ele, manteve-se perfeitamente submisso à Sua vontade. O fim da sua vida não foi menos “de Cristo” do que o início e todo o curso dela. Assim foi que ele passou mansamente todo o tempo da sua doença, e rendeu o espírito em meio aos lamentos de toda a comunidade. Todos os que o conheceram ou o ouviram (diz um seu contemporâneo) reivindicam partilhar da nossa dor e choram uma perda pessoal. Seu pai recorda um filho muito cumpridor dos seus deveres; seus

familiares pranteiam a perda do seu parente mais querido; as pessoas cultas deploram a falta de um grande teólogo e promotor do verdadeiro conhecimento; a mocidade lamenta privar-se de um guia sumamente piedoso, sábio e afetuoso; os pobres se abatem pela perda de um pai; os piedosos sentem falta do seu orientador e modelo; a Igreja, um dos seus mais puros luzeiros; os ministros, seu exemplo e sua honra; o povo, as bênçãos da sua vida e da sua doutrina; toda a nação, a falta do seu ornamento e de um grande promotor de todas as graças e virtudes; sim, e os outros segmentos da Igreja confessam que poucos poderiam, como ele, curar todos os nossos cismas.

Henry Scougal foi sepultado na Igreja do King's College, na Velha Aberdeen, com a seguinte inscrição em sua lápide:

MEMORIÆ SACRUM
HENRICUS SCOUGAL
REVERENDI IN CHRISTO
PATRIS PATRICII EPISCOPI
ABERDANENSIS FILIUS
PHILOSOPHILÆ IN HAC ACADEMIA REGIA
PER QUADRIENNIUM TODIDEMQUE ANNIS
IBIDEM THEOLOGIÆ PROFESSOR
ECCLESIAE IN AUCHTERLESS
UNO ANNO INTERSTITÆ

PASTOR
MUL TA IN TAM BREVISSIMO CURRICULO
DIDICIT, PEÆSTITIT,⁹
DOCUIT, CÆLI AVIDUS ET CÆLO MATURUS
OBIIT ANNO DOMINUS MDCLXXVIII
ÆTATIS SUÆ XXVIII
ET HIC EXUVIAS MORTALITATIS POSUIT.¹⁰

As memórias acima redigidas foram compiladas do sermão do Dr. Gairden; dos sermões do próprio Scougal, nove dos quais foram publicados; de esboços ou rascunhos de edições anteriores de obras do nosso autor; e da Enciclopédia.

⁹ Entendo que é *præstitit*. Nota do tradutor.

¹⁰ Memorial do santo reverendo em Cristo, Henrique Scougal, filho de Patrick, bispo de Aberdeen. Professor de Filosofia na Academia Real local durante quatro anos e depois Professor de Teologia na mesma escola, pastor da Igreja de Auchterless por um ano, no intervalo (entre a primeira docência e a segunda). Numa carreira brevíssima realizou muitas coisas: repartiu, serviu com fidelidade e disponibilidade e ensinou. Ávido pelo céu e perfeitamente preparado para o céu. Morreu no ano (da graça) do Senhor de 1678, com 28 anos de idade. E aqui tem ele os despojos da mortalidade (aqui jazem os seus restos mortais). Nota do tradutor.

PRIMEIRA PARTE

A OCASIÃO DESTE DISCURSO

Meu dileto amigo:

O designativo acima lhe dá direito a todos os esforços pelos quais eu possa servir seus interesses; e as suas inclinações piedosas cooperam tão belamente com o meu dever, que não terei necessidade de sair dos meus limites para satisfazê-lo. Mas posso desde logo realizar um serviço feito por amizade e desempenhar algum exercício das minhas funções, uma vez que o progresso da virtude e da santidade, ao qual espero que você se aplique com o maior empenho, é a peculiar atividade da minha ocupação. Este é, pois, o caso no qual eu posso depositar todo o meu afeto e expressar minha gratidão a você, e não me demorarei mais a cumprir a promessa que lhe fiz com o presente propósito. Embora eu saiba que você está provido de meios de ajuda melhores do que qualquer que eu lhe possa oferecer, e que não é provável que você encontre aqui alguma coisa que já não saiba, contudo, estou esperançoso de que, venha o que vier de alguém quem lhe aprouve honrar com a sua amizade, e eu sirva mais particularmente para o seu uso, você acatará bondosamente. E quem sabe a providência divina dirija os

meus pensamentos de modo que uma ou outra coisa possa evidenciar-se útil para você. E não duvido do seu perdão, caso aconteça que, ao moldar o meu discurso procurando dar-lhe melhor estrutura, eu lance alicerces fracos, começando com a natureza e as propriedades da religião e dê seguimento aos meus pensamentos, na elaboração do assunto, de um modo que me leve a dizer muitas coisas desnecessárias, tendo em vista quem é a pessoa para a qual estou escrevendo.

ERROS SOBRE A RELIGIÃO

Não posso falar de religião sem lamentar que, entre os que têm a pretensão de segui-la, são poucos os que entendem o seu significado. Alguns a situam no intelecto, enfeixando-a em idéias e opiniões ortodoxas. Tudo o que estes podem dizer da sua religião é que eles têm esta ou aquela convicção e que se uniram a uma das muitas denominações em que infelizmente a cristandade se dividiu.

Outros a colocam no homem exterior, seguindo um constante curso de deveres externos e um modelo de realizações. Visto que vivem pacificamente com os seus próximos, obedecem a um regime moderado, observam os períodos de adoração, freqüentam a igreja ou seu local de retiro privado e às vezes estendem suas mãos para socorrer os pobres, eles julgam que com isso ficaram quites com as exigências da religião.

Outros ainda restringem sua religião aos sentimentos, aos ardores arrebatados e a êxtases de devoção. E tudo o que

visam é orar com paixão, meditar prazerosamente no céu e deixar-se influir por aquelas expressões amáveis e ternas com as quais cortejam o seu Salvador, chegando a persuadir-se de que estão cheios de um vigoroso amor por Ele. Estes assumem, em decorrência disso, uma grande confiança em sua salvação, sendo ela, em sua opinião, a principal graça cristã. As coisas correm de tal maneira que têm a aparência de piedade e, na melhor das hipóteses, são meios de obtê-la ou são exercícios especiais da piedade, freqüentemente confundidos com a plenitude da religião. E deveras, às vezes a iniquidade e o vício têm a pretensão de usar o nome de piedade cristã. Não estou falando das formas grosseiras de iniquidade com as quais os pagãos costumam adorar seus deuses; não são poucos os cristãos que costumam consagrar seus vícios e santificar seus afetos corruptos de tal modo que a sua desavergonhada forma de pensar e de agir passa por severidade cristã; sua ira feroz e seu furor amargo contra seus inimigos devem ser chamados santo zelo; sua petulância para com os seus superiores ou sua rebelião contra as autoridades que os governam devem receber o nome de resoluta coragem cristã.

O QUE É RELIGIÃO

Certamente, religião é coisa completamente diferente, e os que a conhecem bem alimentam pensamentos bem diversos e desdenham todas as sombras e falsas imitações dela. Estes sabem por experiência que a religião verdadeira é uma união da alma com Deus, uma real participação da

natureza divina, a própria imagem de Deus gravada na alma, ou, na frase do apóstolo, é “Cristo formado em nós” (cf. Gálatas 4:19). Resumindo, não sei melhor maneira de expressar o que é religião do que descrevendo-a como uma vida divina. E sobre esses termos vou dissertar sobre a religião mostrando, primeiro, como se pode dizer que a religião é vida, e depois, como se pode dizer que é divina.

SUA PERMANÊNCIA E ESTABILIDADE

É minha preferência expressá-la pelo nome de vida, primeiramente por causa da sua permanência e da sua estabilidade. A religião não é algo que irrompe repentinamente, ou uma paixão da mente, nem que embora suba às alturas de um arrebatamento e pareça transportar o homem a fabulosas realizações. Não poucos estão convictos de que precisam fazer algo pela salvação das suas almas e se empenham em dar alguns passos com muita ansiedade aparente, mas logo se rendem e desistem; estavam cheios de calorosa disposição, mas agora estão frios; deles brotaram rebentos vigorosos e florescentes, mas depressa murcharam e secaram. Não tinham raízes.

Estes súbitos acessos de vigor podem ser comparados com os movimentos convulsivos de corpos recém-decapitados, movimentos causados pelas agitações da vitalidade animal depois que a alma partiu e que, por mais violentos e impetuosos que sejam, não continuarão por muito tempo. Já os movimentos das almas santas são constantes e regulares, provenientes que são de um princípio permanente e vivo.

É verdade que esta vida divina nem sempre mantém a mesma força e o mesmo vigor, mas muitas vezes sofre triste declínio. Nesses casos, os homens santos encontram grande dificuldade em resistir às tentações e sentem menos alegria em cumprir os seus deveres. Contudo, a vida divina neles não é extinta completamente, e eles não são abandonados e entregues àqueles sentimentos e afetos corruptos que levam de roldão o resto do mundo.

SUA LIBERDADE E SEU CARÁTER NÃO OBRIGATÓRIO

Também se pode chamar a religião de vida por ser ela um princípio interior, livre e auto-atuante. Os que têm feito progresso nela não agem movidos somente por motivos externos, não são impelidos meramente por ameaças ou temores, nem são subornados por promessas, nem constrangidos por leis. São, antes, poderosamente inclinados para o que é bom e têm prazer em praticá-lo. O amor que o homem piedoso tem a Deus e à bondade não se deve tanto a alguma injunção que o exige dele; deve-se mais a uma nova natureza que o instrui e o move. Ele não usa suas devoções como pagamento, como se fosse um tributo inevitável, só para apaziguar a justiça divina ou para aquietar sua própria consciência. Antes, esses exercícios religiosos são as peculiares emanações da vida divina, os naturais envoltórios e atos da alma renascida.

Ele ora, dá graças, arrepende-se, não somente porque estas coisas são exigidas por mandamento, e sim porque

ele sente as suas necessidades, a bondade divina e a loucura e miséria de uma vida pecaminosa. Sua caridade não é forçada e as suas esmolas não lhe são extorquidas; seu amor o move a dar voluntariamente. Ainda que não houvesse nenhuma obrigação imposta exteriormente, seu “coração projeta coisas liberais”. A injustiça ou a intemperança, e todos os demais males, são contrários ao seu temperamento e à sua constituição, como os atos mais vis são contrários ao espírito generoso e a impudência e a obscenidade, aos que são naturalmente modestos. Assim é que posso muito bem dizer com o apóstolo João: “Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus” (1 João 3:9). Embora as pessoas santas e religiosas examinem muito a lei de Deus e tenham grande consideração por ela, o que prevalece nelas não é tanto a sanção quanto a razoabilidade, pureza e bondade da lei. Eles a consideram excelente e desejável em si mesma, e sabem que em guarda-la há grande recompensa. Também sabem que o amor divino que os move vem a ser uma lei para eles.

Quis legem det amantibus?

Major est amor lex ipse sibi.

Quem prescreverá uma lei para os que amam?

O amor é uma lei mais poderosa, e ela os impulsiona.

Numa palavra, o que o nosso bendito Salvador disse de Si mesmo é, em certa medida, aplicável aos Seus seguidores: “A minha comida é fazer a vontade daquele que me

enviou” (João 4:34). E assim como o apetite natural nos impele para a comida, sem que tenhamos necessidade de refletir sobre a necessidade que temos dela para a conservação da nossa vida, assim também os cristãos fiéis são conduzidos por uma propensão natural e não forçada para aquilo que é bom e recomendável. É certo que os motivos externos muitas vezes são úteis para incitar e estimular este princípio interior, especialmente em sua infância e fraqueza, quando é tão frouxo que a própria pessoa mal pode discerni-lo, sendo quase incapaz de dar um passo à frente, a não ser quando impulsionada por suas esperanças ou por seus temores, pela pressão de uma aflição ou por sentir uma expressão de misericórdia, pela autoridade da lei ou pela persuasão de outros.

Ora, se essa pessoa for conscienciosa e demonstrar uniformidade em sua obediência, gemendo penosamente sob o senso da sua sonolência espiritual, e estiver desejosa de cumprir os seus deveres com mais ânimo e vigor, direi que estas coisas são as primeiras indicações da vida divina. Essa, ainda que tenra e fraca, será bem cuidada pelas benfazejas influências do céu, e crescerá em direção a maior maturidade. Todavia, a pessoa que está completamente destituída deste princípio interior e não aspira a ele, mas se contenta com as realizações para as quais foi preparada pela educação ou pelos costumes, pelo medo do inferno ou por noções carnis do céu, não pode ser considerada pessoa religiosa, não mais do que um boneco pode ser chamado homem. Essa religião forçada e artificial geralmente é pesada e sem vida, como um peso morto que queiramos

erguer. É fria e sem alento, como a difícil submissão de uma mulher casada contra a sua vontade e que cumpre os seus deveres para com o marido que ela não ama movida por um senso de virtude ou de honra.

Daí, essa religião é também mesquinha e estreita, especialmente quanto àqueles deveres que fazem maior violência às inclinações carnis dos homens, e esses espíritos escravizados não farão mais do que aquilo que é requerido absolutamente. É uma lei que os compele, e se mostrarão relutantes em ir além das restrições que a lei impõe. E na verdade eles vão acrescentando tais glosas a ela que desse modo vão ficando na maior liberdade – ao passo que o espírito da religião verdadeira é aberto e liberal, e está muito longe daquele juízo impertinente e estreito. E aquele que se entrega inteiramente a Deus, nunca vai achar que faz muito por Ele.

A RELIGIÃO É UM PRINCÍPIO DIVINO

A esta altura espero que se veja que a religião é com grande razão denominada vida, ou princípio vital, e que é muito necessário distinguir entre ela e a obediência forçada e dependente de causas externas. A seguir, passo a explicar porque a designei pelo nome de vida divina. Assim ela pode ser chamada, não somente quanto à sua fonte e origem, tendo Deus como o seu autor e sendo operada nas almas dos homens pelo poder do Seu Espírito Santo, mas também quanto à sua natureza, sendo a religião um retrato das perfeições divinas, a imagem do Todo-poderoso brilhando

na alma do homem. Sim, é uma real participação da Sua natureza, um fulgente raio da luz eterna, uma gota do infinito oceano de bondade. E dos que dela estão revestidos se pode dizer: “Deus habita em suas almas” e “Cristo formou-se dentro deles”.

A VIDA NATURAL – O QUE É

Antes de descer a uma consideração mais particular dessa vida divina em que a verdadeira religião consiste, talvez seja próprio falar um pouco sobre a vida natural ou animal que prevalece nos que são alheios à outra. E por esta vida natural não entendo outra coisa senão a nossa propensão ou inclinação para as coisas agradáveis e aceitáveis à natureza, ou o amor-próprio brotando e se espalhando em tantos ramos quantos os mais diversos apetites e inclinações dos homens. Reconheço que a raiz e base da vida animal está no sentir, e falo disso em termos gerais, como oposto à fé. E este sentir implica a nossa percepção e sensação das coisas que nos são agradáveis ou penosas.

Ora, estes afetos ou sentimentos animais, considerados em si mesmos, como implantados em nós por natureza, não são maus ou culpáveis. São na verdade exemplos da sabedoria do Criador, que supriu as Suas criaturas de apetites tendentes à preservação e à felicidade das suas vidas. Ocupam o lugar de uma lei para os animais irracionais, pela qual eles são dirigidos aos fins para os quais foram criados. Mas o homem, tendo sido criado para propósitos mais altos e para ser guiado por leis mais excelentes, torna-se culpado e

criminoso quando é transportado para longe demais pelas inclinações da sua vida inferior, a ponto de violar o seu dever, ou de negligenciar os desígnios mais elevados e mais nobres para os quais fomos criados. O objetivo não é que os nossos afetos naturais sejam totalmente extirpados e destruídos, mas tão-somente que sejam moderados e governados por um princípio superior e mais excelente. Numa palavra, a diferença entre um homem religioso e um ímpio é que no primeiro a vida divina mantém o domínio, no segundo, a vida animal prevalece.

AS DIFERENTES TENDÊNCIAS DA VIDA NATURAL

Causa-nos estranheza observarmos a que diferentes cursos este princípio natural às vezes leva aqueles que são totalmente guiados por ele, de acordo com as diversas circunstâncias que concorrem com ele para determiná-los. Depois, não considerar isso ocasiona freqüentemente muitos erros perigosos, levando os homens a pensarem bem de si mesmos em razão daquelas supostas diferenças existentes entre eles e outros, ao passo que, talvez, as suas ações fluam do mesmíssimo original. Se considerarmos o temperamento e a constituição natural dos homens, veremos que alguns deles são superficiais, astuciosos e levianos, o que faz com que a sua conduta seja extravagante e ridícula, ao passo que outros são sérios e sóbrios, e todo o seu porte é de compostura tão solene que lhes granjeia muito respeito e estima. Alguns têm temperamento caprichoso, rude e

impertinente, e nunca estão satisfeitos, nem toleram que os outros sejam como são. Mas nem todos nascem com essa disposição tão ácida e infeliz, pois algumas pessoas têm certa mansidão e certa benignidade arraigadas em sua natureza, e encontram o maior prazer nas expressões de carinho da sociedade e na mútua complacência dos amigos, e só ambicionam que toda a comunidade lhes deva uma obrigação. É bom que Deus tenha providenciado estas complexas manifestações de ternura para suprir a falta de verdadeiro amor no mundo, e para inclinar os homens a fazerem algo pelo bem uns dos outros.

Também, quanto à educação, alguns nunca foram instruídos no sentido de seguirem outras regras exceto as do prazer pessoal ou da vantagem própria. Outros, porém, acostumaram-se tanto a observar as regras mais estritas da decência e da honra, e, em alguns casos, da virtude, que dificilmente se prestam para fazer qualquer coisa que foram habituados a considerar baixa e indigna.

Por fim, não é pequena a diferença, no comportamento dos homens meramente naturais, que surge da força ou da fraqueza do seu espírito ou do seu juízo, e do seu cuidado ou da sua negligência no uso delas. A intemperança e a luxúria, a injustiça e a opressão, e todas aquelas outras impiedades abundantes no mundo e que o tornam tão miserável, são as questões do amor-próprio, o efeito da vida animal, quando não é, nem dominado pela religião, nem governado pela razão. Mas, se alguma vez se apodera da razão e consegue juízo e habilidade para estar do lado dela, muitas vezes sua razão desdenhará os tipos mais grosseiros de vícios ou de

más ações e eles se elevarão, aplicando-se a belas imitações da virtude e da bondade. Se alguém tem razão capaz de considerar os prejuízos que a intemperança e a cobiça desordenada causam à sua saúde, à sua fortuna e à sua reputação, o amor-próprio pode ser suficiente para refreá-lo. E a pessoa pode observar as normas da justiça moral, ao lidar com os outros, como o melhor meio de assegurar o seu próprio interesse e manter o seu crédito no mundo. Mas isso não é tudo; este princípio natural pode, com o auxílio da razão, alçar mais alto vôo e chegar mais perto dos bons exemplos de piedade e religião, podendo inclinar o homem ao estudo diligente das verdades divinas. Sim, pois, por que estas coisas, bem como as outras especulações, não podem ser agradáveis e gratas às mentes curiosas e inquisitivas? Isso pode tornar os homens zelosos em manter e propagar as opiniões esposadas por eles, e muito desejosos de que outros se submetam a seu juízo e aprovelem a escolha que eles mesmos fizeram da religião. E pode levá-los a deleitar-se em ouvir e em compor excelentes discursos sobre temas da religião, pois a eloquência é muito agradável, seja qual for o assunto. De fato, alguns podem dispor-se a não pequenas alturas de uma devoção ponderada.

As coisas gloriosas que são ditas sobre o céu podem fazer com que até um coração carnal passe a amá-lo. As metáforas e símiles de que as Escrituras fazem uso – de coroas e cetros, rios de prazer, etc., facilmente influirão na imaginação do homem e o farão querer estar lá, embora não entenda nem deseje os prazeres espirituais descritos e prefigurados pelas referidas metáforas. E, quando uma tal pessoa vem a crer

que Cristo adquiriu essas coisas gloriosas para ela, essa pessoa pode sentir uma espécie de ternura e de afeto por tão grande benfeitor, e imaginar que está cheia de forte amor por Ele, e, todavia, o tempo todo continua sendo um estranho para o santo temperamento e espírito do bendito Senhor Jesus. E a mão de ajuda que a constituição natural pode ter nas arrebatadas devoções de algumas pessoas de temperamento melancólico tem sido revelada posteriormente por diversas penas douradas e judiciosas.

Para concluir esta parte, não há nada próprio para tornar a vida de uma pessoa agradável, ou para alguém tornar-se eminente e conspícuo no mundo, mas este princípio natural, assistido pela habilidade e pela razão, pode prepará-lo para isso. E embora eu não condene estas coisas em si mesmas, não obstante nos interessa conhecer e considerar a sua natureza, tanto para que as mantenham os dentro dos devidos limites, como também para podermos aprender a nunca valorizar-nos baseados nessas conquistas, nem a colocar a ênfase da religião em nossos apetites ou realizações naturais.

A VIDA DIVINA – EM QUE CONSISTE

É tempo agora de voltar à consideração da vida divina da qual eu vinha falando antes, a “vida escondida com Cristo em Deus” (Colossenses 3:3) e que, portanto não se manifesta em nenhuma exibição ou aparência no mundo, pelo que ao homem natural parece uma idéia medíocre e insípida. Na medida em que a vida animal consiste daquele

amor limitado e estreito que tem seu fim no próprio homem e em sua propensão para as coisas que agradam à natureza, assim também a vida divina mostra-se num afeto universal e ilimitado, e no domínio das nossas inclinações naturais, para que elas nunca possam iludir-nos e fazer-nos cair nas coisas que sabemos ser condenáveis.

A raiz da vida divina é a fé. Os ramos principais são o amor a Deus, a caridade para com o próximo, a pureza e a humildade, pois, como uma excelente pessoa bem observou, por mais comuns e vulgares que esses nomes sejam e ainda que não façam nenhum som extraordinário, trazem consigo um sentido tão poderoso que a língua dos homens ou a dos anjos é incapaz de pronunciar coisa alguma que seja de maior peso ou mais excelente. A fé ocupa, na vida divina, o mesmo lugar que os sentidos ocupam na vida natural, nada mais sendo, na verdade, do que uma espécie de sentido, ou uma persuasão das coisas espirituais dada pelo sentir; ela abrange todas as verdades divinas. Mas, em nossa condição de raça caída, ela mantém uma peculiar relação com as declarações da misericórdia de Deus e da viabilidade de Sua reconciliação com os pecadores por meio de um mediador. Por isso, recebendo sua denominação desse objetivo principal, é ordinariamente chamada “fé em Jesus Cristo”.

O amor a Deus é um prazeroso e afetuoso senso das perfeições divinas que leva o verdadeiro cristão a resignar-se e a sacrificar-se totalmente para Ele, desejando acima de todas as coisas ser-lhe agradável e deleitar-se em coisa alguma tanto como se deleita na amizade e na comunhão com Ele, e em estar pronto a sofrer por amor dEle ou conforme

Lhe aprouver. Embora este afeto possa surgir primeiro dos favores e mercês de Deus para conosco, todavia, em seu crescimento e progresso transcende tais considerações particulares e se baseia em Sua infinita bondade, manifestada em todas as obras da criação e da providência.

Uma alma dessa forma possuída pelo amor divino necessariamente há de alargar-se para com toda a humanidade, num afeto ilimitado e sincero, devido à relação que os seres humanos têm com Deus, sendo Suas criaturas, e tendo algo da Sua imagem estampado neles. E esta é a caridade que descrevi como o segundo ramo da religião e que abrange eminentemente todas as partes da justiça, todos os deveres que temos para com o nosso próximo, pois quem ama verdadeiramente o mundo todo, preocupa-se bem de perto com os interesses de cada indivíduo. E tal indivíduo tão longe está de ferir ou ofender qualquer pessoa, que repudiará qualquer mal que sobrevenha a outros como se acontecesse com ele próprio.

Pela pureza entendo a devida moderação na atenção ao corpo e o domínio sobre os apetites inferiores, ou um tal equilíbrio e disposição da mente que leve o homem a desprezar e evitar todos os prazeres e deleites dos sentidos ou da imaginação que em si mesmos sejam pecaminosos ou que tendam a extinguir ou a diminuir o nosso gosto pelos prazeres mais divinos e intelectuais, o que inclui também a resoluta disposição para submeter-se a todas as durezas que acaso encontre em seu empenho por cumprir o seu dever, de modo que não se enquadram sob este título somente a castidade e a temperança, mas também

a coragem e a magnanimidade.

A humildade implica num profundo senso da nossa mediocridade, e em reconhecermos sincera e afetuosamente que devemos tudo o que somos à generosidade de Deus. A humildade cristã sempre vem acompanhada de uma profunda submissão à vontade de Deus e de uma verdadeira mortificação para a glória do mundo e para os aplausos dos homens.

Eis as mais altas perfeições de que são capazes homens e anjos: o próprio alicerce do céu lançado sobre a alma; aquele que alcança tais perfeições não tem necessidade de querer bisbilhotar os registros dos decretos de Deus ou de pesquisar os livros do céu para saber o que foi determinado acerca da sua condição eterna; mas pode encontrar uma cópia dos pensamentos de Deus concernentes a ele escritos em seu próprio peito. Seu amor a Deus pode dar-lhe a certeza do favor de Deus para com ele. Também aqueles princípios preliminares de felicidade que ele sente ao conformar os poderes da sua alma à natureza de Deus, e ao procurar viver em consonância com a Sua vontade, constituem um seguro penhor de que a sua felicidade será aperfeiçoada e continuará por toda a eternidade. Não é sem razão que alguém disse: “Prefiro ver as reais impressões de uma natureza semelhante à divina em minha própria alma, a ter uma visão do céu ou de um anjo a mim enviado para me dizer que o meu nome está escrito no livro da vida”.

A RELIGIÃO É MAIS BEM ENTENDIDA PELOS ATOS DO QUE PELAS PALAVRAS

Quando tivermos dito tudo o que pudermos, ainda assim nunca os mistérios de uma nova natureza e da vida divina poderão ser expressos suficientemente. A língua e as palavras não podem alcançá-los. E só podem ser bem entendidos pelas almas que lhes são afins e que foram despertadas para sentir e curtir as coisas espirituais. “Há um espírito no homem, e a inspiração do Todo-poderoso os faz entendidos” (Jó 32:8). O poder e a vida da religião se expressam melhor pelos atos do que pelas palavras, porque os atos são realidades vivas e representam melhor o princípio interior do qual procedem. Por isso podemos avaliar, de maneira melhor, os belos e benéficos dons pelo comportamento daqueles em quem eles residem. Dá-se isto especialmente quando são exemplificados perfeitamente pela vida santa do nosso bendito Salvador, grande parte de cuja missão foi ensinar, por Sua prática, o que Ele requeria dos outros, e harmonizar perfeitamente os Seus procedimentos com aquelas normas sem paralelo que Ele prescrevera. E assim, se alguma vez a verdadeira bondade foi visível aos olhos mortais, foi quando a Sua presença embelezou e glorificou este mundo inferior.

O AMOR DIVINO EXEMPLIFICADO EM NOSSO BENDITO SALVADOR

A sincera e devota afeição com a qual a Sua bendita

alma ardia constantemente em relação a Seu Pai celestial, expressava-se numa inteira abdicação da Sua vontade. Sua verdadeira comida era fazer a vontade e consumir a obra do Pai que O enviara.

SUA MANEIRA DILIGENTE DE EXECUTAR A VONTADE DE DEUS

Esse foi o Seu exercício, desde a Sua meninice, e a constante ocupação de Sua idade mais madura. Ele não poupava nem viagem nem dolorosos labores, quando Lhe cumpria fazer a obra do Pai, mas de tal maneira tinha infinito contentamento e satisfação em realizá-la, que, por exemplo, quando se sentiu enfraquecido e cansado de sua viagem, descansou na fonte de Jacó e pediu água à mulher samaritana, o bom êxito da sua palestra com ela e o acesso que lhe foi aberto para o reino de Deus encheram Sua mente de tanto prazer que foi como se ressoasse em Seu corpo, renovando seu ânimo e fazendo com que Ele Se esquecesse da sede da qual se queixara e recusasse a comida que Ele tinha mandado Seus discípulos comprar. E Ele não foi menos paciente e submisso em sofrer a vontade de Deus do que diligente em fazê-la.

SUA PACIÊNCIA EM SUPORTÁ-LA NAS AFLIÇÕES

Ele suportou as mais agudas aflições e as mais extremas misérias que já foram infligidas a qualquer mortal, sem um pensamento queixoso nem uma palavra de

descontentamento. Embora estivesse longe de possuir uma insensibilidade néscia ou uma obstinação estóica ou fantasiosa, Ele sentia vividamente dor como os outros homens, e teve intensa percepção do que estava para sofrer em sua alma quando “o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue” e Ele se sentiu “profundamente triste, até a morte” (Lucas 22:44 e Marcos 14:34), como Ele declarou mais de uma vez. Não obstante, rendeu-se inteiramente àquela severa dispensação da Providência, à qual aquiesceu de boa vontade.

Ele orou a Deus rogando que, “se fosse possível”, ou, como um dos evangelistas o expressa, “Pai, se queres, passa de mim este cálice”, mas acrescentou brandamente: “todavia não seja como eu quero, mas como tua queres” (Mateus 26:39; Lucas 22:42). Quão estranhamente importantes são as expressões de João 12:27, onde ele primeiro reconhece a angústia do Seu espírito, “Agora a minha alma está perturbada”, o que parece ter produzido uma espécie de vacilação, “e que direi eu?”, e depois Ele passa a deprecar por Seu sofrimento: “Pai, salva-me desta hora”, o que não se apressara a proferir, mas o faz, por assim dizer, como repensando, com estas palavras: “mas para isto vim a esta hora”. E então conclui: “Pai, glorifica o teu nome”. Pois bem, não devemos ver aí nenhuma leviandade ou fraqueza condenável na bendita pessoa de Jesus. Ele sabia o tempo todo o que deveria sofrer, e muitíssimo resolutamente se submeteu a esse sofrimento. Mas as Suas expressões nos mostram o inconcebível peso e a tremenda pressão que Ele teria que suportar, no que, sendo tão angustiante e

contrário à natureza, Ele não podia pensar senão com terror. Contudo, considerando a vontade de Deus e a glória que redundaria para Ele dali em diante, Ele não somente se contentou em sofrê-lo, mas o desejou.

SUA DEVOÇÃO CONSTANTE

Outro exemplo do Seu amor a Deus foi demonstrado por Seu prazer em conversar com Ele pela oração, o que O levou a retirar-Se freqüentemente da presença das coisas do mundo e, com a maior devoção e satisfação, passar noites inteiras nesse exercício celestial, apesar de não ter pecados para confessar e de ter apenas uns poucos interesses seculares pelos quais orar. Infelizmente, tais coisas seculares são quase as únicas que nos incitam a fazer nossos atos de devoção! Quanto a Cristo, podemos dizer que toda a Sua vida foi uma espécie de oração, um constante curso de comunhão com Deus. Mesmo que nem sempre se oferecia sacrifício, o fogo do altar estava sempre aceso. E o nosso Senhor Jesus, sempre bendito, nunca foi surpreendido por aquela lentidão ou mornidão de espírito que muitas vezes temos que combater, antes de podermos estar aptos para o exercício da devoção.

SEU AMOR PARA COM OS HOMENS

Em segundo lugar, devo falar do Seu amor e da Sua caridade para com todos os homens. Mas, quem quiser expressar Seu amor e Sua caridade terá que transcrever a

história do evangelho e comentá-la, porquanto dificilmente se verá registrado que Ele tenha feito alguma coisa ou dito alguma palavra que não visasse o bem e o proveito deste ou daquele. Todas as suas obras miraculosas foram exemplos de Sua bondade, como também do Seu poder. E eles beneficiaram aqueles nos quais foram operados e causaram admiração nos espectadores. Sua caridade não se limitava aos Seus parentes ou às pessoas relacionadas com Ele; nem tampouco sua bondade era absorvida totalmente pelas demonstrações de carinho por aquela peculiar amizade que Ele alimentava pelo discípulo amado, mas eram Seus amigos todos aqueles que obedeciam aos Seus santos mandamentos, João 15:4; e “qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus”, este Ele considerava Seu “irmão, irmã e mãe” (Mateus 12:50).

Nunca era mal recebido quem quer que viesse a Ele com intenção honesta, nem tampouco Ele jamais negou atender a qualquer pedido que realmente visasse o bem dos que o faziam. Assim, o que foi dito daquele imperador romano que, por sua bondade, era chamado “o amado da humanidade”, foi realizado por Ele de tal modo que ninguém se retirava da presença dele vendo Seu semblante fechado, exceto aquele jovem (Marcos, capítulo 10), que ficou triste ao ouvi-lo afirmar que o reino do céu tem tão alto preço, e que ele não poderia salvar sua alma e também o seu dinheiro. E certamente inquietou o nosso Salvador ver que, embora o preço para obter sabedoria estivesse nas mãos do jovem, este não teve coragem de pagá-lo. A sinceridade que se viu em sua fala inicial conquistara alguma bondade para com ele:

“E Jesus, olhando para ele, o amou”. Mas, deveria Ele, por causa do jovem rico e sincero, abrir um novo caminho para o céu e alterar a natureza das coisas que impossibilitam que um homem cobiçoso seja feliz?

E que direi da Sua mansidão? Quem poderia fazer frente à monstruosa ingratidão e dissimulação daquele que O traiu brandamente de forma que evocou estas palavras: “Judas, com um beijo trais o Filho do homem?” (Lucas 22:48). Que outra prova mais poderíamos desejar do seu ardoroso e irrestrito amor do que o fato de que Ele deu voluntariamente Sua vida até por Seus cruéis inimigos, e, misturando Sua oração com Seu sangue, rogou ao Pai que eles não fossem responsabilizados por Sua morte, porém que ela se tornasse o meio pelo qual Ele obtivesse a vida eterna justamente para aquelas pessoas que a procuravam?

SUA PUREZA

O terceiro ramo da vida divina é a pureza, que, como eu disse, consiste em deixar de lado as acomodações e os gozos mundanos, em suportar resolutamente todas as dificuldades que enfrentamos ao cumprirmos o nosso dever. Pois bem, certamente, se alguma vez houve uma pessoa que estava realmente morta para todos os prazeres da vida natural, essa pessoa foi o bendito Senhor Jesus, que raramente as provou quando adentraram o Seu caminho, mas nunca Se esforçou para buscá-los. Embora tenha permitido aos outros os confortos da vida matrimonial e tenha honrado o casamento com a Sua presença, Ele preferiu a austeridade

de uma vida casta, e jamais conheceu o leito nupcial. Embora, ao mesmo tempo, tenha suprido a falta de vinho com a operação de um milagre, Ele não operou nenhum milagre para obter alívio para a Sua fome no deserto. Generoso e divinal assim era o temperamento da Sua alma, permitindo aos outros as legítimas gratificações das quais Ele próprio achava bom abster-se, e suprimindo não somente as mais extremas e prementes necessidades deles, mas também as menores e as menos consideráveis. Muitas vezes ouvimos falar dos suspiros, gemidos e lágrimas do nosso Salvador, mas nunca ouvimos dizer que Ele riu, e apenas uma vez que Ele Se regozijou no espírito. Portanto, através de toda a Sua vida na terra ele correspondeu exatamente à personalidade atribuída a Ele pelo profeta da antigüidade, que o descreveu como “homem de dores, e experimentado nos trabalhos (ou seja, “no sofrimento”) (Isaías 53:3).

E as Suas dificuldades e incomodidades eram matéria de Sua escolha, pois nunca apareceu ninguém no palco do mundo com maior possibilidade de elevar-se ao mais alto grau de felicidade secular. Aquele que pôde juntar um prodigioso número de peixes na rede dos Seus discípulos e, noutra ocasião, admitiu que o tributo retirado de um peixe fosse pago ao templo, poderia facilmente ter-se feito a pessoa mais rica do mundo. Na verdade, sem dinheiro nenhum Ele poderia ter mantido um exército suficientemente poderoso para tirar César do seu trono, tendo alimentado mais de uma vez milhares de pessoas com poucos pães e alguns peixinhos. Todavia, para mostrar a diminuta estima que Ele tinha pelos gozos do mundo,

preferiu viver em condições tão pobres e inferiores que, “embora as raposas tenham seus covis e as aves do céu tenham seus ninhos, aquele que era o Senhor e o herdeiro de todas as coisas não tinha onde pousar Sua cabeça” (cf. Mateus 8:20). Ele não freqüentava os palácios reais nem fingia familiaridade ou companheirismo com os poderosos, mas sendo reputado como filho de um carpinteiro e tendo pescadores e outras pessoas pobres como Seus companheiros, viveu num nível pertinente a essas condições.

SUA HUMILDADE

E assim sou levado inadvertidamente a falar da Sua humildade, o último ramo da vida divina, e Ele foi o mais eminente modelo de humildade para nós, para que aprendêssemos dEle a ser “mansos e humildes de coração” (Mateus 11:29). Não vou falar agora sobre a infinita condescendência do Filho eterno de Deus em assumir a nossa natureza, porém vou somente refletir sobre o modesto e humilde procedimento do nosso Salvador, enquanto esteve neste mundo. Ele não teve em Sua vida nenhum dos pecados e imperfeições que podem humilhar com justiça os melhores homens, porém estava absorto de tal maneira por um senso tão profundo das infinitas perfeições de Deus, que a Seus próprios olhos Se via como não sendo nada – quero dizer, na medida em que era uma pessoa humana. As eminentes perfeições que refulgiam em Sua alma Ele não considerava como Suas próprias, e sim como dons de Deus. Por isso, não Se arrogava nada, nem a Si nem

às Suas perfeições, mas, com a mais profunda humildade, renunciou a todas as pretensões quanto a elas.

Em razão disso, Ele recusou o título comum de bom Mestre, quando foi assim chamado segundo Sua natureza humana por alguém que, pelo visto, ignorava a Sua deidade: “Bom Mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? Jesus lhe disse: por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus” (Lucas 18:18,19), como se dissesse: a bondade de qualquer criatura, e somente criatura julgas que sou, não merece ser nem mencionada nem notada. Unicamente Deus é original e essencialmente bom. Jesus nunca fez uso do Seu poder miraculoso por vaidade ou ostentação, e não gratificou a curiosidade dos judeus com um sinal do céu, com alguma prodigiosa aparição nos ares. Tampouco seguiu o conselho dos Seus concidadãos e dos Seus parentes no sentido de que realizasse Suas grandes obras aos olhos do mundo para obter maior fama. Mas quando Seu caridoso amor o impelia a dar alívio aos que sofriam miseravelmente, Sua humildade O levou muitas vezes a exigir o ocultamento do milagre. E quando a glória de Deus e o propósito para o qual Ele veio ao mundo exigiam a divulgação dos Seus milagres, Ele atribuía a honra de tudo o que fazia a Seu Pai, dizendo aos presentes que “por si mesmo” não podia fazer “coisa alguma” (João 5:19).

Não posso demorar-me em todos os casos de demonstração de humildade em Sua atitude para com os homens: Sua retirada quando quiseram fazê-lo rei; Sua sujeição, não somente à Sua bem-aventurada mãe, mas também ao marido dela, durante os anos da Sua juventude; e Sua

sujeição a todas as indignidades e afrontas que Seus rudes e maldosos inimigos despejaram sobre Ele. A história da Sua santíssima vida, registrada pelos que conviveram com Ele, está repleta de passagens como essas, e, de fato, estudá-la séria e atentamente é a melhor maneira de obter as medidas certas da humildade e de todas as outras partes da religião que me esforcei para descrever.

Agora, porém, para que eu possa amenizar-lhe o aborrecimento de ler uma carta muito longa introduzindo algumas pausas, permite-me acrescentar aqui uma oração no sentido de que, se alguém anteriormente alimentava algumas falsas idéias sobre a religião, comece a ver o que ela é.

ORAÇÃO

“Majestade infinita e eterna, autor e fonte de todo ser e de toda bem-aventurança, quão pouco nós, pobres criaturas pecadoras, Te conhecemos, e quão pouco sabemos servir-Te e agradar-Te! Falamos de religião, e pretendemos vivê-la, mas, lamentavelmente, são tão poucos os que sabem e consideram o que ela significa! Com que facilidade confundimos os afetos da nossa natureza e os resultados do nosso amor-próprio com aquelas graças divinas que, unicamente elas, podem tornar-nos aceitáveis aos Teus olhos! Só devo entristecer-me por ter estado vagando por tanto tempo e porque muitas vezes me contentei com vãs sombras e falsas imagens da piedade e da religião. Contudo, não posso senão reconhecer e adorar a Tua bondade,

porquanto foi do Teu agrado abrir, em certa medida, os meus olhos e permitir-me ver o que há naquilo que deve constituir a meta da minha vida.

“Alegra-me considerar os extraordinários melhoramentos que minha natureza pode fazer e a divina disposição de espírito que realmente brilha naqueles que Te apraz escolher e que fazes aproximar-se de Ti. Bendita seja a Tua infinita misericórdia, que Te moveu a enviares o Teu próprio Filho para habitar entre os homens e ensiná-los por Seu exemplo e por Suas leis, dando-lhes um modelo perfeito das pessoas que eles devem ser. Oh, que a vida santíssima do nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo esteja sempre em meus pensamentos e diante dos meus olhos, de modo que eu venha a receber um profundo senso e uma impressão marcante das excelentes graças que fulgiram tão eminentemente em Jesus e em Seu viver! E não permitas que eu deixe de esforçar-me até que uma nova e divina natureza prevaleça em minha alma, e Cristo seja formado em mim.”

SEGUNDA PARTE

A EXCELÊNCIA E A VANTAGEM DA RELIGIÃO

Agora, meu prezado amigo, tendo descoberto a natureza da religião verdadeira, antes de ir mais adiante talvez não seja impróprio fixar um pouco as nossas meditações na excelência e nas vantagens da religião, para que sejamos incitados a um prosseguimento mais vigoroso e diligente sobre os métodos pelos quais podemos alcançar tão grande felicidade. Mas, que palavras encontraremos para expressar aquela satisfação interior, aqueles prazeres recônditos que jamais podem ser bem compreendidos, a não ser pelas almas santas que os usufruem? “O estranho não se entremeterá na sua alegria” (Provérbios 14:10). Santidade é o caráter reto, a constituição vigorosa e saudável da alma: anteriormente as suas faculdades tinham-se enfraquecido e tinham ficado em desordem, de modo que a alma não podia exercer as suas funções naturais. Ela fora dominada pela fadiga causada por incessantes sacudidelas e giros, e não conseguia achar repouso. Agora, removida a perturbação, ela se sente bem – a devida harmonia prevalece em suas faculdades, e um vivaz vigor se apodera de cada parte. O entendimento pode discernir o que é bom, e a vontade pode abrir caminho para o que é bom; os afetos não estão atados

aos movimentos dos sentidos e à influência dos objetos externos, mas são estimulados por impressões mais divinas, são vibrantemente tocados por uma percepção de realidades invisíveis.

A EXCELÊNCIA DO AMOR DIVINO

Aprofundemo-nos, se lhe apraz, numa visão mais próxima e mais particular da religião, naqueles diversos ramos já mencionados. Consideremos o amor e o afeto pelos quais as almas santas se unem a Deus, para vermos que gloriosa excelência e que felicidade estão envolvidas nela. O amor é aquela paixão poderosa e dominadora pela qual todas as faculdades e inclinações da alma são determinadas e da qual dependem a sua perfeição tanto quanto a sua felicidade. O valor e a excelência de uma alma devem ser mensurados pelo objeto do seu amor. Quem ama coisas inferiores e sórdidas, por meio delas se torna baixo e vil, mas um afeto nobre e bem colocado faz com que o espírito progrida e melhore em direção à conformidade com as perfeições que ele ama. As imagens destas se apresentam com frequência à mente e, graças a uma força e energia secreta, insinuam-se na própria constituição da alma, e a amoldam e modelam para que se lhes torne semelhante.

Daí se pode ver que os que se amam e os amigos facilmente deslizam para a imitação das pessoas às quais eles querem bem, e que, mesmo antes de o perceberem, começam a ficar parecidos com eles, não somente nos casos mais consideráveis do seu procedimento, mas também em sua

voz, em seus gestos e naquilo que chamamos seu semblante e seu ar. (Fulano tem o ar de quem aspira ao céu!) E certamente transcreveríamos as virtudes e as belezas interiores da alma, se fossem objeto e motivo do nosso amor. Mas assim como todas as criaturas com as quais convivemos têm sua mistura e sua liga, nós sempre corremos o perigo de ser maculados e corrompidos por depositarmos nosso afeto nelas. A paixão facilmente cega os nossos olhos, de modo que primeiro aprovamos e depois imitamos as coisas que nelas são condenáveis. O verdadeiro meio de melhorar e enobrecer as nossas almas é fixar o nosso amor nas perfeições divinas, para que as tenhamos sempre diante de nós e derivemos uma impressão delas em nós, e para que suceda conosco o que o apóstolo descreve, dizendo: “Todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem” (2 Coríntios 3:18). Aquele que com generosa e santa ambição elevou seu olhar para a beleza e bondade incriada, e fixou ali o seu afeto, é dotado de um espírito completamente diferente, tendo um caráter mais excelente e mais heróico do que o resto do mundo, e pode simplesmente desdenhar todas as coisas de baixo valor e indignas. Tal cristão não alimenta pensamentos baixos ou vis, os quais poderiam rebaixar suas altas e nobres pretensões. O amor é a coisa mais grandiosa e mais excelente que podemos ter sob o nosso domínio. Portanto, é loucura e baixeza concedê-lo indignamente. É na verdade a única coisa que podemos dizer que é nossa. Outras coisas podem ser tomadas de nós à força, mas ninguém pode arrebatá-las

nosso amor. Se alguma outra coisa é considerada nossa, ao darmos amor damos tudo, o que igualmente fazemos com o nosso coração e a nossa vontade, pelos quais possuímos todas as outras coisas que usufruímos. Não nos é possível recusar coisa alguma a quem, por amor, nos demos. Sim, desde que é privilégio dos presentes terem o seu valor avaliado pela mente do doador, não pelo evento em si, mas pelo desejo, pode-se dizer que aquele que ama pode, nalgum sentido, não somente dar tudo o que possui, porém também todas as outras coisas que possam alegrar a pessoa amada. Uma vez que ele as queira de coração e realmente as dá, se estavam em seu poder, em que sentido alguém se atreveria a dizer: “Aquele que tem o amor divino, de certo modo dá-se a Deus e, por Sua complacência, recebe a felicidade e a perfeição da Sua natureza”. Mas, embora essa expressão pareça exagerada, certamente o amor é o presente mais digno que podemos oferecer a Deus, e sofre extremo rebaixamento quando o damos mal.

Quando este afeto é mal destinado, muitas vezes dá livre curso a expressões que apontam para o seu objeto genuíno e próprio, e insinua para onde deveria ter sido destinado. Os bajuladores e blasfemos termos de adoração, com os quais às vezes os homens expressam a sua paixão, constituem a linguagem daquele afeto feito e designado para Deus, como aquele que costuma falar sobre algum grande personagem sem o saber dirige saudações a outro empregando títulos que não está acostumado a dirigir a esse. Mas, certamente, a paixão que considera seu objeto uma divindade deve ser votada a Quem realmente é Deus.

As ilimitadas formas de submissão que rebaixariam a alma, se dirigidas a algum outro ser, a exaltam e a enobrecem quando depositadas no objeto realmente divino do Seu amor. As correntes e cordas de amor são mais gloriosas que a própria liberdade e impõem uma escravidão mais nobre do que todos os impérios do mundo.

AS VANTAGENS DO AMOR DIVINO

Reforçando, o amor divino leva avante e eleva a alma, de sorte que somente ele pode fazê-la feliz. Os mais altos e sublimes prazeres, os mais sólidos e substanciais deleites de que é capaz a natureza humana, são os que brotam das demonstrações de carinho de um afeto bem posto e ditoso. O que amarga o amor e ordinariamente o transforma numa paixão inquietante e danosa é dedicá-lo a um objeto não suficientemente digno de recebê-lo, ou que não tem nem afeição nem gratidão para retribuí-lo, ou cuja ausência nos prive do prazer da sua companhia ou as suas misérias nos ocasionem dorida preocupação. A todos esses males estão expostos aqueles cujo principal e supremo afeto é depositado em criaturas semelhantes a eles; mas o amor a Deus nos livra desses males todos.

O VALOR DO OBJETO A CONSIDERAR

Digo, primeiro, que o amor só pode ser miserável e cheio de perturbação e de inquietude quando não há em seu objeto bastante valor e excelência para corresponder à

vastidão da sua capacidade. Tão ávida e violenta paixão não pode senão corroer e atormentar o espírito, quando não encontra o que satisfaça seus anseios. E, na verdade, tão grande e ilimitada é a natureza do vero amor, que este se sente inevitavelmente oprimido e premido quando confinado numa criatura. Nada que esteja abaixo do infinito bem pode dar-lhe espaço para que se estenda e exerça seu vigor e sua atividade. Pergunto: que é uma pobre e superficial beleza ou um diminuto grau de bondade para igualar ou satisfazer uma paixão feita para Deus, destinada a abraçar um Deus infinito? Não admira que os que se amam repudiem fortemente qualquer rival e não desejem que outros aprovelem sua paixão imitando-a. Eles conhecem a limitação e a estreiteza do bem que eles amam, o qual não é suficiente para dois, sendo, com efeito, muito pouco para um. Daí, o amor, que “é forte como a morte”, causa ciúme, que é “duro como a sepultura” (Cânticos 8:6); é carvão que se inflama expedindo as mais violentas chamas.

O amor divino, no entanto, não tem essa mistura amarga. Quando a alma se fixa nesse bem supremo e todo-suficiente, ela acha nele tanta perfeição e bondade que ele não somente corresponde ao seu afeto e o satisfaz, mas também o domina e o supera. Ela vê que todo o seu amor é muito débil e frouxo para um objeto de tal nobreza, e só lamenta não poder oferecer-lhe maior amor. A alma anseia pelas chamas de um serafim e anela pelo dia em que vai se derreter e consumir de amor. E devido poder fazer tão pouco, deseja a assistência de toda a criação – deseja que os anjos e os homens se juntem a ela na admiração e no amor daquelas perfeições infinitas.

O AMOR REQUER RETORNO RECÍPROCO

O amor é acompanhado pela inquietação também quando não tem um pertinente retorno de afeto. O amor é a coisa mais valiosa que podemos conceder e, quando o damos, efetivamente damos tudo o que temos. Por isso é realmente aflitivo ver tão grande dádiva desprezada, ver que o presente que demos de todo o coração não consegue obter nenhum retorno. O perfeito amor é uma espécie de auto-abandono, um vagar para fora de nós mesmos. É uma espécie de morte voluntária na qual aquele que ama morre para si mesmo e para todos os seus interesses, não pensando mais neles nem se preocupando mais com eles, só querendo saber e fazer o que agrada e gratifica a parte amada por ele. E assim ele se sente desmoronar por completo, se não encontra afeto recíproco. Ele negligencia a si mesmo, e o outro nem liga. Mas, se é amado, revive, por assim dizer, e vive na alma e no cuidado da pessoa que ele ama. E agora começa a pensar em seus próprios interesses, não tanto porque são seus como porque o ser amado se agrada em envolver-se neles positivamente. Ele se torna precioso para si mesmo porque o é para o outro.

Contudo, por que me estendo tanto sobre um assunto tão conhecido? Nada pode ser mais claro do que o fato de que a felicidade do amor depende do retorno recebido por ele: amar e ser amado. E nisso aquele que tem o amor divino leva indescritível vantagem, tendo depositado o seu afeto naquele cuja natureza é amor, cuja bondade é tão infinita como o Seu ser, cuja misericórdia nos veio antes, quando

ainda éramos inimigos. Portanto, não podemos fazer outra coisa senão abraçar-nos quando nos tornamos Seus amigos. É completamente impossível que Deus negue Seu amor a uma alma totalmente devotada a Ele e que nenhuma coisa deseje tanto como servi-LO e agradá-LO. Ele não pode desdenhar Sua própria imagem, nem desprezar o coração no qual ela está gravada. O amor é todo o tributo que podemos pagar a Deus, e é o sacrifício que Ele não desprezará.

O AMOR DIVINO REQUER QUE O SEU OBJETO ESTEJA PRESENTE

Outra coisa que perturba o prazer do verdadeiro amor e o torna uma paixão miserável e inquietante é a ausência e a separação daqueles que amamos. Não é sem dolorosa aflição que os amigos partem, ainda que por pouco tempo. É triste ser privado desse companheirismo tão agradável. Nossa vida se enche de tédio e passamos o tempo na impaciente expectativa da feliz hora em que venhamos a encontrar-nos outra vez. Mas, se a separação for causada pela morte, o que terá que acontecer mais cedo ou mais tarde, esse acontecimento ocasiona um pesar que mal se compara com todos os infortúnios da vida humana, nos quais pagamos alto preço para termos os benefícios da amizade.

Todavia, quão felizes são os que depositam o seu amor naquele que jamais poderá estar ausente deles! Basta que abram os olhos para que em toda parte vejam traços e sinais da Sua presença e da Sua glória, e comunhem com Aquele

que sua alma ama. E este companheirismo com Deus lhes torna a mais tenebrosa prisão ou o mais agreste deserto, não somente suportável, mas também deleitável.

O AMOR DIVINO FAZ-NOS PARTICIPANTES DE UMA FELICIDADE INFINITA

Por fim, quem ama é infeliz, se infeliz é a pessoa amada por ele. Os que fizeram por amor um intercâmbio de corações obtêm dessa relação um real interesse pela felicidade ou infelicidade um do outro. E isso torna o amor uma paixão angustiante, quando depositado num objeto terrenal. A pessoa mais afortunada tem aflições suficientes para estragar a tranqüilidade do seu amigo, e é difícil extirpá-las quando somos atacados por todos os lados e sofremos, não somente os nossos próprios pesares, mas também os de outrem.

Mas, se Deus fosse o objeto do nosso amor, nós participaríamos do Seu perfeito amor com felicidade infinita, sem nenhuma mistura e sem nenhuma possibilidade de diminuição. Com alegria contemplaríamos a glória de Deus e receberíamos consolo e prazer de todos os louvores com os quais os homens e os anjos O exaltam. Ser-nos-ia deleitável, além de toda possibilidade de expressão, considerar que o amado das nossas almas é infinitamente feliz em Si mesmo, e que nem mesmo todos os Seus inimigos juntos podem abalar ou desestabilizar o Seu trono, pois “no céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Salmos 115:3, ARA).

Contemplemos o tão firme e seguro fundamento sobre o qual é edificada a felicidade da alma dominada pelo amor divino, da alma cuja vontade se transmuta na vontade de Deus e cujo maior desejo é que tudo e todos agradem o seu Criador! Oh! A paz, o sereno repouso e a satisfação que beneficiam aquele cuja mente é deste jaez e desta têmpera!

PARA QUEM AMA A DEUS, TODAS AS SUAS DISPENSAÇÕES SÃO AGRADÁVEIS

Que infinito prazer realmente existe em, por assim dizer, perder-nos em Deus e deixar-nos absorver pelo avassalador sentimento da Sua bondade, oferecer-nos num sacrifício que sempre suba a Ele em labaredas de amor. Nenhuma alma conhecerá uma tão sólida alegria e um tão substancial prazer, enquanto não acontecer que, uma vez cansada de si mesma, renuncie a tudo o que lhe é próprio e constrangedor, entregue-se ao Autor do seu ser, sinta-se transformado num objeto santificado e consagrado, e possa dizer: “O meu amado é meu”, considero meus todos os seus interesses; “e eu sou dele” (cf. Cânticos 6:3). Contento-me em ser qualquer coisa para Ele, e não me preocupo em nada que diga respeito aos meus próprios interesses, senão unicamente naquilo em que eu possa servi-lo.

Uma pessoa modelada com essa têmpera terá prazer em todas as dispensações ou distribuições da Providência. As boas coisas da vida temporal têm outro gosto quando ela saboreia nelas a bondade divina e as considera sinais de amor enviados a ela por seu Senhor e Criador muito amado.

E os castigos, embora não gostosos, porém dolorosos, envolvidos nesse perfeito amor perdem o seu ferrão: tanto a vara como o cajado o confortam. Tal pessoa arrebatada um beijo da mão que a fere e colhe doçura da sua severidade. Sim, tal cristão se regozija no fato de que, embora Deus não tenha feito a vontade de uma criatura indigna e tola como ele, todavia, fez a Sua vontade e realizou os Seus propósitos, que são infinitamente mais santos e mais sábios.

OS DEVERES DA RELIGIÃO LHE SÃO DELEITOSOS

Os exercícios da religião, para outros insípidos e tediosos, dão o maior prazer e deleite às almas dominadas pelo amor divino. Elas se alegram quando chamadas para irem à casa do Senhor “para verem a sua força e a sua glória no santuário” (cf. Salmos 63:1,2). Elas nunca se consideram tão felizes como quando, afastadas do mundo e livres dos ruídos e da pressa das atividades da vida, e tendo silenciado todas as suas clamorosas paixões, importunos hóspedes do coração – nunca se consideram tão felizes como quando se colocam na presença de Deus e mantêm íntima comunhão com Ele. Tais almas se deliciam em adorar as perfeições de Deus, em contar e recontar os Seus favores e declarar-lhe seu afeto, dizendo-lhe mil vezes que O amam, em expor-lhe seus problemas ou suas necessidades, e em descarregar seus corações no divino seio. O próprio arrependimento é um exercício deleitoso quando mana do princípio do amor: há um segredo dulçor que acompanha aquelas lágrimas de

contrição, o amolecimento e enternecimento de uma alma que regressa a Deus, lamentando a sua dureza anterior.

As austeridades de uma vida santa, e a constante vigilância que somos obrigados a manter sobre os nossos corações e os nossos caminhos, são muito aborrecidas para aqueles que são governados e movidos por uma lei externa e que não têm nada em suas mentes que os incline a cumprir o seu dever. Mas quando o amor divino domina a alma, posta-se como sentinela para manter fora tudo o que possa ofender o amado ou induzi-lo a pecar, e para repelir com repugnância as tentações que o assaltem; cumpre com alegria, não somente mandamentos explícitos, mas também as menções mais secretas do prazer do amado, e é engenhoso em descobrir o que lhe será mais grato e mais aceitável; e faz com que a mortificação e a auto-negação mudem seus nomes terríveis e se tornem coisas fáceis, doces e deleitosas.

Vejo que esta parte da minha carta ficou maior do que o projetado. Quem, na verdade, não se sentiria tentado a demorar-se sobre tema tão agradável? Vou me esforçar para compensar isto abreviando outros pontos.

A EXCELÊNCIA DA CARIDADE E DO AMOR UNIVERSAIS

O próximo ramo da vida divina é constituído pela caridade e pelo amor universais. A excelência destas graças será facilmente reconhecida, pois, que é que pode ser mais nobre e generoso do que um coração amplamente aberto para abranger o mundo inteiro e cujos desejos e propósitos

apontam para o bem e para a felicidade do universo, um coração que considera seu o interesse de todos os homens? Quem ama o próximo como a si mesmo nunca pode abrigar pensamento baixo ou injurioso, ou ser falto de expressões de generosidade. Ele prefere sofrer mil afrontas a ser culpado de uma, e nunca se considera feliz, a não ser quando um ou outro é beneficiado por ele: a maldade ou a ingrati-dão dos homens é incapaz de resistir a seu amor; ele passa por alto as injúrias sofridas de outros, vence o mal que deles procede com o bem, e nunca tem em vista qualquer outra vingança contra os seus maiores e mais maldosos inimigos que não seja a de colocar sobre eles todos os favores que lhes puder fazer, quer eles queiram quer não.

Seria surpreendente que tal indivíduo seja reverenciado e admirado, e que seja tido como o amado da humanidade? Esta bondade e benignidade interna do espírito reflete uma certa doçura e serenidade no próprio semblante, e o torna amigável e belo; inspira à alma uma nobre resolução e coragem e a capacita a empreender e a efetuar as coisas mais elevadas. As ações heróicas que costumamos ler com admiração, na maior parte foram feitos do amor pela pátria, ou de uma amizade especial. E é certo que um afeto mais extenso e universal é, necessariamente, mais poderoso e mais eficaz.

O PRAZER QUE HÁ NELES

Acresce que a caridade flui de um caráter nobre e excelente, e então é acompanhada pela maior satisfação,

pelo maior prazer. É uma delícia a alma sentir-se assim engrandecida e ser libertada das perturbadoras e disformes paixões – malícia e maldade, ódio, inveja e ciúme – e tornar-se gentil, doce e benigna. Se eu pudesse escolher dentre todas as coisas que poderiam favorecer minha presente felicidade, escolheria isto – ter o meu coração dominado pela maior bondade e afeição por todos os homens do mundo. Tenho certeza de que isto me faria compartilhar toda a felicidade dos outros – seus dotes interiores e sua prosperidade exterior; todas as coisas que os beneficiam e que lhes dão proveito me propiciariam consolação e prazer. (“Alegrai-vos com os que se alegram.”) E, embora eu enfrente freqüentemente ocasiões de pesar e de compaixão (de sofrimento empático), ainda assim na comisseração há uma doçura que a torna infinitamente mais desejável do que uma tola insensibilidade. Ademais, a consideração dessa infinita bondade e sabedoria que governa o mundo pode reprimir toda preocupação excessiva com particulares calamidades que nele podem acontecer, e a esperança ou a possibilidade de uma felicidade futura dos homens modera a tristeza que sentem por seus presentes infortúnios. Certamente, depois do amor de Deus e do gozo da comunhão com Ele, a ardente caridade e afeição com a qual as almas bem-aventuradas se abraçam umas às outras, com justiça deve ser considerada como a maior felicidade dessas altíssimas regiões, e, se prevalecesse universal no mundo, anteciparia aquela bem-aventurança e nos faria saborear na terra os gozos do céu.

A EXCELÊNCIA DA PUREZA

Aquilo que denominei terceiro ramo da religião é a pureza, e talvez você se lembre de que a descrevi dizendo que consiste no desprezo pelos prazeres sensuais e na resoluta disposição para suportar as dores e aflições com as quais nos defrontamos durante o cumprimento do nosso dever. Pois bem, a só menção disto pode ser suficiente para recomendar a pureza como a qualidade mais nobre e mais excelente. Não há escravidão mais abjeta do que aquela pela qual o homem se torna escravo das suas próprias luxúrias, e nenhuma vitória é tão gloriosa como a que é obtida sobre elas. Nunca poderá ser capaz de qualquer coisa nobre ou digna a pessoa que chafurda nos crassos lamaçais dos prazeres dos sentidos, ou que se deixe enfeitiçar pelas levianas e etéreas gratificações da fantasia. Mas a alma religiosa tem caráter mais sublime e divino. Ela sabe que foi criada para valores mais altos e se nega altivamente a dar um passo fora das veredas da santidade para obter qualquer daquelas coisas vis.

O DELEITE QUE ELA PROPICIA

Esta pureza vem acompanhada de muito prazer. O que quer que macule a alma também a perturba. Todos os prazeres têm um ferrão cravado neles e deixam um rastro de angústia e de lancinante dor. Os excessos, a intemperança e todas as luxúrias desordenadas são, de tal forma, inimigos da saúde do corpo e dos interesses da presente vida, que um

pouco de ponderação obrigaria qualquer homem racional a abster-se deles, com base nesse mesmo juízo. E se a pessoa religiosa subir mais e não se abster só dos prazeres dani-nhos, mas também deixar de lado os prazeres inócuos ou inocentes, não se deve considerar isso como uma restrição violenta e molesta, porém como o efeito de uma escolha melhor, para que a mente deles seja impulsionada a buscar deleites mais sublimes e mais refinados, e razão pela qual eles já não podem interessar-se por aqueles outros prazeres.

Toda pessoa que se envolve numa afeição violenta e apaixonada facilmente olvidará as suas gratificações comuns, terá pouca curiosidade por sua dieta alimentar, ou por seu bem-estar físico, ou pelas recreações nas quais costumava deleitar-se. Não admira, pois, que as almas dominadas pelo amor divino desprezem os prazeres inferiores e se mostrem quase prontos a dar com relutância o atendimento de que o corpo necessita para as comuns acomodações da vida, julgando-as impróprias para a sua maior felicidade e para os gozos superiores que elas buscam. Quanto às durezas e dificuldades com as quais talvez se defrontem, regozijam-se nelas, vendo-as como oportunidades para exercitar e testificar o seu afeto. E, visto que podem fazer tão pouco por Deus, alegram-se com a honra de sofrer por Ele.

A EXCELÊNCIA DA HUMILDADE

O derradeiro ramo da religião é a humildade. Todavia,

para os olhos vulgares e carnaís, a humildade pode parecer uma qualidade abjeta, vil e desprezível. Entretanto, a alma humana é incapaz de algum atributo mais elevado e mais nobre. É uma tola ignorância que gera o orgulho, mas a humildade surge de uma familiaridade mais íntima com as coisas excelentes, e impede os homens de apegar-se a bagatelas ou de envaidecer-se por causa de algumas realizações insignificantes.

As almas nobres e bem educadas nunca têm em alta conta as riquezas, a beleza, a força e outras pequenas vantagens semelhantes, quanto a se valorizarem por elas ou a desprezarem aqueles que delas têm falta. E, quanto à dignidade interior e à verdadeira bondade, o discernimento que as almas piedosas têm das perfeições de Deus leva-as a pensar muito modestamente sobre qualquer coisa que até agora tinham alcançado, como também as leva a continuarem se esforçando para superar a si mesmas e para se aproximarem mais das excelências infinitas que elas admiram.

Não sei o que os outros pensam da humildade, mas eu vejo que quase todos fingem ou aparentam tê-la e que evitam as expressões e os atos que poderiam fazer com que fossem considerados arrogantes e presunçosos, de modo que aqueles que mais desejam receber louvores relutam em recomendar suas pessoas. O que seriam todos aqueles cumprimentos e aquelas maneiras de civilidade, tão freqüentes em nossas conversas comuns, senão muitos protestos de estima e consideração de outros e os humildes pensamentos que temos sobre nós mesmos? E acaso não ocorre de fato

que a humildade é uma nobre e excelente qualidade quando as puras sombras dela são consideradas uma parte muito necessária da polidez social?

O PRAZER E O ENCANTO DO TEMPERAMENTO HUMILDE

A graça da humildade é também acompanhada de grande felicidade e tranqüilidade. Quem é orgulhoso e arrogante é um problema para todos os que conversam ou convivem com ele, mas acima de tudo para si mesmo: qualquer coisa é suficiente para contrariá-lo, mas dificilmente alguma coisa é capaz de contentá-lo e agradá-lo. Ele está pronto a brigar por qualquer coisa que lhe desagrade, como se fosse um personagem tão altamente digno de consideração que Deus, o Todo-poderoso, devesse fazer tudo para satisfazê-lo, e todas as criaturas do céu e da terra tivessem que servi-lo e obedecer à sua vontade. As folhas das árvores altas são sacudidas por qualquer golpe de vento; e cada sopro, cada má palavra, inquietará e atormentará o arrogante. Mas quem é humilde, quando desprezado tem a vantagem de que ninguém pode considerá-lo mais insignificante do que ele próprio se considera. Por isso não se abala face ao desprezo que lhe votem, mas pode suportar facilmente as críticas que feririam até à alma a pessoa arrogante. “Da soberba só provém a contenda” (Provérbios 13:10); a arrogância trai o arrogante, colocando-o em mil inconveniências com as quais as pessoas de caráter manso e humilde não se defrontam. A verdadeira e genuína humildade gera

veneração e amor entre as pessoas sábias e dotadas de discernimento, ao passo que o orgulho põe abaixo o seu próprio propósito e priva o orgulhoso da honra que o orgulho o leva a desejar.

Entretanto, assim como os “principais exercícios da humildade” são os que se relacionam com Deus todo-poderoso, assim também eles são acompanhados pela maior satisfação e pelo maior dulçor. É impossível expressar o grande prazer e deleite que as pessoas religiosas sentem na mais humilde prostração das suas almas diante de Deus, quando, tendo uma aprofunda percepção da majestade e glória de Deus, elas vão ao fundo do seu ser, se posso assim falar, e se desvanecem e desaparecem na presença de Deus, movidos por um sério e sentido reconhecimento da sua nulidade pessoal e da pequenez e imperfeição das suas realizações, quando entendem o pleno sentido e a ênfase da exclamação do salmista, “Que é o homem?” (Salmos 8:4), e podem proferi-la com o mesmo sentimento. Nunca a pessoa ativa e ambiciosa, seja quem for, recebe os louvores e os aplausos dos homens com tanto prazer como a pessoa humilde e realmente religiosa os renuncia; “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória” (Salmos 115:1).

Comentei, então, algo das excelências e vantagens da religião em seus vários ramos. Mas eu faria grande injúria ao assunto se tivesse a pretensão de havê-la explicado perfeitamente. Procuremos conhecê-la bem, meu amigo, e a experiência nos ensinará mais do que tudo o que já se falou ou se ensinou sobre ela. Contudo, se acharmos que alguma alma já foi despertada para anseios por tão grande

bem-aventurança, bom será que lhes demos livre curso e com paciência procuremos expor algumas dessas aspirações.

ORAÇÃO

“Bom Deus! Que extraordinária felicidade é esta para a qual fomos chamados! Com que bondade juntaste o nosso dever à nossa felicidade, e prescreveste que, quanto ao nosso trabalho, sua realização seja uma recompensa tão grande! E será que tão tolos vermes sejam levados a tão grande altura! Permites que alcemos a Ti o nosso olhar? Admites e aceitas o nosso afeto? Porventura receberemos, impressas em nós, as Tuas divinais excelências por contemplá-las e admirá-las, e compartiremos a Tua beatitude e a Tua glória por amar-Te e por nos regozijarmos nelas?

Oh! A felicidade das almas que romperam os grilhões do amor próprio e desenredaram o seu afeto libertando-o de todo bem estreito e pessoal, almas cujo entendimento recebe a luz do Teu Espírito Santo e cuja vontade vai ganhando a amplitude da Tua. Almas que Te amam acima de todas as coisas e de toda a humanidade pelo que és, sem nada esperar de volta!

Estou persuadido, ó Deus, estou persuadido de que nunca poderei ser feliz, enquanto os meus afetos carnaís e corruptos não forem mortificados, enquanto o orgulho e a vaidade do meu espírito não forem subjugados, e enquanto eu não passar a desprezar seriamente o mundo e a não pensar bem de mim mesmo.

Mas, oh, quando irá isso acontecer! Oh, quando Tu

virás até mim e satisfizer a minha alma com a Tua semelhança, tornando-me santo como Tu és santo, na maneira de conversar e de viver? Será que me destes a perspectiva de uma imensa felicidade, e não queres me fazer entrar na posse dela? Tu incitastes estes desejos em minha alma, e não queres também satisfazê-los? Oh, ensina-me Senhor a fazer a Tua vontade, pois Tu és o meu Deus e o Teu Espírito é bom; guia-me para a terra da retidão! Vivifica-me, Senhor, por amor do Teu nome, e aperfeiçoa aquilo que me concerne. Senhor, a Tua misericórdia dura para sempre; não desampares as obras das Tuas mãos.”

TERCEIRA PARTE

SENTIMENTOS DE DESÂNIMO QUE PODEM SURGIR NAQUELES QUE SÃO DESPERTADOS PARA UMA CORRETA PERCEPÇÃO DO SENTIDO DA RELIGIÃO

Até aqui considerei em que a religião verdadeira consiste e como é desejável. Mas, quando a pessoa vê quão infinitamente distante o caráter e a disposição dos homens estão dela, talvez tenda a desanimar-se, a desistir e a achar completamente impossível alcançá-la. Talvez se assente cheia de tristeza, lamente-se e, com angústia e amargura de espírito, diga: “Felizes realmente aqueles cujas almas foram despertadas para a vida divina e que dessa forma foram renovadas no espírito do seu entendimento; mas, lamentavelmente, minha constituição é outra, inteiramente diferente, e eu sou incapaz de efetuar tão extraordinária mudança. Se as observâncias externas, a obediência externa aos mandamentos, realizassem esse trabalho, eu poderia esperar ficar quites com o desafiador prospecto mediante empenho diligente e cuidadosa atenção. Mas, visto que nada senão uma nova natureza pode dar conta disso, que posso fazer? Eu poderia dar todos os meus bens como

oblação a Deus, ou poderia dar esmolas aos pobres, mas não posso comandar o amor e a real caridade, virtudes sem as quais todo esse gasto de nada me valeria (Atos 8:20). Não se pode comprar com dinheiro este dom de Deus (Cânticos 8:7). Mesmo que a pessoa desse todos os pertences da sua casa para adquirir amor, isso não seria levado em consideração. Eu poderia desprezar e flagelar o meu corpo, e submeter-me a muitas durezas e dificuldades, porém não posso fazer perecer toda a minha corrupção em todas as suas formas, nem fazer com que os meus afetos se desliguem das coisas terrenas. Alguns desejos mundanos continuam ocultos em meu coração, e aquelas vaidades e futilidades para as quais eu fechei as portas, sempre estão entrando pelas janelas. Muitas vezes me convenci da minha baixeza, da fraqueza do meu corpo, e da fraqueza muito maior da minha alma. Todavia, isso gera indignação e descontentamento em meu espírito, em vez de verdadeira humildade. E embora eu venha a pensar de maneira sobremodo modesta de mim mesmo, não posso tolerar que outros pensem assim também.

Numa palavra, quando reflito em minhas mais altas e supostas realizações, tenho motivo para suspeitar de que todas elas não passam de efeitos da natureza, os resultados do amor-próprio atuando sob diversos disfarces. E este princípio é tão poderoso e se acha tão arraigado em mim, que não posso esperar que alguma vez eu seja libertado do seu domínio. Posso girar e regirar como uma porta gira em seus gonzos, mas nunca posso eliminar o ego ou soltar-me dele; o ego continua sendo o centro de todos os meus

movimentos. Sendo assim, o único proveito que posso tirar da descoberta da religião restringe-se a ver, a uma enorme distância, a felicidade que não me é possível alcançar – como o náufrago que enxerga a terra e inveja a felicidade dos que nela se encontram, mas que acha impossível chegar à costa”.

O CARÁTER IRRACIONAL DESTES TEMORES

Estes e outros pensamentos desanimadores, reitero, podem surgir na mente daquelas pessoas que começam a conceber mais do que o faziam anteriormente um pouco da natureza e da excelência da religião. Espiaram a terra e viram que é extraordinariamente boa e que mana leite e mel. No entanto, também descobrem que têm que enfrentar os gigantescos filhos de Enaque, elas têm que vencer poderosas luxúrias e multiforme corrupção, e temem que nunca vão prevalecer contra tão grandes forças. Mas, por que é que nos rendemos para sugestões e insinuações tão desencorajadoras? Por que abrigamos esses temores irracionais, que abatem o nosso espírito, enfraquecem as nossas mãos e aumentam as dificuldades do nosso caminho? Tratemos nós mesmos de encher-nos de coragem, meu caro amigo, procuremos animar-nos com aqueles formidáveis recursos que nos estão disponíveis nesta guerra espiritual, pois maior é Aquele que é por nós do que todos os que acaso se levantem contra nós. “O Deus eterno é o *nosso* refúgio, e para *nos* segurar estão os braços eternos” (Deut. 33:27). Sejam fortes no Senhor e na força do Seu poder, pois Ele pisará os nossos inimigos. Deus cuida compassivamente das

para as almas dos homens e se dispõe infinitamente a promover a sua felicidade. Ele condescende com a nossa fraqueza e declarou com juramento que não tem prazer em nossa destruição. Não existe despeito ou ciúme alojado no seio do Ser sempre bendito, cujo nome e natureza é Amor. No princípio Ele nos criou numa condição feliz, e agora, tendo nós caído dessa condição, ele declara: “A um herói concedi o poder de socorrer” (Sal. 89:19, ARA). Deus confiou o cuidado das nossas almas a nenhum outro senão o Filho eterno do Seu amor. Ele é o capitão da nossa salvação; que inimigos podem ser fortes demais para nós, quando combatemos sob a bandeira do nosso divino Comandante em Chefe? Porventura o Filho de Deus não desceu e tabernaculou entre os filhos dos homens para recuperar e propagar a vida divina e restaurar a imagem de Deus em suas almas? Todas as poderosas obras que Ele realizou, todas as tristes aflições que suportou, tinham isso como seu escopo e como seu objetivo. Para isso Ele trabalhou e sofreu fadiga, para isso Ele verteu Seu sangue e morreu (Is. 29:18,19). “Todavia, ao Senhor agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os dias; e o bom prazer do Senhor prosperará em sua mão. O trabalho da sua alma ele verá, e ficará satisfeito” (Is. 53:10,11). Certamente era e é impossível que esse grande projeto do céu fosse frustrado, que um empreendimento extraordinário como esse falhasse e sofresse malogro. Tal plano já foi eficaz para a salvação de muitos milhares que outrora estavam longe do reino do céu, como podemos supor que acontece

conosco, e o nosso Sumo Sacerdote, “porque permanece para sempre, tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus” (Heb. 7:24,25). Ele é terno e compassivo, conhece as nossas fraquezas e teve experiência das nossas tentações. “Não esmagará a cana quebrada e não apagará o morrão que fumeja, até que faça triunfar o juízo” (Mat. 12:20). Ele enviou o Seu Espírito Santo, cujos brandos, mas poderosos, sopros ainda se movem no mundo, para animar e avivar as almas dos homens, e para despertá-las para o senso e o sentimento das realidades divinas para as quais elas foram criadas, e está pronto a prestar assistência a criaturas fracas e flácidas como somos em nossos esforços e tentativas em direção à santidade e à felicidade. E, assim que se apodera de uma alma e acende nela a menor centelha do amor divino, esta se firma e se mantém, vindo a tornar-se uma chama viva. “As muitas águas não poderiam apagar este amor, nem os rios afogá-lo” (Cant. 8:7). Quando esse dia começar a raiar, “e a estrela da alva *aparecer* em vossos corações” (2 Ped. 1:19), ela facilmente dispersará os poderes das trevas, e fará com que a ignorância, a loucura e todos os sentimentos corruptos e egoístas fujam tão depressa como as sombras da noite quando o sol sai da sua recâmara: “A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Prov. 4:18). “Vão indo de força em força; cada um deles em Sião aparece perante Deus” (Sal. 84:7).

Por que havemos de achar impossível que a verdadeira bondade e o verdadeiro amor dominem e prevaleçam em

nossas almas? Acaso não era este o seu primeiro estado e condição, a sua inata e genuína constituição como saíram originalmente das mãos do seu Criador? O pecado e a corrupção não passam de usurpadores, e, embora tenham mantido sua posse por muito tempo, “no princípio não foi assim” (Mateus 19:8). Aquele amor desordenado que em geral se pensa que está arraigado em nosso ser essencial e que foi entretecido com a constituição da nossa natureza, é, não obstante, de origem forçada, e não tinha nenhum lugar no estado de integridade anterior à Queda. Ainda temos forte razão para condená-lo. O nosso entendimento é facilmente convencido de que devemos dedicar-nos totalmente Àquele de quem temos o nosso ser, e amar mais do que a nós mesmos Aquele que é infinitamente melhor do que nós. E a nossa vontade estaria pronta a cumprir isso tudo se não fosse desordenada e não tivesse sido posta fora de sintonia. E será que não foi Ele que habilitou nossas almas a retificar e a corrigir a nossa vontade desvirtuada? Não seremos capazes, com a Sua assistência, de dominar e expulsar aqueles intrusos violentos e de pôr em fuga “os exércitos dos estranhos” (Heb. 11:34)?

Tão logo que pegarmos em armas nesta guerra santa, teremos todos os santos da terra e todos os anjos do céu engajados na luta ao nosso lado. No mundo inteiro a Igreja de Cristo intercede junto a Deus pelo bom êxito de todos esses esforços. E, sem dúvida, as hostes celestiais nas alturas preocupam-se com os interesses da religião e estão infinitamente desejosos de ver a vida divina prosperando e prevalecendo neste mundo inferior, e que a vontade de

Deus seja feita por nós na terra como é feita por eles no céu; e que não precisemos encorajar-nos uns aos outros como foi preciso que o profeta encorajasse o seu servo quando lhe mostrou os carros de fogo, tendo-lhe dito: “Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles” (2 Reis 6:16,17).

DEVEMOS EMPREGAR NOSSOS MÁXIMOS ESFORÇOS E ENTÃO CONFIAR NA ASSISTÊNCIA DE DEUS

Fora, então, com todos os temores embaraçosos e com todos os pensamentos desanimadores! Agir com vigor e firmar-se confiantemente na assistência divina é mais que a metade da vitória do crente: “Levantemo-nos pois, e façamos a obra, e o Senhor estará conosco” (1 Crôn. 22:16). É certo que a religião na alma dos homens é resultado imediato da ação de Deus, e todos os nossos esforços naturais, por si sós, não a podem produzir, como também não fazem jus às ajudas sobrenaturais pelas quais ela é produzida. É necessário que o Espírito Santo venha sobre nós e que o poder do Altíssimo nos cubra, antes de ser gerada a religião verdadeira e antes que Cristo seja formado em nós. Contudo, não devemos esperar que toda esta obra seja realizada sem um concomitante esforço nosso. Não devemos ficar ociosos no fosso e esperar até que o Onipotente nos tire de lá; não, não! Temos que ativar-nos e que acionar os poderes que já recebemos; temos que empenhar-nos com as nossas habilidades máximas, e então poderemos esperar

confiantes que “o nosso trabalho não será vão no Senhor” (1 Cor. 15:58).

Nem toda a arte e nem todo o engenho do homem podem formar a menor erva, nem fazer crescer um pé de milho no campo. A energia da natureza e as influências do céu é que produzem esse efeito. Deus é que “faz crescer a erva para os animais, e a verdura para o serviço do homem” (Sal. 104:14). Ninguém dirá, porém, que o trabalho do agricultor é inútil ou desnecessário. Assim também a alma humana é criada diretamente por Deus. É Ele que forma e dá vida à criança. Contudo, Ele ordenou o leito matrimonial como o meio normal para a propagação da humanidade. Embora seja necessário que intervenha um toque do Onipotente para efetuar esta mudança extraordinária em nossas almas, devemos fazer o que pudermos para ajustar-nos e preparar-nos (Jer. 4:3), pois precisamos arrotear o solo, arrancar as ervas daninhas e eliminar os espinheiros para que estejamos mais bem aparelhados para receber as sementes da graça e o orvalho do céu.

É verdade que Deus achou alguns que não O procuravam. Ele Se pôs no caminho de alguns que estavam inteiramente fora do Seu. Apreendeu-os e interrompeu sua caminhada num instante. Foi assim que o apóstolo Paulo foi convertido no caminho de Damasco. Mas certamente não é esse o método comum pelo qual Deus trata os homens. Embora Deus não se prenda aos meios, Ele nos atou ao uso deles. E não temos maior razão para esperar a assistência divina do que quando estamos fazendo os nossos máximos esforços. Minha próxima tarefa será, pois, mostrar o curso

que devemos seguir para chegarmos a ter o abençoado caráter que até aqui descrevi. Contudo, nesta altura, se ao apresentar os meus próprios pensamentos, ocorrer que difiro do que é ou for dito por outros sobre este assunto, não se deve pensar que os contradigo ou que me oponho a eles. Dá-se aqui o que acontece quando diferentes médicos receitam diversos remédios para a mesma doença, sendo que talvez todos sejam úteis e bons. Cada um pode propor o método que julga mais próprio e mais conveniente, porém com isso não tem a pretensão de que nunca será efetuada a cura se o seu método não for seguido à risca. Duvido que tenha ocasionado muita inquietude desnecessária a pessoas santas o fato de não encontrarem em suas almas os ajustes regulares e ordenados que viram descritos nos livros, e de não terem passado pelos passos e estágios da conversão que “alguns, que talvez os tenham experimentado pessoalmente, prescreveram peremptoriamente para outros”. Deus tem diversas maneiras de lidar com as almas humanas, e é suficiente que a obra seja realizada, sejam quais forem os métodos utilizados.

Aqui também, embora ao propor diretrizes eu deva seguir a ordem à qual a natureza das coisas nos leve, não quero, entretanto, dizer que o mesmo método deve ser observado ponto por ponto na prática, como se não se devesse dar atenção a regras novas enquanto não se passasse considerável tempo na prática das regras anteriores. As diretrizes que tenho a intenção de apresentar conduzem-se mutuamente umas às outras, e todas são executadas conforme a ocasião se preste para isso e na

medida em que nos virmos habilitados para fazê-lo.

DEVEMOS EVITAR TODA ESPÉCIE DE PECADO

Para que não haja mais demora, prossigo dizendo: se desejamos ter nossas almas moldadas para essa disposição santa, tornar-nos participantes da natureza divina e ter Cristo formado em nossos corações, devemos, com séria resolução e com diligente empenho, evitar e abandonar todas as práticas viciosas, más e pecaminosas. Não poderá haver nenhum tratado de paz enquanto não depusermos de vez as armas da rebelião com as quais lutamos contra o céu. Tampouco podemos esperar que os nossos males sejam curados se nos alimentarmos diariamente com veneno. Todo pecado mortal faz ferida na alma e a coloca em maior distância de Deus e da bondade. E jamais poderemos esperar ter os nossos corações purificados dos sentimentos corruptos, a não ser que lavemos as nossas mãos, purificando-as das más ações.

Ora, neste caso, não podemos escusar-nos pretextando impossibilidade, pois seguramente o nosso homem exterior está de algum modo em nosso poder. Temos algum controle dos nossos pés, das nossas mãos e da nossa língua, sim, e também dos nossos pensamentos e imaginações, ao menos no sentido de desviá-los de objetos impuros e pecaminosos e de dirigir nossa mente por outro caminho. E veríamos este poder e esta autoridade muito fortalecidos e aperfeiçoados se os manuseássemos e os exercêssemos diligentemente. No ínterim, reconheço que a nossa multiforme corrupção é tão

forte, e que as tentações que nos assediam são tantas, que se requerem muita perseverança e resolução, muita vigilância e muito cuidado para nos preservarmos mesmo no grau de inocência e de pureza em que nos encontramos.

DEVEMOS APRENDER QUAIS SÃO AS COISAS E PRÁTICAS PECAMINOSAS

Primeiro, procuremos informar-nos bem sobre quais pecados nos assediam para que nos abstenhamos deles. E aqui não devemos tomar nossas medidas pelas réguas do mundo, nem pelas práticas daqueles que por caridade dizemos que são boa gente. Muitos são os que pouco entendem destas coisas e que não são sensíveis face às faltas, a não ser quando são muito indecorosas e licenciosas ou criminosas, e dificilmente consideram a enormidade de alguma, descrevendo-a como simples afetação ou exagero nos modos e nas modas. Os que são mais sérios muitas vezes se permitem grande largueza e liberdade. Quanto orgulho e quanta vaidade, quanta paixão, quanto capricho e pecado suas conversas, seus costumes e seu comportamento revelam! Pode ser que isso os humilhe, que lutem contra isso e que estejam ganhando algum terreno cada dia, mas, nesse caso, o progresso é tão lento e os fracassos são tantos que precisamos escolher um padrão mais rigoroso.

Cada um de nós precisa responder por si, pois as práticas alheias nunca nos dão segurança e garantia. É o cúmulo da loucura regradar as nossas ações por qualquer outro padrão que não seja aquele pelo qual elas terão que

ser julgadas. Se devemos “purificar o nosso caminho”, terá que ser “observando-o conforme a palavra de Deus” (Sal. 119:9), e essa palavra, que “é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes”, que “penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração” (Heb. 4:12), certamente revelará muitas coisas pecaminosas e nefandas que passam por muito inocentes aos olhos do mundo. Imitemos, pois, o salmista, que diz: “Quanto ao trato dos homens, pela palavra dos teus lábios me guardei das veredas do destruidor” (Salmos 17:4).

Procuremos familiarizar-nos com as estritas e santas leis da nossa religião; ponderemos os discursos do nosso bendito Salvador, principalmente o magistral Sermão do Monte, e os escritos dos santos apóstolos, onde a mente ágil e despreconcebida pode discernir claramente os limites e as fronteiras dentro dos quais as nossas ações devem ficar confinadas.

Em segundo lugar, jamais vejamos nenhum pecado como leve e insignificante. Estejamos, sim, plenamente persuadidos de que o menor pecado é infinitamente odioso aos olhos de Deus e prejudicial para a alma. Convençamo-nos também de que, se tivéssemos o reto entendimento das coisas, seríamos profundamente afetados em nossa sensibilidade moral pelas menores irregularidades ocorridas na vida cristã, como agora o somos pelos maiores crimes.

DEVEMOS CONSIDERAR OS MALES DO PECADO E RESISTIR ÀS TENTAÇÕES PARA PECAR

Mas notemos agora que, entre as coisas pecaminosas, haverá algumas às quais, pela disposição da nossa natureza, ou pelo costume prolongado ou pelos atrativos do prazer, estamos tão ligados que abandoná-las seria como cortar a mão direita ou arrancar um olho. E, será que devemos sentar-nos e esperar que passem todas as dificuldades e que todas as tentações desapareçam? Isto seria imitar o bobo descrito pelo poeta, o tal que ficou o dia inteiro na beira do rio esperando esgotar-se a água toda. Não devemos ser indulgentes para com as nossas más inclinações, como fazemos com as crianças, esperando até que se cansem daquilo de que não querem soltar-se. Não devemos continuar nossas práticas pecaminosas, na esperança de que um dia a graça divina domine nosso espírito e faça com que as odiemos por sua própria fealdade.

Imaginemos o pior – que somos completamente destituídos de qualquer princípio sobrenatural e que nos falta aquela acuidade pela qual poderíamos discernir e detestar as coisas perversas. Contudo, somos capazes de tecer algumas considerações que forçosamente nos persuadirão a fazer esta reforma da nossa vida. Se a fealdade ou a deformidade interior e a natureza odiosa do pecado não nos puderem sensibilizar, bem pode ser que ao menos nos assustem as terríveis conseqüências que as acompanham: o mesmo princípio egoístico que nos impele a buscarmos prazeres pecaminosos, nos fará relutantes em adquiri-los

pelo preço da miséria eterna. Assim, podemos enfrentar o amor-próprio com suas próprias armas, empregando uma inclinação natural para reprimir as exorbitâncias de outra. Portanto, acostumemo-nos a considerar seriamente quão temível coisa é irritar e ofender o Ser infinito de Quem necessitamos e de Quem dependemos em todos os momentos, Aquele que basta retirar Suas misericórdias para deixar-nos em condições miseráveis, ou Sua assistência, para deixar-nos nulos.

Procuremos lembrar freqüentemente a brevidade e a incerteza da nossa vida, e que, depois de termos feito mais alguns giros pelo mundo e convivido um pouco mais com os homens, todos nós teremos que descer ao túmulo sombrio e silencioso, nada levando conosco senão angústia e aflição por todos os nossos gozos pecaminosos. E, depois pensemos no tremendo horror que certamente envolverá a pessoa culpada ao ver-se desnuda e sozinha diante do Juiz severo e imparcial para prestar meticulosas contas, não somente das grandes e importantes realizações pecaminosas, mas também de toda palavra proferida, e do mais veloz e mais secreto pensamento que acaso tenha passado por sua mente.

É bom às vezes dramatizar para nós mesmos os horrores daquele dia terrível (2 Ped. 3:10), quando os fundamentos da terra serão abalados, os céus passarão com grande estrondo, e os elementos se derreterão no fogo abrasador. Então a presente estrutura da natureza o Senhor dissolverá, e os nossos olhos verão o bendito Senhor Jesus – Aquele que outrora veio ao mundo com toda a humildade

para visitar-nos, adquirir perdão para nós e rogar que O recebêssemos – Ele mesmo aparecerá agora na majestade da Sua glória, descerá do céu em meio a labaredas vivas para tomar vingança dos que desprezaram a Sua misericórdia e persistiram em sua rebelião contra Ele. Nesse dia todas as coisas das trevas, até então ocultas, serão trazidas à luz, e Ele manifestará os desígnios dos corações (1 Cor. 4:5). Nesse dia aquelas impurezas secretas e aquelas fraudes sutis, quanto às quais o mundo nunca suspeitou de nós, serão expostas e abertas publicamente, e mil e uma ações que jamais sonharíamos que eram pecaminosas, ou então foram totalmente olvidadas, serão despejadas em nossa consciência provocando tão patente convicção de culpa que não seremos capazes nem de negá-las nem de escusá-las.

Então todos os anjos do céu e todos os santos que já viveram na terra aprovarão a terrível sentença que será declarada contra os ímpios. E aqueles que talvez os tenham amado e estimado quando viviam no mundo olharão para eles com indignação e aversão, e jamais solicitarão sua libertação. Pensemos na punição eterna das almas condenadas, as quais são prefiguradas nas Escrituras por metáforas tiradas das coisas mais terríveis e mais dolorosas, e, todavia, não suficientes para possibilitar à nossa mente a plena percepção da realidade. Juntando todas essas expressões e vendo a sua importância, e lhes acrescentando o que quer que a nossa imaginação possa conceber de miséria e de tormento, ainda teremos que lembrar que tudo isso fica muito aquém da verdade e da realidade dos fatos.

É certo que este assunto é triste e melancólico. Ele traz

angústia e horror ao considera-lo. Mas, sem dúvida será infinitamente mais terrível ter que suportar a realidade a que ele se refere. E ter pensamentos como estes pode ser muito útil para dar-nos medo de seguir os caminhos que levam para lá. Por mais que gostemos dos prazeres pecaminosos, o temor do inferno deveria levar-nos a abster-nos deles. Nossas inclinações que mais nos impelem ao pecado vão deter-se em sobressalto e recuar, quando pressionadas pela pergunta que consta no texto do profeta: “Quem dentre nós habitará com as labaredas eternas” (Is. 33:14)?”

Justamente com esse propósito é que os terrores do outro mundo são apresentados muitas vezes nas Sagradas Escrituras e em termos próprios para sensibilizar e influenciar a mente carnal. Esses temores jamais serão suficientes para tornar verdadeiramente bom quem quer que seja, mas certamente podem refrear-nos, impedindo-nos de praticar muitos atos maus, e com freqüência abrem caminho para que fiquem gravadas impressões melhores e mais inteligentes.

DEVEMOS VIGIAR CONSTANTEMENTE A NÓS MESMOS

Não será suficiente pensar e repensar estas coisas, nem tomar a resolução de abandonar os nossos pecados, a não ser que nos mantenhamos sempre em guarda e que estejamos continuamente vigilantes contra eles. Às vezes a mente é despertada para ver as funestas conseqüências de uma vida viciada no mal, e imediatamente resolvemos mudar

de vida. Lamentavelmente, porém, logo ela cai no sono, e nós perdemos de vista a perspectiva que tínhamos das coisas, e então as tentações se aproveitam da situação e nos instigam e nos importunam continuamente, e muitas vezes conseguem o nosso consentimento sem que o percebamos.

A loucura e a desgraça de muitos estão em que vivem atrás de aventuras ou de emoções de risco e participam de tudo quanto se apresente em seu caminho, raramente procurando saber o que isto ou aquilo vem a ser ou tem para dizer ou o que pretende fazer (isto é, não enxergamos a natureza real e pecaminosa de uma prática e não entendemos nem o sentido nem o objetivo, muitas vezes satânico, dessa prática). Se de fato queremos que as nossas resoluções se efetuem, devemos ter cuidado com os nossos caminhos, pôr vigilância perante a porta dos nossos lábios, e examinar os movimentos e os sentimentos que surgem em nossos corações, forçando-os a dizer de onde vêm e para onde vão (sempre será sábio procurar prever as conseqüências dos atos que pretendemos praticar).

Esse cuidado devemos ter, seja orgulho ou paixão, ou alguma disposição corrupta ou maligna, que nos predisponha a algum objetivo qualquer, e seja Deus o ofendido ou algum ser humano o ferido por esse mal. Caso não tenhamos tempo para arrazoar, ao menos dirijamos o nosso olhar para Deus e coloquemo-nos em Sua presença, para Lhe pedir licença ou aprovação para o que fazemos ou queremos fazer. Consideremos o fato de que estamos sob os olhos que tudo vêem, sob os olhos da Majestade divina, como se estivéssemos no meio de um infinito globo de luz, que nos

circunda e que atinge os recantos mais recônditos da nossa alma. A percepção e a lembrança da presença divina é o meio mais apto e eficaz, tanto para discernirmos o que é ilícito como para o evitarmos. Há algumas coisas que a pessoa poderia usar como substitutas para servirem de paliativo ou de suporte, e, todavia, a pessoa não ousa fitar de frente o todo-poderoso Deus e aventurar-se a praticá-las.

Se O contemplarmos, seremos iluminados; “se o tivermos sempre diante de nós, Ele nos guiará com a luz dos Seus olhos e nos instruirá sobre o caminho em que devemos andar” (Cf. Sal. 32:8).

DEVEMOS EXAMINAR FREQUENTEMENTE AS NOSSAS AÇÕES

Este cuidado e esta vigilância quanto às nossas ações devem ser secundados por freqüentes e sérias reflexões sobre elas, não somente para obtermos a misericórdia e o perdão de Deus para os nossos pecados, por um triste e humilde reconhecimento deles, mas também para poder-mos reforçar e fortalecer as nossas resoluções, e aprender a resistir às tentações pelas quais anteriormente éramos derrotados, ou a recusá-las categoricamente.

Um conselho digno dos cristãos, apesar de originário de uma pena pagã, é que, antes de nos prepararmos para o repouso noturno, devemos repassar e examinar todas as coisas que nos ocorreram durante o dia, para que nos revigoremos pelo que fizemos de bom e certo, corrijamos os erros cometidos e transformemos os naufrágios sofridos

num dia em sinais que indiquem a nossa rota no outro dia. Isto pode ser descrito como a verdadeira arte do viver virtuoso, e certamente contribui maravilhosamente para levar avante a nossa reforma pessoal e para preservar a nossa inocência.

Mas, além disso, não devemos esquecer-nos de implorar a assistência divina, especialmente contra os pecados que mais facilmente nos assediam e nos influenciam. Embora se possa supor que os nossos corações ainda não se amoldaram àquela disposição espiritual que tornaria aceitáveis os nossos atos de devoção, penso eu que as considerações que visam fazer com que recuemos de diante do pecado também podem instigar em nós alguma seriedade natural e tornar as nossas orações ao menos tão fervorosas como fervorosas são contra outras calamidades. E não tenho dúvida de que Deus, que dá ouvidos aos crocitos dos corvos, leva em consideração as nossas petições, mesmo aquelas que procedem dos impulsos naturais que Ele próprio implantou em nós. Além disso, as orações contra o pecado agem poderosamente em nós para nos incentivar e nos mover à vigilância e ao diligente cuidado. E, o bom senso nos dará vergonha de recair nas faltas pelas quais recentemente nos lamentamos diante de Deus e contra as quais rogamos a Sua assistência.

DEVEMOS REFREAR-NOS MESMO NA PRÁTICA DE MUITAS COISAS LÍCITAS

Devemos, pois, ensaiar o primeiro passo para recuperar a vida divina restringindo os nossos impulsos naturais, para

que não resultem em práticas pecaminosas. Mas agora devo acrescentar que a prudência cristã nos ensinará a abster-nos das concessões quanto a prazeres não simplesmente ilegais ou ilícitos, e isso não somente para assegurar-nos a nossa inocência, que estaria em contínuo perigo, mesmo que restringíssemos a nossa liberdade ao máximo; mas também para que com isso possamos enfraquecer as forças da natureza, os instintos, os impulsos, as inclinações, e ensinar os apetites a obedecerem ao nosso propósito de santificação.

Devemos fazer com nós mesmos como os pais prudentes fazem com seus filhos pequenos, contrariando a sua vontade em pequenas coisas inócuas para torná-los manejáveis e submissos em casos mais sérios. Quem quiser mortificar o orgulho e a vaidade do seu espírito deve fechar seus ouvidos para os elogios mais merecidos, e, às vezes, ignorar as críticas e as calúnias de outros, especialmente se elas recaem em sua prudência e em sua conduta, não em sua virtude e em sua inocência. Quem quiser pôr um paradeiro em seu temperamento vingativo fará bem em negar a si a satisfação de apresentar a outros as injúrias que sofreu ou que está sofrendo. E, se quisermos vigiar nossas atitudes para que não pequemos com a nossa língua, devemos habituar-nos a muita solidão e a muito silêncio, e, às vezes, com o salmista, a “*calar-nos* mesmo acerca do bem” (Sal. 39:2), até que tenhamos alguma instrução ou ordem sobre aquele membro desordenado. Assim, digo e repito, devemos dominar as nossas inclinações naturais e moderar os nossos apetites em suas cobiças, acostumando-os a freqüentes recusas. Mas não basta tê-los sob forte repressão e restrição.

DEVEMOS ESFORÇAR-NOS PARA NÃO AMARMOS O MUNDO

Nosso próximo passo deve ser o empenho em afastar os nossos afetos das coisas criadas e de todos os deleites e entretenimentos da vida inferior, os quais afundam as almas dos homens e retardam seus passos rumo a Deus e ao céu. E devemos fazer isso levando nossas mentes a persuadir-se profundamente da vaidade e da vacuidade dos prazeres mundanos. Este é um tema comum, e praticamente todo o mundo pode fazer grandes declamações sobre ele. Mas, quão poucos são os que entendem e crêem o que dizem! Que pena! Essas noções flutuam em nossos cérebros e deslizam para fora por nossas línguas, mas não temos profunda impressão delas em nossos espíritos; não sentimos a verdade que fingimos crer. Podemos dizer que toda a glória e todo o esplendor do mundo e todos os gozos e prazeres terrenos, são vaidades e nulidades. Todavia, essas nulidades ocupam todos os nossos pensamentos e monopolizam todos os nossos sentimentos, sufocam as melhores inclinações da nossa alma e nos seduzem, levando-nos a cometer muitos pecados.

Pode ser que, num ímpeto de sobriedade, os passemos por alto tais sentimentos e inclinações e nos decidamos a não mais deixar-nos iludir por eles, mas estes pensamentos positivos raramente sobrevivem à próxima tentação; as vaidades para as quais trancamos a porta da frente entram pela porta dos fundos. Há ainda algumas pretensões, algumas esperanças que nos adulam. E depois de nos virmos

frustrados mil vezes, temos que continuar a fazer a experiência: a menor mudança nas circunstâncias é suficiente para iludir-nos e nos leva a esperar obter, numa coisa, a satisfação que perdemos noutra. Mas, se alguma vez pudéssemos livrar-nos disso e chegar a ter um real e sério desprezo pelas coisas mundanas, isto sim seria um grande avanço em nosso caminho.

A alma humana é de natureza vigorosa e ativa, e tem uma sede frenética e inextinguível, uma espécie imaterial de fogo, sempre pegando um objeto ou outro, e, ao fazer isso, julga-se feliz. E se fosse cortada do mundo e de todos os fascinantes gozos existentes debaixo do sol, depressa ela buscaria algum objeto mais elevado e mais excelente para satisfazer os seus ardentes e importunos desejos. Então, não mais deslumbrada pelas refulgentes vaidades e ilusões, a pessoa se fixaria no Bem supremo e todo-suficiente e descobriria nele tal beleza e tal dulçor que atrairiam e dominariam todos os seus sentimentos.

O amor do mundo e o amor de Deus são como os pratos de uma balança: quando um cai o outro sobe. Quando as nossas inclinações naturais prosperam e a criatura é exaltada, a piedade se debilita e desfalece, mas quando os objetos terrenos definham e perdem a sua beleza e a alma começa a esfriar-se por não ir atrás deles, então as sementes da graça pegam e criam raízes, e a vida divina começa a florescer e a prevalecer. Cabe-nos, pois, e é do nosso maior interesse, convencer-nos de que os gozos próprios da criatura são vazios e vãos, e impor a razão ao coração para que ele deixe de amá-los.

Consideremos seriamente tudo o que a nossa razão, a nossa fé, a nossa experiência pessoal, e a observação de outros, possam sugerir neste sentido. Ponderemos vez após vez o assunto e fixemos os nossos pensamentos nesta verdade, até ficarmos realmente persuadidos dela. Em meio a todas as buscas e a todos os objetivos, paremos e perguntemos a nós mesmos: qual será o fim disso tudo? Qual é o meu objetivo? Podem os prazeres indecorosos e torpes dos sentidos, ou um monte de barro branco e amarelo (uma casa bonita), ou a estima e o afeto de tolas criaturas como eu – podem tais coisas e seres satisfazer uma alma imortal? Já não experimentei essas coisas? Terão melhor sabor e me deixarão mais contente amanhã do que hoje, ou ano que vem do que neste? Pode haver alguma pequena diferença entre o que busco agora e o que gozei antes, mas o certo é que os meus gozos anteriores se apresentavam como aprazíveis e se prometiam a mim como bons e belos antes de eu os obter e ver o que realmente são. Como o arco-íris, de longe pareciam gloriosos, mas quando me aproximei, vi que não passavam de vácuo e vapor. Oh, que pobre coisa seria a vida humana se não lhe fossem possíveis gozos superiores!

Não posso insistir neste assunto, e a necessidade de fazê-lo diminui quando me lembro de quem é a pessoa para a qual estou escrevendo. Sim, meu prezado amigo, tive como ninguém tão grande experiência do vazio e da vaidade das coisas humanas, e no presente eu tenho poucos envolvimento mundanos como ninguém que conheço. Tenho refletido algumas vezes naquelas passagens da sua vida nas quais foi do seu agrado abrir-se comigo, e penso que

através de todas elas eu pude discernir o propósito da providência divina ao cortar os seus afetos desligando-os de tudo o que é deste mundo. As atribuladas experiências que você teve com as coisas que o mundo ama cegamente o ensinaram a desprezá-las. E você soube, por experiência, que, nem os dotes próprios da natureza, nem as vantagens da fortuna, são suficientes para dar felicidade – que toda rosa tem espinhos e que pode haver um verme na raiz da mais bela abóboreira: um secreto e ignorado pesar que pode fazer uma pessoa merecer piedade daqueles que, talvez, admirem ou invejem a sua suposta felicidade.

Se há benefícios reconfortantes da vida na terra que tomam uma parte grande demais do seu coração, penso que são os seus parentes e os seus amigos, e alguns dos mais queridos são retirados do mundo para que você eleve a sua mente para o céu quando quiser pensar neles. Dessa forma Deus providenciou para que o seu coração seja desligado do mundo, e para que Ele não tenha nenhum rival na afeição que você tem Lhe dedicado, afeição que eu sempre notei que é tão grande, na verdade ilimitada, tão nobre e desinteressada, que nenhum objeto inferior pode corresponder-lhe ou merecê-la.

DEVEMOS PRATICAR CONSCIENCIOSAMENTE AÇÕES INSPIRADAS PELA RELIGIÃO E ORDENADAS A NÓS

Quando conseguimos dominar e restringir a nossa corrupção, em seus diversos aspectos, e subjugar em certa

medida os nossos apetites e as nossas inclinações naturais pelas coisas mundanas, temos que passar a praticar os exercícios caracterizados por uma tendência mais imediata ou direta de incitar e despertar a vida divina. E, primeiro, esforcemo-nos conscienciosamente para cumprir aqueles deveres que a religião exige e para os quais ela nos inclinaria, se prevalecesse em nossas almas.

Se não conseguirmos mudar logo a nossa disposição interior, procuremos ao menos regradar o nosso procedimento interior. Se o nosso coração ainda não está inflamado por estar cheio do amor divino, pelo menos assumamos a nossa lealdade à Majestade infinita freqüentando o culto, dando ouvidos à Palavra de Deus, pronunciando Seu nome com reverência, louvando Sua bondade e exortando outros a servi-LO e a obedecer-Lhe. Se queremos ter caridade e aquelas entranhas de misericórdia para com os nossos semelhantes, não devemos perder nenhuma ocasião de fazer o bem. Se o nosso coração é altivo e orgulhoso, devemos, não obstante, ao menos observar um comportamento modesto e humilde. Estas práticas externas são de pouco valor em si, mas podem ajudar--nos a avançar para coisas melhores. É certo que o apóstolo Paulo nos diz que “o exercício corporal para pouco aproveita” (1 Tim. 4:8), mas bem se vê que ele não afirma que é completamente inútil. É sempre bom fazermos o que podemos, pois, nesse caso, Deus se compadece da nossa fraqueza e nos ajuda em nossos débeis esforços. E quando a verdadeira caridade e a verdadeira humildade, e outras graças do Espírito divino, chegam a formar raízes em nossas almas, elas serão exercidas mais livremente e com menos

difficuldade, se antes nos acostumarmos a expressá-las em nossas conversas e em nossa convivência comunitária e social. E não precisamos temer a imputação de hipocrisia, ainda que as nossas ações como que ainda procedam do nosso senso do dever e que o nosso objetivo não seja parecer melhores do que somos, mas que realmente o venhamos a ser.

DEVEMOS ESFORÇAR-NOS PARA CONCEBER ATOS INTERNOS DE DEVOÇÃO, CARIDADE E OUTROS SEMELHANTES

Assim como os atos internos têm uma influência mais direta sobre a alma, para moldá-la formando um caráter íntegro e uma disposição reta, assim também devemos ser mais assíduos e mais aplicados no exercício deles. Eleve-mos freqüentemente os nossos corações a Deus, e, se não dizemos que O amamos acima de todas as coisas, ao menos reconheçamos e confessemos que esse é nosso dever e que fazê-lo seria a nossa felicidade. Lamentemos a desonra que Lhe fazem os homens insensatos e cheios de pecado, e aplaudamos os louvores e os atos de adoração a Ele votados pelo bendito e glorioso grupo de irmãos e irmãs na fé. Renunciemos a nós mesmos e rendamo-nos a Ele mil vezes, para sermos governados por Suas leis e para dispor-nos a servi-LO em tudo o que Lhe agrade. E mesmo que os nossos corações obstinados comecem a recuar e a recusar obediência, ainda assim digamos a Ele que estamos convencidos de que a Sua vontade é sempre justa e boa e que, portanto, desejamos que Ele faça sempre conosco o

que Lhe agrada, quer o queiramos quer não.

Dessa forma, sendo produzida em nós uma caridade universal para com os homens, devemos ter e expressar nossos votos por sua felicidade e abençoar todas as pessoas que virmos. E mais, quando tivermos feito algo para aliviar o sofrimento de pessoas que se encontram em miseráveis condições, secundemos essa boa ação com a expressão de fervorosos desejos de que Deus cuide delas e as liberte de todas as suas aflições.

Por conseguinte, devemos exercitar-nos pessoalmente na piedade cristã e, quando estamos empregando as nossas capacidades pessoais, o Espírito de Deus costuma invadir-nos e elevar esses atos da nossa alma para além e acima do fundo vale da natureza imprimindo neles um caráter divino. Sucederá, então, que, após freqüentes reiteraões dos referidos atos, nós nos veremos mais inclinados a eles, passando eles a fluir com maior liberdade e facilidade.

PONDERADA CONSIDERAÇÃO É UM GRANDE INSTRUMENTO DA RELIGIÃO

Mencionarei apenas dois outros meios pelos quais podemos fazer nascer e florescer a divina disposição do espírito que constitui o tema do presente discurso. E o primeiro é uma séria consideração das verdades da nossa religião, tanto com relação à certeza delas como com relação à sua importância. O assentimento em geral dado à verdade divina é débil e flácido, muito fraco e ineficaz, provindo de uma cega inclinação para seguir a religião da moda ou

para uma preguiçosa indiferença e despreocupação se as coisas são assim ou não. Os homens não querem combater a religião do seu país, e, se todos os seus vizinhos ou conterrâneos são cristãos, eles se contentam em ser cristãos também. Mas raramente se dão ao trabalho de estudar as provas dessas verdades, ou de ponderar sua importância e sua tendência. Por isso as verdades cristãs têm tão pouca influência sobre os seus sentimentos e sobre a sua prática.

Essas “idéias destituídas de espírito e paralíticas”, como acertadamente alguém as descreveu, são incapazes de mover a vontade e de dirigir as mãos. Por isso devemos esforçar-nos para desenvolver as nossas mentes, levando-as a uma séria confiança nas verdades divinas e à plena persuasão delas, bem como a discernir e sentir as coisas espirituais. Nossos pensamentos devem demorar-se nelas, até que nos convençamos delas e sejamos profundamente influenciados por elas. Impulsionemos o nosso espírito, fazendo-o aproximar-se do mundo invisível, e fixemos nossa mente nas coisas imateriais, até percebermos claramente que não são sonhos; sim, que, ao lado delas, todas as outras coisas são sonhos e sombras.

Quando olhamos ao nosso redor e vemos a beleza e a magnificência desta formosa disposição, a ordem e harmonia de toda a criação, que os nossos pensamentos alcem vôo dali para a sabedoria e bondade do Onipotente que a produziu e ainda lhe dá firmeza e sustentação. Quando refletirmos a respeito de nós mesmos, consideremos que não somos um simples fragmento da matéria organizada, uma máquina inventada inteligentemente, e observemos que existe em

nós mais do que carne, sangue e ossos – mas sim uma centelha divina capaz de conhecer e amar o nosso Criador e de desfrutar de Sua companhia. E, embora esta viva centelha ainda esteja travada em seu lerdo e grosseiro companheiro de carne e ossos, em breve será libertada e poderá subsistir sem o corpo, tanto como o corpo pode subsistir sem roupas, as quais jogamos fora a nosso bel-prazer.

Afastemos os nossos pensamentos desta terra, deste cenário de miséria, loucura e pecado, e procuremos elevá-los em direção àquele mundo infinitamente mais vasto e mais glorioso, onde os seus inculpáveis e bem-aventurados moradores gozam as consolações da paz eterna na presença divina e não conhecem outra paixão senão um misto de alegria e de ilimitado amor. Consideremos, depois, o estu-pendo fato de que o bendito Filho de Deus desceu a este mundo inferior para viver entre nós e para morrer por nós a fim de conduzir-nos a uma parte da mesma felicidade. Pensemos em que Ele venceu a dureza da morte e abriu o reino do céu para todos os crentes, e agora está assentado “à destra da majestade nas alturas” (Heb. 1:3), e, contudo, nem por isso pensa menos em nós, mas recebe as nossas orações e as apresenta a Seu Pai, e visita diariamente a Sua igreja com as influências do Seu Espírito, como o sol nos alcança com os seus raios.

DEVEMOS CONSIDERAR A EXCELÊNCIA DA NATUREZA DIVINA, PARA QUE NASÇA EM NÓS O AMOR DIVINO

A séria e freqüente consideração destas e de outras verdades divinas semelhantes, é o método mais apropriado para gerar aquela fé vívida que é o fundamento da religião, fonte e raiz da vida divina. Permita-me sugerir mais alguns assuntos especiais de meditação, bons para produzir os diversos ramos dela. Primeiro, para inflamar as nossas almas com o amor de Deus, consideremos a excelência da Sua natureza e da Sua amorosa bondade para conosco.

Pouco sabemos das perfeições divinas. Contudo, esse pouco pode bastar para encher as nossas almas de admiração e amor, para cativar o nosso afeto e para deixar-nos mais encantados, pois não somos meramente criaturas de sentidos, incapazes de qualquer outro sentimento senão o que entra pelos olhos. O caráter de qualquer pessoa excelente que nunca vimos, muitas vezes atrai os nossos corações e nos torna grandemente envolvidos em todos os seus interesses. E que será, diga-me, que nos envolve tanto com aqueles com quem convivemos? Não posso pensar que seja meramente a cor do rosto deles, ou sua compleição elegante, pois nesse caso cairíamos de amor por estátuas, retratos e flores. Esses complementos externos podem deleitar um pouco os olhos, mas nunca poderão prevalecer muito no coração, se não apresentarem alguma perfeição vital. Nós vemos ou captamos alguma grandeza da mente, ou algum vigor do espírito, ou uma disposição doce e amena; alguma vivacidade, ou

sabedoria ou bondade, que encantam o nosso espírito e dominam o nosso amor.

Pois bem, essas perfeições não são óbvias para a vista; os olhos só podem discernir os seus sinais e os seus efeitos. E, se é o entendimento que dirige a afeição, e se as perfeições vitais prevalecem com ela, certamente as excelências da natureza divina, cujos traços podemos descobrir em tudo quanto contemplamos, não deixariam de conquistar os nossos corações, se as observássemos e as considerássemos com seriedade. Acaso não seríamos infinitamente mais transportados pela todo-poderosa sabedoria e bondade que enche o universo, manifesta-se em todas as partes da criação, estabelece a estrutura da natureza, faz girar as extraordinárias rodas da providência e preserva o mundo, impedindo que caia na desordem e na ruína – não somos transportados muito mais por essas perfeições divinas do que pelos fracos raios dessas mesmas perfeições que encontramos em nossos semelhantes, criaturas como nós? Porventura ficaremos estonteados diante dos fragmentos dispersos de uma pintura ou de um retrato imperfeito, e nunca ficaremos sensibilizados pela beleza original? Seria uma indescritível insensatez e cegueira. O que quer que achemos belo ou admirável num amigo ou num santo, não deve monopolizar o nosso afeto, mas deve elevá-lo. Devemos concluir que, se há tanta gostosura numa gota, deverá haver infinitamente mais na fonte; se há tanto esplendor num raio solar, o que há de ser o sol em sua glória?

Não devemos pretextar a remota distância do objeto, como se Deus estivesse longe demais para a nossa conversação

ou para o nosso amor. Deus “não está longe de cada um de nós; porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos. 17:27,28). Basta abriremos os nossos olhos para enxergarmos algumas pegadas da Sua glória; e basta que nos voltemos para Ele para que, certamente, descubramos Sua intenção quanto a nós, esperando, por assim dizer, captar um olhar nosso, pronto para manter a mais íntima amizade e comunhão conosco. Esforcemo-nos, pois, para elevar as nossas mentes para obtermos as mais claras concepções da natureza divina. Consideremos tudo o que as Suas obras proclamam e o que a Sua Palavra nos revela dEle. E contemplemos especialmente aquela representação visível dAquele que foi feito em semelhança à nossa natureza, Seu Filho, “o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa” (Heb. 1:3), e que se manifestou ao mundo para revelar imediata e objetivamente o que Deus é e o que nós devemos ser. Retratemo-lo em nossas mentes como O vemos descrito no evangelho, e ali veremos as perfeições da natureza divina, embora coberta pelo véu das debilidades humanas. E quando inculcamos em nós a noção mais clara que pudermos de um ser infinito em poder, sabedoria e bondade, o autor e a fonte de toda perfeição, fixemos nisso os olhos da nossa alma (Lam. 3:58), para que os nossos olhos incutam sensibilidade ao nosso coração; e, enquanto estivermos contemplando e meditando, o fogo manterá vivas chamas (Sal. 39:3).

DEVEMOS MEDITAR FREQUENTEMENTE NA BONDADE E NO AMOR DE DEUS

Principalmente se acrescentarmos ao que dissemos a consideração da graça e da boa vontade de Deus em nosso favor. Nada tem mais poder para conquistar o nosso afeto do que sermos amados. As expressões de bondade são-nos sempre agradáveis e aceitáveis, ainda que de outro modo a pessoa seja inferior e insignificante. Mas, ter o amor de alguém que é inteiramente amável, saber que a gloriosa Majestade do céu tem alguma consideração por nós, quanto nos deveria surpreender e deleitar e como deveria subjugar o nosso espírito, derreter o nosso coração e pôr em chamas toda a nossa alma!

Pois bem, como a Palavra de Deus está repleta de expressões do Seu amor pelos homens, de igual maneira todas as Suas obras o proclamam alto e bom som. Ele nos trouxe à existência e, para preservar-nos nela, renova suas dádivas a todo momento. Ele nos colocou num mundo rico e bem suprido e liberalmente nos proveu de bens para atender a todas as nossas necessidades. Ele faz chover bênçãos do céu sobre nós e faz a terra produzir a provisão de que necessitamos. Ele nos dá alimento e vestes e, enquanto estamos gastando as produções de um ano, Ele já está preparando as do ano seguinte. Ele ameniza a nossa vida propiciando-nos inúmeras comodidades e satisfaz cada faculdade nossa com objetos que lhe são pertinentes. Os olhos da Sua providência velam por nós quando estamos ferrados no sono sem nos preocuparmos nem com Ele nem com nós mesmos.

Mas, caso que considereamos esses testemunhos da Sua bondade menos importantes, pois não Lhe custam nenhum esforço, Ele emprega um método mais maravilhoso para tornar-Se amado por nós: Ele dá testemunho do Seu afeto por nós tanto pelo sofrimento como por atos; e porque não poderia sofrer em Sua natureza, assumiu a nossa. O Filho eterno de Deus revestiu-Se das fraquezas da nossa carne, deixou a companhia dos espíritos justos e bem-aventurados, que sabiam muito bem amá-LO e adorá-LO, para poder habitar entre os homens, lutar contra a obstinação desta raça rebelde, levar os seres humanos à fé, à fidelidade e à felicidade, e depois oferecer-Se em sacrifício e como propiciação por eles.

Lembro-me de um poeta que usou sua hábil imaginação para expressar a paixão que o dominou após longa resistência: que o Deus de amor tinha arremessado sobre ele todas as suas flechas de ouro sem nunca ferir seu coração, até que, finalmente, Ele Se colocou no arco e Se arremessou direto ao seu peito. Penso que essa descrição representa, embora palidamente, o método pelo qual Deus lida com os homens. Por muito tempo Ele contendeu com um mundo obstinado e lançou sobre os homens muitas bênçãos, e, não tendo prevalecido todas as Suas outras dádivas, afinal enviou a dádiva de Si mesmo para testificar Seu afeto e conquistar o deles. O relato que temos nos evangelhos da vida do nosso Salvador nos apresenta o tempo todo a história do Seu amor: todas as dores a que Se submeteu, todas as aflições que Ele suportou, foram efeitos maravilhosos e são provas indestrutíveis do Seu amor. Todavia, que horrível

cena final! Será possível recordá-la e questionar Sua bondade ou negar-Lhe a nossa? É aqui, meu caro amigo, é aqui que devemos fixar os nossos pensamentos mais sérios e mais solenes, “para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus” (Ef. 3:17-19).

Devemos também refletir freqüentemente sobre aqueles toques ou sinais da graça e do amor de Deus que Ele nos concede. Quanto tempo Ele agüentou as nossas loucuras, os nossos pecados, e perseverou, querendo mostrar-nos Sua graça, pelejando, por assim dizer, contra a teimosia dos nossos corações e aplicando métodos e mais métodos para reivindicar-nos para Si. Devemos manter em nossas mentes um registro de todas as notáveis bênçãos e de todos os livramentos com que nos temos deparado, alguns de tal modo veiculados que percebemos, ou deveríamos ter percebido, claramente que não eram fruto do acaso, mas amorosos efeitos do favor divino e extraordinárias respostas às nossas orações. E não devemos envenenar os nossos pensamentos sobre essas coisas infiltrando neles molesta e indigna suspeita, como se o propósito delas fosse aumentar nossa culpa e elevar o grau da nossa condenação eterna. Não, não, meu amigo, Deus é amor, e Ele não tem prazer na destruição das Suas criaturas. Se elas abusam da Sua bondade e transformam Sua graça em libertinagem, e com isso

se afundam em maior profundidade de culpa e de miséria, isso é efeito da sua obstinada iniquidade, e não o propósito dos benefícios por Ele outorgados.

Se as considerações acima exaradas tivessem gerado logo em nossos corações um real amor e uma verdadeira afeição pelo Deus todo-poderoso, isso facilmente nos levaria aos outros ramos da religião; supondo isso, e portanto precisarei falar menos sobre eles.

PARA QUE NASÇA A CARIDADE, DEVEMOS LEMBRAR QUE TODOS OS HOMENS TÊM ESTREITA RELAÇÃO COM DEUS

Veremos o nosso coração alargar-se em caridade para com todos os homens ao considerarmos a relação em que eles estão com Deus, e os sinais impressos da Sua imagem neles estampados. Eles não são somente Suas criaturas, obra de Suas mãos, mas são criaturas das quais Ele cuida com especial carinho e pelas quais Ele tem alta e terna consideração, tendo estabelecido os propósitos da sua felicidade antes de lançar os fundamentos do mundo e estando desejoso de conviver e manter comunhão com eles por toda a eternidade. O indivíduo mais insignificante e desprezível que virmos é fruto do céu, uma das criaturas do Altíssimo. E, por mais indigno que seja dessa relação, devido à sua conduta, enquanto Deus não abdicar dele e não o rejeitar por uma sentença final, temos que reconhecê-lo como um dos Seus, e como tal devemos abraçá-lo com sincera e cordial afeição.

Você sabe quão grande interesse costumamos ter por

aqueles que de algum modo pertencem à pessoa a quem amamos; com que alegria lançamos mãos de todas as oportunidades para agradar ao filho ou ao servo de um amigo; e, com certeza, o nosso amor a Deus naturalmente se expandiria em caridade para com os homens, se atentássemos para o interesse que a Ele apraz ter por eles, e se considerássemos que cada alma lhe é mais preciosa que todo o mundo material, e que Ele não considerou o sangue de Seu Filho como um preço alto demais para a redenção deles.

DEVEMOS RECONHECER QUE ELES TÊM A IMAGEM DE DEUS

E mais, assim como todos os homens estão em estreita relação com Deus, assim também eles ainda têm tanto da Sua imagem estampado neles que por isso nos vemos obrigados e concitados a amá-los. Em alguns essa imagem é mais eminente e conspícua, e podemos discernir neles os belos vestígios da sabedoria e da bondade. E embora noutros a imagem esteja miseravelmente denegrida e deformada, ainda assim não foi exterminada por completo, permanecendo ao menos alguns dos seus delineamentos. Todos os homens foram dotados de almas racionais e imortais, de entendimento e de vontade capazes do que há de mais elevado e excelente. E, se no presente eles estão desordenados e desafinados por sua iniquidade e loucura, isso na verdade deve suscitar a nossa compaixão, e não, movidos pela razão fria, a extinguir o nosso amor.

Quando vemos uma pessoa de índole escabrosa e de

caráter perverso, cheia de maldade e de dissimulação, muito estulta e muito orgulhosa, achamos difícil amar um objeto que se nos apresenta de maneira tão pouco agradável e bela. Mas quando consideramos essas más qualidades como doenças e destemperos da alma, a qual é em si mesma potencialmente capaz de toda aquela sabedoria e bondade que sempre adornaram os santos e a qual poderá um dia ser elevada a tais alturas de perfeição que a tornarão companheira idônea dos santos anjos, isso transformará a nossa aversão em dó e nos fará vê-la com os doridos sentimentos que temos quando contemplamos um belo corpo que foi lacerado por feridas ou desfigurado por alguma doença repugnante. E, por mais que odiemos os vícios e os males morais, não deixaremos de amar a pessoa.

PARA NASCER A PUREZA EM NÓS, DEVEMOS CONSIDERAR A DIGNIDADE DA NOSSA NATUREZA

Subseqüentemente, para a purificação das nossas almas e o desligamento dos nossos sentimentos dos prazeres e gozos desta vida inferior, ponderemos freqüentemente a excelência e a dignidade da nossa natureza, e consideremos que coisa vergonhosa e indigna é que uma criatura nobre e divina como o é a alma humana se enterre e se afunde na luxúria sórdida e sensual, ou se divirta com etéreos e fantasiosos deleites, e assim perca o sabor dos sólidos prazeres espirituais. Terrível coisa é o animal que há em nós ser alimentado até saciar-se, e o homem, como também o cristão,

morrerem de fome em nós! Se tão-somente nos apercebéssomos quem somos e para o que fomos criados, isso nos ensinaria, no sentido correto, a posicionar-nos com reverência e temor por nós mesmos, geraria em nós uma santa modéstia e um santo senso de pudor e nos tornaria muito recatados e reservados no uso dos prazeres lícitos mais inocentes.

DEVEREMOS MEDITAR MUITAS VEZES NOS GOZOS DO CÉU

Será muito eficiente, para atingirmos o mesmo propósito, que freqüentemente elevemos nossas mentes ao céu e apresentemos aos nossos pensamentos as alegrias que se encontram à destra de Deus, “...os prazeres que duram para sempre, pois todo aquele que tem esta esperança nele, purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro” (1 João 3:3, Tradução direta). Se a nossa pátria celestial estiver muito em nossos pensamentos, seremos como aqueles que se confessavam “peregrinos e forasteiros”, e nos absteremos “das concupiscências carnaís que combatem contra a alma”, empenhando-nos em guardar-nos “da corrupção do mundo” (1 Ped. 2:11; Tiago 1:27), para nos habilitarmos para os gozos e para a felicidade do mundo por vir.

Entretanto, para isso temos que cuidar que as nossas idéias do céu não sejam grosseiras e carnaís, que não sonhemos com um paraíso muçulmano nem nos fiemos naquelas metáforas e símiles pelas quais às vezes as alegrias do céu são representadas. Essa forma carnal de imaginá-las poderia talvez ter efeito contrário; poderia enredar-nos

ainda mais em sentimentos carnaís, e nós poderíamos dispor-nos a condescender a um antegoço demasiado livre dos prazeres nos quais colocamos a nossa felicidade eterna.

No entanto, uma vez que tenhamos concebido corretamente os prazeres puros e espirituais, quando a felicidade à qual nos propomos consiste em ver, amar e fruir Deus e as nossas mentes estão cheias de esperanças e de pensamentos que antecipam aquele venturoso estado, oh, quão míseros e desprezíveis todas as coisas deste mundo parecerão aos nossos olhos! Com que desdém rejeitaremos os prazeres torpes e carnaís que nos privariam daqueles gozos celestiais, ou nos tornariam ineptos para o céu e avessos à felicidade eterna que ali impera!

A HUMILDADE SURGE DA CONSIDERAÇÃO DAS NOSSAS FRAQUEZAS

O último ramo da religião é a humildade, e certamente nunca nos faltará matéria de consideração para gerá-la: todas as nossas iniquidades e imperfeições, todos os nossos pecados e loucuras, só podem ajudar a demolir a querida e super-imaginosa presunção que sobre nós mesmos somos capazes de agasalar. O que leva outros a terem alguma estima por nós é seu conhecimento ou sua percepção de algo bom e sua ignorância de quanto mal pode haver em nós. Se nos conhecessem bem, depressa mudariam de opinião. Os pensamentos que passam pelo nosso coração nos melhores e mais solenes dias da nossa vida, se fossem expostos à opinião pública, nos tornariam odiosos ou

ridículos. E agora, por mais que ocultemos os nossos fiascos uns dos outros, certamente nós mesmos estamos côncios deles, e algumas reflexões sobre eles qualificariam e suavizariam a vaidade do nosso espírito. Dessa forma os homens santos em geral chegaram de fato a pensar mais mal de si mesmos do que de qualquer outra pessoa do mundo. Não que não soubessem que aquelas grosseiras e escandalosas maldades que havia na natureza daqueles eram mais hediondas do que as inesperadas ciladas das tentações e da fraqueza humana, mas porque tinham muito mais em vista os seus próprios extravios do que os dos seus vizinhos, e porque levavam em conta todos os agravantes dos seus próprios pecados e tudo quanto supostamente poderia diminuir ou amenizar os pecados alheios.

PENSAR EM DEUS FAZ COM QUE TENHAMOS O MAIS HUMILDE CONCEITO DE NÓS MESMOS

Um piedoso escritor observou muito bem que a mais profunda e mais pura humildade não provém tanto da consideração das nossas faltas e dos nossos defeitos como de uma calma e serena contemplação da pureza e da bondade de Deus. As nossas manchas nunca são vistas tão claramente como quando as colocamos diante da Luz infinita, e nunca nos parecem menores do que quando nos colocamos em alto pedestal e dali as observamos embaixo.

Oh, quão pequenas, quão ínfimas nos parecem então todas aquelas sombras de perfeição pelas quais estamos habituados a avaliar a nós mesmos! A humildade que resulta

da visão da nossa pecaminosidade e miséria é mais turbulenta e tempestuosa, mas a outra faz com que nos sintamos totalmente abjetos, e faz com que não sintamos nenhuma necessidade, senão a da angústia e aflição com a qual as nossas almas ficam em ponto de fervura quando estão o mais perto possível do objeto dos nossos pensamentos.

ORAÇÃO: OUTRO INSTRUMENTO DA RELIGIÃO A ORAÇÃO MENTAL É MUITO PROVEITOSA

Resta ainda outro recurso para a produção de uma disposição santa e religiosa na alma – a oração sincera e fervorosa. A santidade é dádiva de Deus, na verdade o maior dom concedido por Ele, ou o maior que temos capacidade para receber. E Ele prometeu o Seu Espírito Santo àqueles que lho pedirem. Pela oração chegamos mais perto de Deus e ficamos abertos para as influências do céu. É quando o Sol da justiça nos visita com Seus raios mais diretos, dissipando as nossas trevas e imprimindo a Sua imagem em nossas almas.

Não posso agora insistir no multiforme proveito desta prática, nem nas formas e nos modos pelos quais deve ser levada a efeito. E não há necessidade de que eu faça isso, uma vez que existem muitos livros que tratam deste assunto. Só lhe direi que há uma espécie de oração na qual fazemos uso da voz, o que é necessário em público e às vezes tem suas vantagens em privado; e outra na qual, embora sem emitir som algum, concebemos, contudo, as expressões e formulamos as palavras, por assim dizer, em nossas mentes. Há

ainda uma terceira espécie de oração, mais sublime, na qual a alma alça vôo mais alto e, tendo reunido toda a sua energia mediante longa e séria meditação, lança-se qual flecha, se assim posso falar, em direção a Deus, com suspiros, gemidos e pensamentos tão elevados que não há como expressá-los. É como quando, após profunda contemplação das perfeições divinas que se manifestam em todas as Suas obras de extraordinário poder, a alma dirige-se a Deus na mais profunda adoração da Sua majestade e glória. Ou como quando, após tristes reflexões sobre a sua vileza e sobre os seus extravios, ela se prostra diante do Senhor na maior confusão, vergonha e tristeza, não ousando erguer seus olhos nem proferir uma palavra em Sua presença. Ou ainda como quando, tendo considerado bem a beleza da santidade e a inefável felicidade daqueles que são realmente bons ou justos, a alma almeja Deus e envia ao céu aspirações e desejos tão vigorosos e ardentes que não há palavras que os expressem suficientemente, continuando e repetindo cada um destes atos enquanto se sentir sustentada pela força e pelo impulso da meditação prévia.

Esta oração mental é, de todas, a mais eficaz para purificar a alma e predispô-la a desenvolver um caráter santo e religioso, e pode ser descrita como o grande segredo da devoção e um dos mais poderosos instrumentos da vida divina. E bem pode ser que o apóstolo Paulo tenha tido um peculiar respeito por ela, a julgar pelo que ele diz em Romanos 8:26: “O Espírito ajuda as nossas fraquezas”, e “intercede por nós com gemidos inexprimíveis”, ou, como o original pode autorizar: “que não podem ser verbalizados”.

Todavia, não recomendo esta forma de oração ao ponto de invalidar o uso das outras, pois temos tantas e tão diferentes coisas pelas quais orar, e toda oração desta natureza exige tanto tempo e tão grande intenção do espírito que não seria fácil abrangê-las todas – para não dizer nada sobre os profundos suspiros e alterações do coração que de hábito a acompanham e que oprimem a natureza e tornam difícil continuar muito tempo neles. Certamente, porém, um pouco destas aspirações internas farão mais do que muitas expressões orais fluentes e enternecidas.

A RELIGIÃO PROGRIDE PELOS MESMOS MEIOS PELOS QUAIS COMEÇA – O USO FREQUENTE DO SANTO SACRAMENTO

Assim, pois, meu prezado amigo, apresentei resumidamente o método que julgo próprio para amoldar a alma numa disposição santa. E os mesmos meios que servem para gerar este caráter divino devem continuar sendo praticados para fortalecê-lo e fazê-lo progredir. Por isso vou recomendar só mais um meio com esse propósito – o uso freqüente daquele santo exercício peculiarmente destinado a nutrir e fazer crescer a vida espiritual (oração), uma vez que ela tenha sido gerada na alma.

É preciso que todos os instrumentos da religião se juntem nesta ordenança, e, ao dirigir-nos a ela, devemos pôr em prática todas as regras mencionadas anteriormente. É então que fazemos a mais severa inspeção dos nossos atos e lançamos sobre os nossos ombros as nossas obrigações

mais rigorosas. É também então que as nossas mentes assumem a mais alta posição de desprezo pelo mundo e que toda graça é exercida com a maior atividade e com o maior vigor; todos os objetos de contemplação e de meditação se apresentam a nós, propiciando-nos o maior proveito. E, finalmente, é então que, se alguma vez isto ocorre, que a alma faz as suas mais vigorosas e arrebatadoras incursões ao céu e o invade com uma santa e aceitável energia. E, certamente, a negligência ou a descuidada realização deste dever é uma das principais forças que põem obstáculo à religião e que fazem com que continuemos com estatura espiritual tão baixa.

Mas, é tempo de pôr fim a esta carta, que cresceu e tomou vulto muito maior do que eu tencionava inicialmente. Se estas pobres folhas puderem prestar-lhe algum serviço, por menor que seja, dar-me-ei por muito feliz por ter tido a iniciativa de realizar este empreendimento. Espero que ao menos aceite bondosamente o esforço sincero de uma pessoa que se alegra por pagar-lhe uma parte daquilo que lhe deve.

ORAÇÃO

“E agora, ó bondoso Deus, Pai e fonte da misericórdia e da bondade, que nos tens abençoado com o conhecimento da nossa felicidade e do caminho que a ela conduz, incita em nossas almas ardentes desejos de buscar aquela enquanto nos impulsionas a prosseguir diligentemente neste. Não permitas que sejamos presunçosos quanto a nossa força,

nem que desconfiemos da Tua assistência divina; mas, enquanto fazemos nossos maiores esforços, ensina-nos a depender de Ti para o nosso êxito.

Abre os nossos olhos, ó Deus, e ensina-nos Tua lei. Abençoa-nos concedendo-nos um exato e terno senso do nosso dever e um conhecimento que nos habilite a discernir as coisas más e perversas. Oh, se os nossos caminhos fossem dirigidos no sentido de observar os Teus estatutos, não nos envergonharíamos por mostrar respeito por todos os Teus mandamentos! Toma posse dos nossos corações e instila neles um santo desdém por todos os gozos que este mundo apresenta com o fim de engodar-nos; opera de modo que eles nunca possam seduzir os nossos afetos nem traiçoeiramente fazer-nos cair nalgum pecado; desvia os nossos olhos da contemplação da vaidade e vivifica-nos com a Tua lei. Enche as nossas almas de uma profunda percepção e de plena persuasão das grandes verdades que revelaste no evangelho, enquanto influencias e regulas toda a nossa conversação e toda a nossa conduta, para que a vida que doravante vivermos na carne, vivamos pela fé no Filho de Deus.

Oh, que as infinitas perfeições da Tua santa e bendita natureza e as tremendas expressões da Tua bondade e do Teu amor vençam e dominem os nossos corações, para que eles se elevem constantemente a Ti, em chamadas mais devotadas afeições, e se alarguem em sincero e cordial amor para com o mundo inteiro, por amor de Ti! Opera de modo que nos lavemos de toda a impureza da carne e do espírito, aperfeiçoando em nós a santidade no temor do

Teu nome, santidade sem a qual não podemos esperar jamais contemplar-Te e fruir-Te.

Finalmente, ó Deus, concede que a consideração do que Tu és e do que nós somos possa nos humilhar como também nos manter humildes diante de Ti, e que também desperte em nós as mais fortes e vigorosas aspirações a Ti direcionadas. Desejamos renunciar-nos, desistir de nós mesmos, entregando a direção das nossas vidas ao Teu Espírito Santo. Guia-nos em Tua verdade, e ensina-nos, pois Tu és o Deus da nossa salvação; guia-nos com o Teu conselho e depois recebe-nos na glória, pelos méritos e pela intercessão de Teu bendito Filho, nosso Salvador. Amém”.

Regras e Instruções

para uma

VIDA SANTA

ROBERT LEIGHTON

Arcebispo de Glasgow

REGRAS E INSTRUÇÕES

para uma

VIDA SANTA

Para que você observe melhor estas regras e tire bom proveito delas, rogo-lhe que siga os seguintes conselhos:

1. Ponha toda a sua confiança na especial e singular misericórdia de Deus, seguro de que, por amor da Sua misericórdia e da Sua santa vontade, Ele o ajudará e o levará à perfeição. Não que se possa alcançar aqui a perfeição absoluta, mas falo da perfeição que consiste em se alcançarem altos graus daquela vida espiritual e divina que está sempre crescendo e sempre tendendo para a perfeição absoluta do alto. Mas é bom lembrar que, mesmo na terra, a santidade de alguns chega mais perto da absoluta e sobe mais alto do que a da maioria.

Se você, com anseios fervorosos e sinceros, continuamente desejar a perfeição e anelar por ela, e, com a mais humilde devoção orar diariamente a Deus e Lhe clamar por ela, agindo com o mais diligente empenho e ação dinâmica para chegar a ela, sem dúvida nenhuma lhe será concedida. Pois você não deve pensar que é suficiente usar exercícios como se tivessem virtudes tais que somente em si e por si pudessem ter uso e fruto perfeitos. Nenhum deles,

nem outros quaisquer, sejam quais forem, podem levar à perfeição somente por serem postos em uso. Mas, quando você buscar tal perfeição com desejo sincero e com suspiros fervorosos, o nosso misericordioso Deus e Senhor o capacitará a encontrá-la – quando você lha pedir diariamente com sincera oração – e lha dará. E quando você, continuamente e com incansável labor e ação, bater à porta perseverantemente, em Sua misericórdia Ele a abrirá para você. E porque esses exercícios o ensinam a buscar, pedir e bater à porta, confirma-se que as súplicas e buscas piedosas e as pulsações espirituais são meios pelos quais obtemos o misericordioso auxílio de Deus. Portanto, eles são meios muito proveitosos para, pela graça de Deus, chegarmos a essa perfeição relativa, mas de altíssimo nível.

2. Que nenhum exercício particular impeça os seus deveres públicos e permanentes ou regulares para com Deus e para com o próximo, porém que sejam praticados em intervalos, sempre voltando a eles quando possível.

3. Se na hora de um exercício espiritual você se sentir atraído por algo melhor, ou por outra meditação igualmente boa, siga a trilha desse bom impulso enquanto ele durar.

4. Cuide sempre de seguir exercícios de pensamentos devotos, pondo igualmente em prática lições que os contenham e que o incentive a executá-los.

5. Embora no começo você não ache nem um pouco agradável praticar tais exercícios, não se desanime, nem se deixe induzir a abandoná-los, mas persista neles fielmente, seja qual for a dor ou a inquietação espiritual que sinta. Fazendo-os para Deus e não encontrando neles nenhum

fruto, terá, contudo, uma excelente recompensa por seu trabalho diligente e por suas intenções puras.

Não queira diminuir estes modelos e estas normas, nem se desanime pelas multiformes faltas que cometa e por suas imperfeições. Continue firme em seus desejos e propósitos, e sempre queira o melhor, vise o melhor e espere o melhor, lamentando-se por não poder ser ou fazer nada melhor; seus esforços e desejos serão um sacrifício aceitável a Deus, e “a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido” (Gal. 6:9).

Complementando todas estas instruções, tenha como regra segui-las quanto puder. Mas não seja exageradamente escrupuloso em achar que o seu esforço está perdido, caso não consiga cumprir rigorosamente todos os itens das instruções. O que vale é a intenção, mantida com perseverança, e, com a graça de Deus, tudo correrá bem.

PRIMEIRA SEÇÃO

Regra 1. Exercite-se no conhecimento e na profunda consideração do Senhor nosso Deus, tendo em mente, com humildade, a idéia de quão excelente e incompreensível Ele é. Este conhecimento você obterá mais por um ardente desejo e pela oração devota do que por altos estudos e labor externo. É um singular dom de Deus – certamente um dom muito precioso. Ore então:

2. “Graciosíssimo Senhor, conhecer-Te é a real beatitude e felicidade da alma, e, todavia, ninguém pode conhecer-Te, a não ser que Te reveles e Te mostres. Digna-Te, por Tua

infinita misericórdia, iluminar hoje e sempre o meu coração e a minha mente, habilitando-me a conhecer-Te e a conhecer a Tua perfeita e santíssima vontade, para honra e glória do Teu nome. Amém.”

3. Eleve depois o seu coração induzindo-o a considerar, sem exagerado impulso, mas com sobriedade, o eterno e infinito poder de Deus, que criou todas as coisas por Sua excelente sabedoria – Sua imensurável bondade e Seu incompreensível amor. Pois Ele é o único Deus vivo e verdadeiro, excelentíssimo, altíssimo e sumamente glorioso, a bondade sempiterna e imutável, substância eterna, caridade infinita, tão excelente e inefável em Seu ser que toda dignidade, perfeição e bondade de que se possa falar ou em que se possa pensar não pode expressar sequer a mínima parte dessa maravilha toda.

4. Considere que Ele é o lugar natural, o centro e o refúgio repousante da sua alma. Se for levado a pensar na Trindade santa e bendita, não se deixe absorver demais nessa meditação, mas com fé sincera e obediente, com brandura e com humildade, adore o Deus trino e uno.

5. Considere o Senhor Jesus, o Redentor e o Esposo da sua alma, e ande com Ele como convém a uma esposa casta, com reverência e modéstia, obediência e submissão.

6. A seguir passe a considerar intensa e profundamente o seu próprio ser, a sua nulidade pessoal, a sua extrema pecaminosidade e corrupção, a sua natural aversão por Deus, lembrando que, para ser feliz, terá que ser convertido a Ele, e unido a Ele.

7. Considere-se, bem como todas as criaturas, como

nulos, em comparação com o seu Senhor, para que não só se contente, mas deseje, ser desconhecido ou, sendo conhecido, ser desprezado e rejeitado por todos os homens, mas sem culpas ou sem merecer isso, quanto lhe for possível.

8. Ore: “Ó Deus, infunde em meu coração a Tua luz celeste e a Tua bendita caridade, para que eu Te conheça e Te ame acima e além de todas as coisas e, acima e além de todas as coisas, eu me diminua e despreze a mim mesmo. Concede-me a bênção de arrebatá-me e de encantar-me por Ti e de amar-te tanto que me esqueça de mim mesmo e de todas as coisas do mundo, desconsidere a prosperidade e a adversidade, e não tenha medo de enfrentar todos os pesares e todas as dores do mundo, contanto que não seja apartado de Ti e arrastado da Tua presença, pois as Tuas perfeições excedem toda imaginação e todo entendimento.

“Oh, rogo-te que Te faças interior e verdadeiramente mais presente em mim e comigo do que eu mesmo, e que me faças mais circunspecto quanto à maneira de comportar-me em Tua presença, meu santíssimo Senhor!

“Age em mim de modo que eu sempre me lembre de que o amor que me tens é eterno e constante, e que me tratas com tal caridade e tão contínuo cuidado como se não “houvesse mais nenhuma criatura no céu e na terra. E o que sou? Um verme vil e torpe!”

9. Depois é necessário que aspire e se aplique a uma grande contrição por seus pecados e que os odeie, repudiando a si mesmo por causa deles, suplique perdão pelo sangue de Jesus Cristo, e então se ofereça a si mesmo, corpo e alma, em oblação ou sacrifício em Cristo e por meio de

Cristo – como os antigos faziam, pondo lenha no altar e queimando tudo ali. Será um sacrifício de aroma suave e muito agradável a Deus.

10. Ofereça tudo o que tem, para que você não seja nada e não use nada de tudo o que tem e que se diga que é seu, mas que seja tudo para a honra e a glória de Deus. E decida pela Sua graça, que usará todos os poderes da sua alma e todos os membros do seu corpo para o Seu serviço, como anteriormente os usava a serviço do pecado.

11 Considere a paixão e morte do seu Senhor, como Ele foi esbofeteado, açoitado, insultado e estendido e cravado na cruz, ali pendente durante três longas horas; como sofreu todo o desprezo e opróbrio e toda a dor da cruz e do que ela significou – tudo por amor de você.

12. Feito isso tudo, volte o seu coração para Jesus Cristo e diga a Ele humildemente:

“Senhor Jesus, sendo que diariamente eu caio e que estou sempre pronto a pecar, concede-me graça para que eu possa levantar-me todas as vezes que eu cair. Não me deixes arrastar pela presunção, mas faze com que eu, com a maior modéstia e humildade, reconheça a minha miséria e a minha fragilidade, e que me arrependa, com o firme propósito de corrigir-me. Não permitas que eu me desespero por causa da minha grande fragilidade, mas ajuda-me a confiar sempre em Tua amorosa misericórdia e em Tua prontidão para perdoar”.

SEGUNDA SEÇÃO

Regra 1. Você terá muito a fazer na mortificação dos seus cinco sentidos. Eles precisam ser encerrados na humildade de Jesus Cristo crucificado e devem agir como se estivessem verdadeiramente mortos.

2. Agora, o quanto possível, terá que ser vigilante para com sua alma e sua vida espiritual, como outrora costumava aplicar sua mente e sua atenção aos prazeres externos e às coisas mundanas.

3. Você deve submeter-se e dedicar-se à disciplina de Jesus e tornar-se Seu aluno, resignando-se e compelindo-se a obedecer-Lhe inteiramente, em todas as coisas. Faça isso, para que possa lançar para longe de si o seu querer e a sua disposição pecaminosa, e não faça nada sem obter Sua permissão para o que quer que seja. Para cada palavra que pronunciar, para cada porção que comer, para instigar ou mover cada artelho ou membro do seu corpo, você deve pedir Sua autorização, em seu coração, e, então perguntar a si mesmo se, tendo procedido dessa forma, fez tudo de acordo com a Sua vontade e com o Seu santo exemplo, e com a sincera intenção de glorificá-IO.

4. Mesmo os atos e feitos mais necessários da sua vida, embora lícitos, devem ser oferecidos dessa forma a Deus com real intenção e ligados às sacrossantas obras e aos perfeitos méritos de Cristo, dizendo:

“Senhor Jesus, une aos méritos dos Teus benditos sentidos todo o meu sentir e todas as minhas sensações, todas as minhas capacidades, todos os meus sentidos, para que de

agora em diante eu não os use mais para nenhuma forma de sensualismo!”.

5. Esforça-se dessa maneira para chegar a essa união e a esse entrelaçamento dos seus sentidos em Deus e no Senhor Jesus, e para que fique tão atado à cruz que nunca se separe dela, e persevere em conduzir seu corpo e seus sentidos como estando na presença do Senhor seu Deus. Para isso, confie todas as coisas à fidedigna providência do seu bondoso Senhor. Ele então disporá todas as coisas de modo que lhe serão prazerosas e amenas. Além disso, considere todas as coisas como nada sendo, e assim você venha a estar sob a maravilhosa iluminação e influência espiritual do Senhor seu Deus.

6. Se por seu amor a Deus você puder crucificar, renunciar e abandonar perfeitamente o seu ser e todas as coisas, então faça isso; crucifique-se, crucifique todas as coisas, e ame e deseje Deus somente, com todo o seu zelo e de todo o seu coração, para que, com a mais forte e firme ligação e união com a vontade de Deus, suceda que, ainda que Ele queira criar um inferno em você aqui, realmente você possa oferecer-se em sacrifício, por Sua graça, para a Sua eterna honra e glória, dispondo-se a sofrer sob esse mal, e isso puramente por Sua vontade e para Seu prazer.

7. Você deve manter limpa e pura a sua mente como se fosse uma câmara nupcial, impedindo a entrada de todos os pensamentos, fantasias e imaginações impróprios, lustrando-a e adornando-a com santas meditações e com as virtudes da santa vida e paixão de Cristo, para que Deus repouse ali sempre e para sempre.

8. Oração: “Senhor, em vez de buscar conhecer-Te, tenho procurado conhecer a iniquidade e o pecado; e apesar de a minha vontade e o meu desejo terem sido criados para amar-Te, perdi esse amor e o cedi às criaturas. Enquanto que a minha mente e a minha memória deveriam encher-se do Teu ser, eu o enchi de figuras de inumeráveis fantasias, não somente de toda espécie de criaturas, mas também de toda forma de iniquidade e de pecado. Oh, Senhor, elimina tudo isso pelo Teu sangue, e imprime a Tua bendita imagem em minha alma, bendito Jesus, com o sangue que jorrou do Teu amantíssimo coração quando foste pendurado na cruz! Prende, pois, a minha vontade à Tua santíssima vontade, para que eu não tenha outra vontade senão a Tua, e eu me satisfaça com real e plena sinceridade com o que quer que queiras para mim neste mundo. Sim, Senhor, se for do Teu querer, para que eu não Te odeie nem peque contra Ti, sujeita-me aos mais dolorosos sofrimentos.”

TERCEIRA SEÇÃO

Regra 1. Exercite a mais perfeita renúncia de todas as coisas que prejudiquem ou impeçam esta união; mortifique em seu ser tudo quanto se faz deus e não é por Deus, ou que Deus não queira e não ame. Para isso, renuncie e entregue ao alto beneplácito de Deus todo o amor e todo o afeto pelas coisas transitórias. Não queira tê-las nem mantê-las, nem concedê-las ou dá-las a outrem, mas viva unicamente para Deus e a Sua honra. Jogue fora tudo o que for supérfluo e desnecessário; não se prenda nem às coisas necessárias.

2. Mortifique tudo o que interesse ou vise a si próprio, o que é muito natural para os homens, em todo o bem que almejem, em todo o bem que façam e em todo o mal que sofram. E assim acontece que, pelo desordenado amor aos dons e às graças ou bênçãos de Deus, em vez de honrá-LO, eles caem no orgulho espiritual, na gulodice e na avareza.

3. Mortifique todo gosto e prazer em comer e beber, e em todos os vãos pensamentos e fantasias que, sem que você o queira, contaminam a alma, entristecem o Espírito Santo e causam grande dano à vida espiritual.

4. Imprima em seu coração a imagem de Jesus Cristo crucificado, os sinais da Sua humildade, da Sua pobreza, da Sua mansidão e de todas as Suas santas virtudes. Que os seus pensamentos sobre Cristo se transformem em afeto, e o seu conhecimento se transmude em amor. Pois o amor de Deus opera com imensa pureza na mortificação da natureza. A vida do espírito, purificando os mais altos poderes da alma, gera o desejo e a capacidade de apartar-nos de todas as criaturas e influi em nosso movimento rumo a Deus.

5. A solidão, o silêncio e a rigorosa guarda do coração constituem os fundamentos da vida espiritual.

6. Realize todas as obras externas necessárias sem qualquer inquietação ou preocupação mental e, em meio a tudo, mantenha a sua mente interiormente erguida e elevada para Deus, seguindo sempre mais o exercício interior do amor do que os atos externos da virtude.

7. Homem nenhum pode chegar a isso, a não ser que seja liberto e desatado de todas as coisas, submisso a Deus, e seja absorto de tal modo em Deus que despreze tudo e a si

próprio. Sim, pois o puro amor de Deus torna o espírito puro, simples e tão livre que, sem nenhum pesar ou labor, pode, vezes sem conta, recolher-se em Deus.

8. Mortifique todo o amargor do coração para com o próximo e toda vã complacência para consigo mesmo, toda vanglória e todo desejo de estima, em palavras, e atos, em dons e graças. A isso você chegará por um conhecimento e por uma consideração mais claros e mais perfeitos da sua própria vileza, e por saber e reconhecer que Deus é a fonte de toda graça e de toda bondade.

9. Mortifique ou modere toda afeição para com o deleite interior, sensível e espiritual na graça, e a subsequente devoção com sensível dulçor nos poderes ou nas faculdades inferiores da alma, deleite e devoção que não constituem real santidade e pureza, mas sim certos dons de Deus para nos ajudarem em nossa fraqueza.

10. Mortifique toda investigação ou pesquisa motivada pela curiosidade, toda especulação e todo conhecimento de coisas desnecessárias, humanas ou divinas, pois a vida perfeita do cristão consiste, não em alto conhecimento, mas em profunda modéstia, santa simplicidade e ardente amor a Deus. Nesse viver cristão devemos desejar morrer para todo afeto voltado para nós mesmos, e para todas as coisas que estão abaixo de Deus. Sim, e dispondo-nos a sofrer dor e abandono, para que sejamos ligados e unidos perfeitamente a Deus e sejamos engolfados perfeitamente nEle.

11. Mortifique todo indevido escrúpulo de consciência gerador de insegurança, e confie na bondade de Deus, pois as nossas dúvidas e os nossos escrúpulos muitas vezes

surgem do amor-próprio desordenado e por isso nos afligem. Não nos fazem bem e não operam nenhuma correção real em nós. Eles nublam a alma, obscurecem a fé e esfriam o amor. Ora, somente a alma e a fé iluminadas e o amor ardente podem dispersar as nuvens, as trevas e a gelidez. Quanto mais for existente em nós essa fé e divina confiança, e quanto mais ardente for o amor, tanto mais a alma estará animada, capacitada a desenvolver todas as partes da santidade, a mortificar as cobiças e paixões, e a ter paciência na adversidade e gratidão em todas as condições e situações.

12. Mortifique toda impaciência nas situações de dor e de aflição, quer venham das mãos de Deus quer dos homens, todo desejo de vingança, todo ressentimento face a injúrias ou insultos, e, por puro amor a Deus, ame os seus perseguidores como se fossem os seus amigos mais queridos.

13. Finalmente, mortifique a sua vontade pessoal em todas as coisas, plenamente resignado a sofrer todo desamparo externo e interno, toda espécie de dores, pressões e tristezas, e isso por puro amor a Deus. Sim, pois do amor-próprio e da vontade-própria brotam todo pecado e toda dor.

14. Oração: “Ó Jesus, meu Salvador, bendita a Tua humildade! Imprime-a em meu coração, faze-me mais sensível face à Tua dignidade infinita e face à minha vileza pessoal, para que eu seja capacitado a odiar-me como uma nulidade e a aceitar ser desprezado e ser pisado por todos como a mais torpe lama das ruas, e para que eu mantenha estas palavras: NÃO SOU NADA, NÃO TENHO NADA, NÃO POSSO FAZER NADA, E NÃO DESEJO NADA, SENÃO O MEU SENHOR E SALVADOR”.

QUARTA SEÇÃO

Regra 1. Nunca faça coisa alguma com ar de especialidade e com afeto singular, com demasiada avidez ou com muito apego, mas com perseverante modéstia de coração e mente, prostre-se aos pés de Deus e diga:

“Senhor, não desejo nada, nem quanto a mim nem quanto a qualquer criatura, salvo somente conhecer e executar a Tua bendita vontade, dizendo sempre no coração: Senhor, que querer que eu faça? Transforma a minha vontade na Tua, enche plenamente e envolve por assim dizer, os meus afetos com o Teu amor e com um insaciável desejo de honrar-te e de desprezar-me”.

2. Se você aspirar a alcançar um perfeito enlaçamento e uma perfeita união com Deus, saiba que isso requer um perfeito despojamento e desnudamento, ou mesmo a pura nudez, e um completo abandono de todo pecado – de todas as criaturas e particularmente o seu. Ponha isso em prática até que a sua mente e o seu entendimento, os seus sentimentos e os seus desejos, a sua memória e a sua imaginação, sejam purificados de todas as coisas do mundo, e, com elas, de todos os prazeres sensuais.

Assim como se contentaria em que o pão que você come não tivesse melhor sabor que uma pedra e, ainda mais, por honra e glória do Criador do pão, acharia que ele tem bom sabor; assim também, pelo prazer que sente na vida de real consagração e devoção, você move o seu coração a elevar louvores a Deus e a gostar do que Ele fez e faz.

3. Quanto mais perfeitamente você viver na abstração,

no isolamento e na pura nudez de todos os demais, isto é, apartado e livre de todas as criaturas, mais despida e puramente fruirá o Senhor seu Deus e mais viverá a vida celestial e angelical. Portanto:

4. Empenhe-se, acima de todas as coisas, mais exatamente a abandonar tudo por Ele, e principalmente a abandonar e desprezar a si próprio, amando-O tão-somente, e de algum modo esquecendo-se de si mesmo e de todas as coisas, pelo veemente e ardente amor de Deus. Dessa forma a sua mente funcionará de tal modo baseada nEle que não dará atenção a coisa alguma, doce ou amarga, e não considerará tempo ou lugar, nem assinalará uma pessoa em distinção de outra, tudo pelo encanto e pelo amor do seu bendito Deus e Senhor, e pelo desejo de conhecer, seguir e fruir a Sua santa e bendita vontade, o Seu santo prazer e a Sua honra em todas as coisas. E seja o que for de bom que você fizer, saiba e considere que é Deus quem o faz, não você.

5. Aplicando o melhor da sua habilidade, escolha sempre o que mais se preste para a honra de Deus, o que mais se assemelhe a Cristo e a Seu exemplo, o que seja mais proveitoso para o seu próximo, o que seja mais contra a sua própria vontade e menos útil para a sua satisfação e exaltação pessoal.

6. Se você continuar sendo fiel neste labor e nesta peregrinação espiritual, sem dúvida Deus, mais cedo ou mais tarde, ouvirá suas batidas à porta e o livrará de toda a sua inquietação espiritual, de todos os tumultos, ruídos e obstáculos causados por cogitações e imaginações, e de todos

os afetos terrenos, os quais você não terá melhor meio de extirpar do que pelo continuado e fervoroso desejo do amor de Deus.

7. Em tempo algum detenha ou impeça o prosseguimento da obra de Deus (em sua vida) por seguir a sua própria vontade, pois quanto mais você abandonar completamente a sua própria vontade, o amor de si mesmo e de todas as coisas mundanas, tanto mais segura e profundamente você se apegará a Deus e crescerá em Seu puro e vero amor.

QUINTA SEÇÃO

Regra 1. Se, acima de todas as coisas, você ainda procura essa união com Deus, terá que transfundir e derramar toda a sua vontade no sublime prazer de Deus. E seja o que for que lhe sobrevenha, você deve aceita-lo sem murmurar e sem fechar o coração, mas com alegria e por Seu amor, reconhecendo que o que lhe aconteceu é obra realizada por Ele e segundo a Sua vontade.

2. Que a sua grande alegria e a sua real consolação estejam cada vez mais em Deus fazer o que Lhe apraz em seu ser e em sua vida, muito embora em meio a dores, doenças, perseguições, opressões ou aflições e tensões do coração, frieza ou aridez da mente, ou qualquer espécie de tentações espirituais ou corporais. E:

3. Em qualquer dessas circunstâncias dolorosas, sempre cuide de não buscar deleites pecaminosos ou sensuais, nem prazeres carnavais, e não ponha o seu coração em coisas vãs,

buscando consolo ali, nem, de modo algum, seja ocioso, mas sempre que puder, obrigue-se e constranja-se para realizar algum bom exercício espiritual ou algum trabalho de natureza física. Ainda que lhe pareçam desagradáveis, não são os menos aceitáveis a Deus, e sim os que mais Lhe agradam.

4. Receba todas as aflições como sinais do amor de Deus por você, e como formas de provar o seu amor por Ele, sendo que o Seu propósito é bondosamente enriquecê-lo e aumentar cada vez mais completamente em você os Seus benditos dons e as Suas graças espirituais, se você perseverar fielmente até o fim, não se desfazendo do veemente desejo do Seu amor e da sua própria perfeição.

5. Ofereça-se totalmente a Ele, e fixe o ponto do seu amor em Seu bendito amor incriado, e deixe que ali a sua alma e o seu coração repousem e se deleitem e, por assim dizer, se resolvam e se engolfem com a maior felicidade na santa e bendita Deidade. Depois receba isso como um toque ou um sinal e por meio dele passe a ter a certeza firme e segura de que Deus atenderá o seu bom e santo desejo. Então, de certo modo, você não sentirá diferença alguma entre honra e vergonha, alegria e tristeza.

Mas quando perceber algo pertinente à honra do seu Senhor, seja o que for, mesmo que lhe seja difícil e desagradável, abrace-o, sim, com todo o seu vigor siga-o e deseje-o. Ainda assim, depois de ter feito tudo o que lhe foi possível, considere que não fez absolutamente nada. Envergonhe-se e deteste-se por ter servido tão miserável e imperfeitamente um Senhor tão digno e tão nobre. Por

isso você desejará fazer, submisso, coisas maiores e mais perfeitas do que as que fez até aqui, e para tanto se esforçará a todo momento, esquecendo as coisas que atrás ficam e prosseguindo para a meta; e assim por diante.

6. Se nalguma medida você chegou a amar a Deus e a permanecer nEle, poderá então manter os poderes da sua alma e os seus sentidos como que encarcerados em Deus, livres quanto possível de cair nas garras de qualquer coisa ou vaidade mundana, e em Deus gozando a alegre certeza e segurança de que podem saciar sua alma nele e em todas as outras coisas ver a Sua santa e bendita presença.

7. Seja o que for que lhe aconteça, receba-o, não como proveniente das mãos de alguma criatura, mas unicamente dEle, e entregue tudo de volta a Ele, procurando em todas as coisas o Seu prazer e a Sua honra – purificando-se e sujeitando-se a Ele. Que é que pode fazer-lhe mal, se tudo deve tocar primeiro em Deus, dentro de Quem você está encerrado?

8. Quando você perceber que está assim atado a Deus e que a sua alma está mais firmemente ligada e mais junto dEle do que do seu próprio corpo, então conhecerá a Sua bondade sempiterna, incompreensível e inefável, e a verdadeira nobreza da sua alma, que dEle veio e que foi habilitada a reunir-se a Ele.

9. Se você quer ascender e chegar ao seu Senhor, terá que subir pelas feridas da sua santa e bendita humanidade, a qual se pode dizer que continua existindo para esse uso. E quando chegar lá em cima, irá preferir sofrer a morte a cometer algum pecado voluntário.

10. Lançando-se dentro de Jesus, você se lança num

infindo oceano de bondade, que o submerge e o traga com mais facilidade e mais alegremente do que as águas oceânicas o fazem com uma só gota d'água. Então você será oculto e transformado nEle, e muitas vezes será como alguém pensando sem refletir, sabendo sem conhecimento e amando sem amor, compreendido por Aquele que você não pode compreender.

SEXTA SEÇÃO

Regra 1. Demasiado desejo de agradar aos homens prejudica enormemente a nossa intenção de agradar a Deus.

2. Demasiado zelo e veemência e demasiada avidez prazerosa em realizar feitos físicos e externos, dispersam e põem a perder a tranqüilidade e a serenidade da mente.

3. “Lança o teu cuidado sobre o Senhor”(Sal. 55:22) e confia tudo ao Seu beneplácito. Louve-O, exalte-O, aplauda-O em todas as coisas, pequenas e grandes; abandone a sua vontade pessoal, entregue-se livre e jubilosamente à vontade de Deus, sem reserva nem exceção, na prosperidade, na adversidade, havendo dulçor ou amargor, para ter ou não ter, para viver ou morrer.

4. Desligue o seu coração de todas as coisas materiais; ligue-o somente a Deus.

5. Recorde freqüentemente, e com espírito piedoso, a vida, a paixão, a morte e a ressurreição do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

6. Não cante loas sobre feitos alheios, mas analise os seus próprios. Esqueça as faltas alheias; lembre-se

das suas próprias.

7. Nunca se coloque em alto pedestal, e não despreze ninguém.

8. Mantenha-se calado e retirado quanto puder, e, pela graça de Deus, estará protegido de armadilhas e de ofensas.

9. Eleve seu coração freqüentemente a Deus e conduza a sua vontade a querer a Sua assistência em todas as coisas.

10. Proceda de tal maneira que o seu coração se encha e transborde de amor a Deus, ao próximo, e tudo o que você fizer, faça com sincera caridade e amor.

Em Suma:

1. Lembre-se sempre da presença de Deus.
2. Regozije-se sempre na vontade de Deus.
3. Dirija tudo à glória de Deus.

SÉTIMA SEÇÃO

Regra 1. Pequeno amor, pequena confiança; mas um grande amor traz consigo uma grande confiança.

2. É uma abençoada esperança aquela que não nos diminui em nosso dever, nem nos torna seguros, porém aumenta o ânimo da vontade e dá maior força à mortificação e a toda nossa obediência.

3. Do que você necessita, ou por que se agita acerca de tantas coisas? Pense numa só, deseje e ame uma só, e achará grande repouso. Portanto:

4. Onde quer que você esteja, continue com esta declaração de Deus em seu ouvido: Filho meu, retorne

interiormente ao seu coração, abstraia-se de todas as coisas e só dê atenção a mim. Assim,

5. Com a mente pura voltada para Deus, limpa e despojada da lembrança de todas as coisas, permanecendo inabalavelmente nEle, você não considerará e não desejará nada senão somente Deus. Faça como se não houvesse ninguém mais no mundo senão unicamente Deus e você juntos, para que, sendo assim recolhidas e reunidas em Deus todas as suas faculdades e todos os seus poderes pessoais, você se torne um só espírito com Ele.

6. Fixe a sua mente em seu Salvador crucificado e relembre continuamente a Sua grande mansidão, o Seu grande amor, a Sua perfeita obediência, a Sua castidade absoluta, a Sua indescritível paciência e todas as santas virtudes da Sua humanidade.

7. Pense em Seu extraordinário poder e em Sua infinita bondade; em como Ele criou e redimiu você, como o justifica e opera em você todas as virtudes e graças e Sua imensa bondade. Lembre-se, pois, dEle, até que a sua lembrança se transforme em amor e afeição. Por isso,

8. Afaste a sua mente de todas as criaturas, reduzindo-se a certo silêncio e descansando do bate-boca generalizado e da companhia de tudo quanto há abaixo de Deus. E quando você puder chegar a esse ponto, o seu coração será um lugar apto e pronto para habitação do Senhor Deus, para Ele conversar ali com a sua alma.

9. A verdadeira humildade ganha e domina o coração do altíssimo Deus e também habilita você e o torna apto para receber todos os dons e graças. Mas, lastimavelmente,

quem pode dizer que tem esta abençoada mansidão, esta modéstia? Pois é uma coisa muito difícil, muito duvidosa, muito secreta e muito ignorada abandonar e mortificar perfeita e completamente a si mesmo e acabar com o mais virulento verme destruidor de toda bondade – a vanglória.

10. Confie tudo à altíssima providência de Deus e não permita que nada repouse em seu coração e nem entre ali, exceto unicamente Deus. Todas as coisas da terra são baixas e vis demais para ocupar o seu amor ou o seu cuidado, ou para inquietar o seu nobre coração, a sua mente – imortal e celestial. Que os que pertencem ao mundo se preocupem, lamentem-se ou se alegrem com as coisas do mundo. Por tais pessoas Cristo não orou.

11. Você não pode agradar nem servir a dois senhores ao mesmo tempo. Você não pode amar coisas diversas e contrárias. Então, se você quer saber o que você realmente ama, marque bem aquilo que predominantemente ocupa o seu pensamento. Abandone a terra e tenha o céu; abandone o mundo e tenha Deus.

12. Todo pecado ou vício provém da qualidade da nossa própria vontade. Toda virtude ou perfeição nasce e cresce da mortificação da vontade pessoal e da entrega dela totalmente ao prazer e à vontade de Deus.

OUTROS TÍTULOS PELA “PES”

Amor de Cristo, O – R. M. McCheyne
Amor Imensurável – C. H. Spurgeon
Aprendendo a Estar Contente – J. Burroughs
Apresentação do Evangelho, A – D. M. Lloyd-Jones
Arrependimento: a Porta para o Reino – D. M. Lloyd-Jones
Atributos de Deus, Os – A. W. Pink
Avivamento (enc. e bro.) – D. M. Lloyd-Jones
Base da Unidade Cristã, A – D. M. Lloyd-Jones
Bíblia: a Infalível Palavra de Deus, A – C. H. Spurgeon
Breve Teologia da Evangelização – H. M. P. Costa
Calvino e a Responsabilidade Social da Igreja – A. N. Lopes
Calvino: o Teólogo do Espírito Santo – A. N. Lopes
Caminho de Deus, não o nosso, O – D. M. Lloyd-Jones
Caminhos Misteriosos – D. Kingdon
Cantando ao Senhor – D. M. Lloyd-Jones
Catecismo para Meninos e Meninas, Um – Carey Publications
Certeza da Fé, A (Rom. Vol. 4) (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
Chamado para o Ministério, O – C. H. Spurgeon
Cinco Pecados que Ameaçam os Calvinistas – S. Portela
Cinco Pontos do Calvinismo, Os – W. J. Seaton
Clamor de um Desviado, O – D. M. Lloyd-Jones
Combate Cristão, O (Ef. Vol. 7) – D. M. Lloyd-Jones
Com Quem Me Casarei? – A. Swanson
Como Posso EU Ter Certeza? – F. Allred
Comportamento Cristão, O (Rom. Vol. 12) (bro. e enc.) – D. M. L-J
Confronto com Deus – J. D. MacMillan
Conhecimento: Falso e Verdadeiro – D. M. Lloyd-Jones
Conquistador de Almas, O – C. H. Spurgeon
Conversões: Psicológicas e Espirituais – D. M. Lloyd-Jones
Correção: Uma Prova do Amor de Deus – P. Golding

Crescendo no Espírito (João 17, Vol. 3) – D. M. Lloyd-Jones
 Crescimento na Graça – J. Newton
 Cristianismo Autêntico (Atos Vol. 1) (bro. e enc.) – D. M. L-Jones
 Cristianismo Fácil – S. Waldron
 Cristo: Sabedoria, Justiça, Santificação do Crente – G. Whitefield
 Cruz: a Justificação de Deus, A – D. M. Lloyd-Jones
 Cura Miraculosa – H. W. Frost
 Declarado Inocente – J. Buchanan
 Depois da Morte: o Que? – E. Donnelly
 Depressão Espiritual: Suas Causas e Cura – D. M. Lloyd-Jones
 Descobrimos a Vontade de Deus – S. Ferguson
 Deus Conosco – D. A. Carson
 Deus e Cosmos – J. Byl
 Deus e o Mal – W. Fitch
 Deus não Muda – C. H. Spurgeon
 Discernindo os Tempos (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
 Dispensacionalismo – uma análise – A. W. Pink
 D. Martyn Lloyd-Jones: Cartas 1919-1981
 D. Martyn Lloyd-Jones: Pregador da Palavra – F. Ferreira
 Doença – J. C. Ryle
 Dons do Espírito Santo, Os – D. M. Lloyd-Jones
 Eleição: Incentivo para Pregar o Evangelho – B. Tyler
 Ensino... o Cristianismo (“As Institutas”, um Resumo) – J. P. Wiles
 Entrada Triunfal em Jerusalém, A – C. H. Spurgeon
 Epístolas Pastorais, As – G. B. Wilson
 Esboços de Teologia – A. A. Hodge
 Evangelho Autêntico, O – J. E. Wilson
 Evangelho de Deus, O (Rom. Vol. 1) (bro. e enc.) – D. M. L-Jones
 Evangelização Teocêntrica – R. B. Kuiper
 Exigências de Deus, As – C. H. Spurgeon
 Expição e a Justificação, A (Rom. Vol. 3) (b/e) – D. M. L- Jones
 Fé: Dom de Deus – T. Wells
 Fé Salvador (Rom. Vol. 10) (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones

Fé Salvador (livrinho) – D. M. Lloyd-Jones
 Figueira Murcha, A – C. H. Spurgeon
 Filhos de Deus, Os (Rom. Vol. 7) (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
 Futuro Castigo Eterno – R. M. McCheyne
 Genuína Experiência Espiritual, A – J. Edwards
 George Whitefield (bro. e enc.) – A. Dallimore
 Glória de Cristo, A – J. Owen
 Grandes Doutrinas Bíblicas (vols. 1, 2, 3) – D. M. Lloyd-Jones
 Guia Seguro para o Céu, Um – J. Alleine
 História das Doutrinas Cristãs, A – L. Berkhof
 História dos Poderosos Feitos de Deus, A – C. H. Spurgeon
 Idolatria Desmascarada, A – O. Olivetti
 Igreja e o Estado: Funções Diferentes, A – D. M. Lloyd-Jones
 Inabilidade do Homem, A – C. H. Spurgeon
 Insondáveis Riquezas de Cristo, As (Ef. Vol. 3) – D. M. Lloyd-Jones
 Inspiração das Escrituras, A – J. C. Ryle
 Ira de Deus, A – D. M. Lloyd-Jones
 Jamais me Tornarei Cristão – P. Jeffery
 Jardim de Deus, O – C. H. Spurgeon
 J. Edwards e a Crucial Importância de Avivamento – D.M.L-Jones..
 Jesus Cristo e Este Crucificado – D. M. Lloyd-Jones
 João Calvino e George Whitefield – D. M. Lloyd-Jones
 John Knox, o Fundador do Puritanismo – D. M. Lloyd-Jones
 Justo Juízo de Deus, O (Rom. Vol. 2) (bro. e enc.) – D.M.L-Jones
 Lei: Funções e Limites, A (Rom. V. 6) (bro. e enc.) – D. M. L-Jones
 Liberdade e Consciência (Rom. V. 14) (bro. e enc.) – D. M. L-Jones
 Lições aos Meus Alunos (Vols. 1, 2, 3) – C. H. Spurgeon
 Livre-arbítrio: um Escravo – C. H. Spurgeon
 Mantendo a Fé Evangélica Hoje – D. M. Lloyd-Jones
 Mensagem Cristã para o Mundo, A – D. M. Lloyd-Jones
 Mensagem para Hoje – D. M. Lloyd-Jones
 Ministério Ideal, Um (Vols. 1 e 2) – C. H. Spurgeon
 Não é para Rir! – S. Jebb

Nosso Manifesto – C. H. Spurgeon
Novo Homem, O (Rom. Vol. 5) (bro. e enc.) – D. M. Lloyd-Jones
Oração Eficaz – C. H. Spurgeon
Orando no Espírito – D. M. Lloyd-Jones
Ordenação de Mulheres: que Diz o N. Testamento? – A. N. Lopes
Outro Evangelho – A. W. Pink
Para a Glória de Deus (Rom. Vol. 11) (bro. e enc.) – D. M. L-Jones
Paraíso Perdido e Recuperado – D. M. Lloyd-Jones
Pastor Aprovado, O – R. Baxter
Pecado É Coisa Séria! – R. Venning
Pecadores nas Mãos de um Deus Irado – J. Edwards
Pensando Espiritualmente – J. Owen
Perseverança Final... Santos, A (Rom. Vol. 8) (b/e) – D. M. L-Jones
Perseverança na Santidade, A – C. H. Spurgeon
Podemos Aprender da História? – D. M. Lloyd-Jones
Poder no Pulpito – H. C. Fish
Por que Prosperam os Ímpios? – D. M. Lloyd-Jones
Por Quem Cristo Morreu? – J. Owen
Precioso Sangue de Cristo, O – C. H. Spurgeon
Pregação, A – D. M. Lloyd-Jones
Pregando Cristo – E. Andrews
Princípio Regulador no Culto, O – P. Anglada
Puritanismo e Suas Origens, O – D. M. Lloyd-Jones
Puritanos e a Conversão, Os – S. Bolton, M. Vincent, T. Watson
Puritanos: Origens e Sucessores, Os (bro. e enc.) – D. M. L-Jones
Quatro Dimensões da Evangelização – O. Thomas
Que é a Igreja? – D. M. Lloyd-Jones
Que é um Cristão? – W. Mack
Que é um Evangélico? – D. M. Lloyd-Jones
Quem Foram os Puritanos? – E. Hulse
Raízes de uma Fé Autêntica, As – W. Guthrie
Reavivamentos: Sua Origem, Progresso e Realizações – E. Evans
Reconciliação: o Método de Deus (Ef. Vol. 2) – D. M. Lloyd-Jones

Redenção Particular – C. H. Spurgeon
 Rememorando a Reforma – D. M. Lloyd-Jones
 Romanos – G. B. Wilson
 Salvos desde a Eternidade (João 17, Vol. 1) – D. M. Lloyd-Jones
 Santificados mediante a Verdade (João 17, Vol. 3) – D. M. L-Jones
 Se Deus Quiser – J. Flavel
 Seguros mesmo no Mundo (João 17, Vol. 2) – D. M. Lloyd-Jones
 Senhor nosso Pastor, O – J. D. MacMillan
 Sermões de Robert Murray M^cCheyne
 Sermões do Ano de Avivamento – C. H. Spurgeon
 Sermões Evangelísticos – D. M. Lloyd-Jones
 Sermões sobre a Salvação – C. H. Spurgeon
 Sinais dos Apóstolos – W. J. Chantry
 Sistema de Apelo, O – I. H. Murray
 Soberana Vocação da Maternidade, A – W. Chantry
 Soberania de Deus na Salvação, A (Rom. V. 9) (b./e.) – D. M. L-Jones
 Sobrenatural na Medicina, O – D. M. Lloyd-Jones
 Soldado Cristão, O – D. M. Lloyd-Jones (Ef. Vol. 8)
 Somente pela Graça – A. Booth
 Spurgeon que Foi Esquecido, O – I. H. Murray
 Spurgeon versus Hipercalvinismo – I. H. Murray
 Supremo Propósito de Deus, O (Ef. Vol. 1) – D. M. Lloyd-Jones
 Tentação, A / A Mortificação do Pecado – J. Owen
 Tocha dos Puritanos, A – J. R. Beeke
 Tolerância no Novo Testamento – A. N. Lopes
 Trevas e a Luz, As – D. M. Lloyd-Jones (Ef. Vol. 5)
 Unidade Cristã, A – D. M. Lloyd-Jones (Ef. Vol. 4)
 Urgente Necessidade de Avivamento, A – D. M. Lloyd-Jones
 Verdades Chamadas Calvinistas: uma Defesa – C. H. Spurgeon
 Vida em Dois Reinos (enc. e bro.) (Rom. V. 13) – D. M. Lloyd-Jones
 Vida no Espírito – D. M. Lloyd-Jones (Ef. Vol. 6)
 Vitória: a Obra do Espírito Santo – P. Potgieter
 Vivendo com o Deus Vivo – G. Smeaton e J. Owen

A Vida de DEUS na Alma do Homem

O Dr. Wishart, diretor do King's College, de Edimburgo, publicou uma edição deste livro em 1739 com um prefácio no qual diz: “Desde quando eu tive a felicidade de tomar conhecimento deste livro, venho bendizendo a Deus de coração pelo benefício que trouxe à minha alma, e tenho desejado ardorosamente que tão precioso livro tenha um lugar em todas as famílias.”

Ele continua: “E, imagine, meus irmãos, quão ruborizados havemos de ficar ao sabermos que o digno autor deste livro o compôs antes dos vinte e sete anos de idade!” (Scougal faleceu com vinte e oito anos!)

Em seu livro, *Os Puritans: Suas Origens e Seus Sucessores*, Dr. Martyn Lloyd-Jones afirma:

“John Wesley... achou o famoso livro de Henry Scougal *The Life of God in the Soul of Man* (A Vida de Deus na Alma do Homem). Não é uma obra sobre a teologia mística, entretanto contém a mesma idéia geral de um conhecimento vivo e verdadeiro de Deus... O livro de Scougal influenciou não somente Wesley, mas também Whitefield e todos os membros do Clube Santo.”



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar - salas 14-17

01041-000 – São Paulo – SP